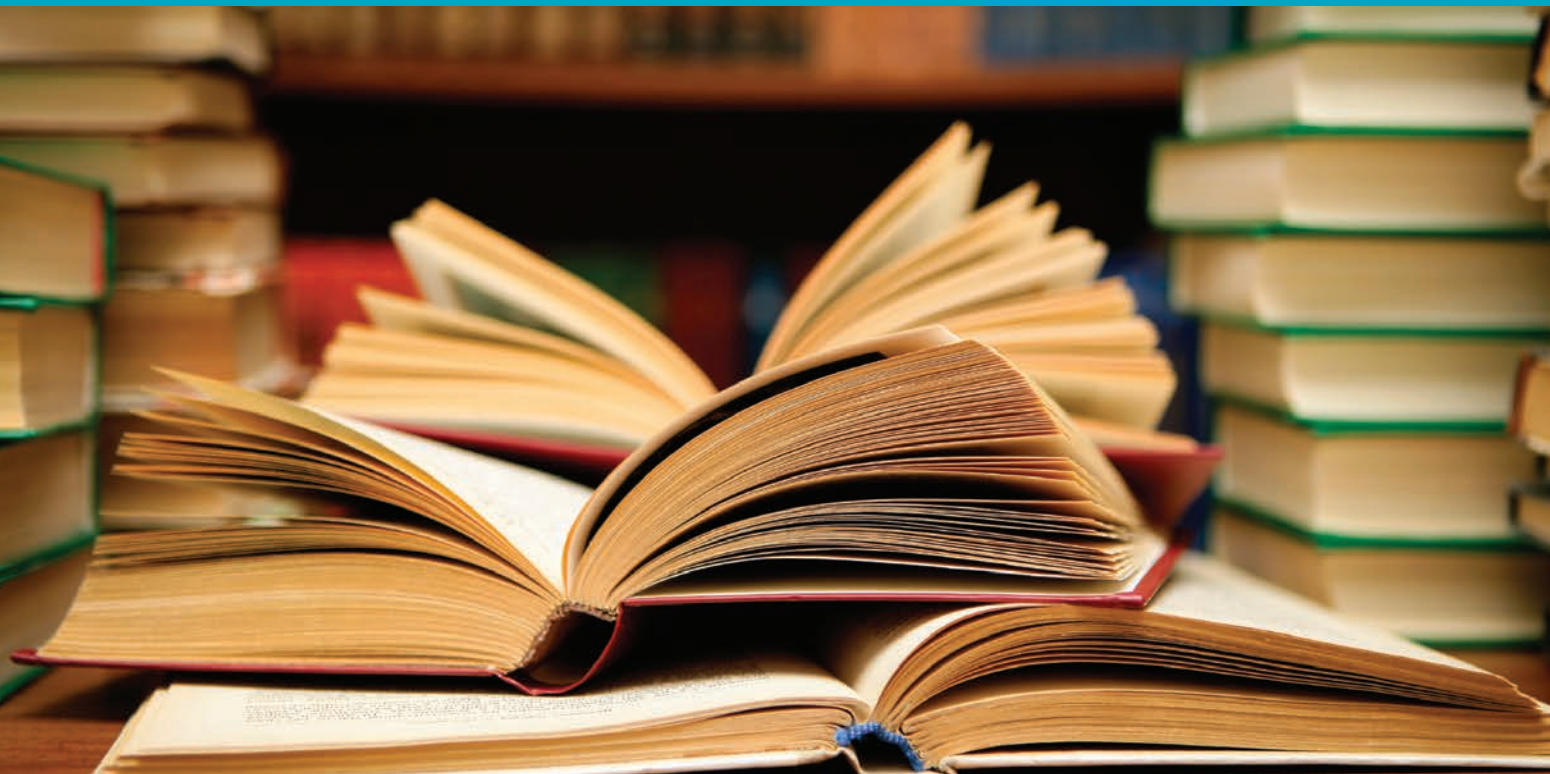
Editora
Bernoulli

LÍNGUA PORTUGUESA

Volume 05

Sumário - Língua Portuguesa

Frente A

Frente B

Frente C

LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO 13 FRENTE A

Cartas

Este módulo é dedicado ao estudo das cartas, textos de caráter predominantemente dialógico, uma vez que representam a interlocução entre dois sujeitos específicos.

Para iniciar esse estudo, leia atentamente o texto a seguir. Trata-se de uma carta redigida pela escritora Clarice Lispector em 1968 e endereçada ao então Ministro da Educação, Raymundo Moniz de Aragão. A temática da carta aborda um problema que já era discutido há mais de 40 anos e que ainda continua em pauta.

Em primeiro lugar queríamos saber se as verbas destinadas para a educação são distribuídas pelo **senhor**. Se não, esta carta deveria se dirigir ao presidente da República. A este não me **dirijo** por uma espécie de pudor, enquanto sinto-me com mais direito de falar com o ministro da Educação por já ter sido estudante.

O senhor há de estranhar que **uma simples escritora** escreva sobre um assunto tão complexo como o de verbas para educação – o que no caso significa abrir vaga para os excedentes. Mas o problema é tão grave e por vezes patético que mesmo a **mim**, não tendo ainda filhos em idade universitária, **me** toca.

O MEC, visando evitar o problema do grande número de candidatos para poucas vagas, resolveu fazer constar nos editais de vestibular que os concursos seriam classificatórios, considerando aprovados apenas os primeiros colocados dentro do número de vagas existentes. Essa medida impede qualquer ação judicial por parte dos que não são aproveitados, não impedindo, no entanto, que os alunos tenham o impulso de ir às ruas reivindicar as vagas que lhe são negadas.

Senhor ministro ou senhor presidente: "excedentes" num país que ainda está em construção?! e que precisa com urgência de homens e mulheres que o construam? Só deixar entrar nas Faculdades os que tirarem melhores notas é fugir completamente ao problema. **O senhor** já foi estudante e sabe que nem sempre os alunos que tiraram as melhores notas terminam sendo os melhores profissionais, os mais capacitados para resolver na vida real os grandes problemas que existem. E nem sempre quem tira as melhores notas e ocupa uma vaga tem pleno direito a ela. **Eu mesma fui** universitária e no vestibular classificaram-**me** entre os primeiros candidatos. No entanto, por motivos que aqui não importam, nem sequer **segui** a profissão. Na verdade **eu** não **tinha** direito à vaga.

Não **estou** de modo algum entrando em seara alheia. Esta seara é de todos **nós**. E **estou** falando em nome de tantos que, simbolicamente, é como se **o senhor** chegasse à janela de **seu** gabinete de trabalho e visse embaixo uma multidão de rapazes e moças esperando **seu** veredicto.

Ser estudante é algo muito sério. É quando os ideais se formam, é quando mais se pensa num meio de ajudar o Brasil. **Senhor ministro ou presidente da República**, impedir que jovens entrem em universidade é crime. **Perdoe** a violência da palavra. Mas é a palavra certa.

Se a verba para universidades é curta, obrigando a diminuir o número de vagas, por que não submetem os estudantes, alguns meses antes do vestibular, a exames psicotécnicos, a testes vocacionais? Isso não só serviria de eliminatória para as faculdades, como ajudaria aos estudantes em caminho errado de vocação. Esta idéia partiu de uma estudante.

Se **o senhor** soubesse do sacrifício que na maioria das vezes a família inteira faz para que um rapaz realize o seu sonho, o de estudar. Se soubesse da profunda e muitas vezes irreparável desilusão quando entra a palavra "excedente". **Falei** como uma jovem que foi excedente, perguntei-lhe como se sentira. Respondeu que se sentira desorientada e vazia, enquanto ao seu lado rapazes e moças, ao se saberem excedentes, ali mesmo começaram a chorar. E nem poderiam sair à rua para uma passeata de protesto porque sabem que a polícia poderia espancá-los.

O senhor sabe o preço dos livros para pré-vestibulares? São caríssimos, comprados à custa de grandes dificuldades, pagos em prestações. Para no fim terem sido inúteis?

Que estas páginas simbolizem uma passeata de protesto de rapazes e moças.

Clarice Lispector, 17 de fevereiro de 1968.
Disponível em: <http://estrategiaempresarial.wordpress.com>.
Acesso em: 13 maio 2011 (Adaptação).

O texto que você acabou de ler é uma carta argumentativa, gênero textual bastante solicitado nas propostas de redação. Trata-se de um texto de Clarice Lispector dirigido ao ministro da Educação e divulgado abertamente a todos. Em 1968, época de sua produção, é muito provável que essa carta tenha sido mimeografada e distribuída como um panfleto. Hoje, entretanto, circula na Internet.

Como é possível perceber, a autora se opõe ao fato de não existirem vagas para todos nas universidades públicas e solicita ao ministro mais investimentos em educação. Ao longo da carta, ela apresenta uma série de argumentos para mostrar ao ministro que é necessário investir nesse setor: diz que o país está em construção e precisa de profissionais capacitados; que o ingresso baseado em notas não garante a seleção de futuros bons profissionais; que as famílias despendem dinheiro, e os jovens, muito esforço estudando para passar no vestibular, etc.

Esse texto é um bom exemplo de carta argumentativa, embora circule sem algumas identificações básicas do gênero, como um título – no caso de carta aberta – ou identificação de local e destinatário – no caso de cartas argumentativas pessoais. Nele, há uma sequência de marcas linguísticas que simulam uma interlocução direta entre um produtor específico e um único receptor ao qual é dirigido o texto. A autora se identifica e usa exemplos pessoais como argumentos. Além disso, usa a 1ª pessoa e repete, ao longo do texto, vários pronomes que se referem a seu interlocutor. Ela faz também perguntas e solicitações, o que fica evidenciado na presença de frases interrogativas e de verbos no modo imperativo. Essas marcas comprovam o caráter dialógico das cartas, ou seja, textos desse gênero têm intenção de dialogar com um interlocutor específico, ainda que reproduzam o discurso de apenas um dos interlocutores.

Como é possível perceber, as cartas argumentativas têm muitas semelhanças com outros gêneros de natureza dissertativo-argumentativa, como o artigo de opinião e o editorial. Em todos, apresenta-se uma tese – ideia principal a ser desenvolvida no texto –, seguida de uma argumentação consistente que a sustenta. Tanto em cartas quanto em textos dissertativo-argumentativos, deve haver a exposição coesa e coerente de todo o raciocínio do autor por meio de linguagem clara e adequada à norma padrão.

Por outro lado, as cartas têm certas características que as distanciam dos textos dissertativo-argumentativos. A primeira e mais importante diferença é o fato de que são produzidas a partir de uma situação de interlocução supostamente concreta, ao contrário dos textos dissertativo-argumentativos, que tanto serão melhores, quanto mais forem universalmente válidos. Em textos dissertativo-argumentativos deve-se, preferencialmente, evitar a 1ª pessoa, bem como a interlocução direta com o leitor – evidenciada por meio de vocativos, de pronomes como "você" e "sua", de verbos no imperativo, de perguntas diretas que não são respondidas. Deve-se, também, tentar convencer um leitor universal, despersonalizado. Por isso, expor um problema ou uma situação pessoal, contar com a simpatia de quem lê ou solicitar que se responsabilize por solucionar o problema são estratégias argumentativas pouco eficazes.

Já nas cartas, o autor deve se identificar, bem como se dirigir a uma pessoa específica. Aquele que escreve a carta e a envia recebe o nome de remetente ou signatário (locutor); aquele a quem a carta é dirigida, por sua vez, recebe o nome de destinatário (interlocutor). Ao se redigir uma carta argumentativa, deve-se esforçar para que os perfis tanto do signatário quanto do destinatário fiquem bem evidenciados. O remetente ou signatário deve se apresentar e se expressar em 1ª pessoa. Deve, ao mesmo tempo, dirigir-se diretamente a seu interlocutor, com perguntas e solicitações, e tratá-lo de acordo com as convenções que sua posição na sociedade exigir. Tudo isso vai garantir que a situação de interlocução esteja bem delineada no texto.

As cartas argumentativas, além de conterem marcas de interlocução, possuem outra diferença em relação aos textos dissertativo-argumentativos. Sua estrutura formal organiza-se em partes preestabelecidas, distintas daquelas que se encontram em textos dissertativo-argumentativos. Essas partes são:

- **local e data:** aparecem no início do texto, normalmente próximos à margem esquerda da folha;
- **vocativo:** aparece logo após o local e data e é um chamamento, uma invocação que o autor da carta faz àquele a quem se dirige. O vocativo pode conter apenas o nome do destinatário ou vir acompanhado de adjetivos como "Caro(a)", "Prezado(a)", "Ilustríssimo(a)", "Excelentíssimo(a)". Isso vai depender de quem é a pessoa para quem se escreve e do grau de intimidade existente entre ela e o autor da carta ou do grau de formalidade exigido pelo cargo que tal pessoa ocupa. Após o vocativo, usa-se vírgula, dois pontos ou não se usa sinal algum de pontuação;
- **corpo do texto:** é o texto propriamente dito e deve iniciar-se uma linha após o vocativo, com letra maiúscula e recuo de parágrafo. O corpo do texto de uma carta argumentativa é composto pelas seguintes partes:

- **apresentação:** aparece, normalmente, no início do texto e é a parte em que o autor da carta se apresenta;
- **exposição do problema:** nessa parte, o autor deve apresentar a problemática que o motivou a redigir a carta e deve evidenciar o objetivo de seu texto;
- **exposição da tese:** nessa parte, o autor expõe sua perspectiva sobre o assunto e direciona o texto para a argumentação;
- **exposição de argumentos:** tal como nos textos dissertativo-argumentativos, nessa parte da carta, o autor expõe os argumentos que sustentam sua opinião sobre o assunto de maneira organizada, cuidando da coerência e da coesão do texto;
- **conclusão ou fechamento:** nessa parte, o autor encerra sua argumentação e conclui o texto, reafirmando sua tese. Vale observar que muitas propostas de redação exigem que o autor da carta exponha uma reivindicação com vista a solucionar o problema tratado ao longo do texto. Nesses casos, essa reivindicação pode aparecer explicitamente no fechamento do texto ou nele ser reiterada;

- **despedida:** aparece logo após o texto da carta e, normalmente, consiste no uso de expressões como "grato(a)", "atenciosamente", "cordialmente", "respeitosamente". A escolha da expressão a ser usada deve ser feita com base no grau de formalidade da carta;
- **assinatura:** aparece no fim da carta, geralmente alinhada à direita da margem, e identifica o remetente ou signatário.

O perfil do interlocutor (destinatário) da carta também vai influenciar na escolha da linguagem e dos argumentos a serem utilizados. Em propostas de vestibulares – em que é mais comum solicitar cartas argumentativas, cartas de leitor e, menos frequentemente, cartas abertas ou cartas-manifestos – os destinatários costumam ser articulistas, editores de jornais, autoridades civis e políticas. Cada interlocutor exige o uso de uma forma de tratamento distinta. Justamente por esse motivo, é necessário saber usar os pronomes e as formas de tratamento adequados.

Observe o quadro a seguir, o qual indica os vocativos, os pronomes e as formas de tratamento que devem ser usados de acordo com o destinatário da carta.

Vocativo	Pronome	Abreviatura	Contexto de uso
Caro amigo *Prezado amigo*	*você*	*v.*	no tratamento familiar (familiares, amigos)
Caro Senhor *Cara Senhora*	*o senhor* *a senhora*	*Sr.* *Sr.ª*	no tratamento de respeito
Prezado Senhor *Ilustríssimo Senhor*	*o senhor* *Vossa Senhoria*	*Sr.* *V.S.ª*	para pessoas de cerimônia, principalmente na correspondência comercial para funcionários graduados, executivos para autoridades civis
Excelentíssimo Senhor	*Vossa Excelência*	*V. Ex.ª*	para autoridades políticas

TOME NOTA!

Em provas de vestibular, normalmente é proibida a identificação completa do candidato. Por isso, nas propostas de redação, muitas instituições de nível superior solicitam que a identificação seja feita utilizando pseudônimos ou iniciais. Sendo assim, fique sempre atento ao comando da proposta para ter certeza de como deverá proceder ao finalizar sua carta.

TOME NOTA!

- Todos esses **pronomes de tratamento são de 3ª pessoa**. Portanto, os **verbos** e **demais pronomes** que estiverem relacionados ao interlocutor da carta devem também ser de **3ª pessoa**.
- Caso a autoridade a que a carta é dirigida for o presidente da República, não se deve usar a abreviatura V. Ex.ª.

A CARTA ARGUMENTATIVA

As cartas argumentativas têm como objetivo discutir um problema que afeta a vida da sociedade em geral ou de um grupo de pessoas.

Para conhecer melhor as características desse gênero, leia o texto a seguir, o qual foi produzido por um candidato ao vestibular de 2009 da Unicamp e citado pela comissão de vestibular como exemplo de redação acima da média.

Campinas, 16 de Novembro de 2008

Exmo. Ministro José Gomes Temporão:

A aprovação da lei Arouca, que autoriza a experimentação científica em animais, mostra-se extremamente prejudicial a sociedade brasileira. Digo isso, Senhor Ministro, não de maneira dogmática, mas sim baseado em fatos incontestaveis do meu cotidiano. Sou médico formado pela Universidade Federal de Minas Gerais e atuo há mais de 2 décadas em projetos sociais na região metropolitana de Belo Horizonte, visando atenuar o trágico quadro que assola as populações pobres desse local. Tantos anos nessa atividade ajudaram a construir um pensamento o qual não abandono: o uso de animais em pesquisas científicas não são promovedores da qualidade de vida da população. Dirijo essa carta ao senhor, Ministro, pois estou certo de que poderá influir de maneira enfática, atuando no recém criado CONCEA, na eliminação das pesquisas em animais. Reporto-me ao senhor, também, pois, conhecedor de sua trajetória, sei de que aposta na saúde básica e na prevenção como a cura de muitos males.

Quando o senhor se reunir com seus pares, no Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal, espero que se recorde dessas minhas palavras. A construção de um programa de saneamento de esgoto na periferia de BH foi responsavel pela elevação, em 15 anos de estudo, de 2,3 anos na expectativa de vida daquela micro-região. A retórica de que só a pesquisa faz com que surjam avanços para a sociedade evidencia-se mentirosa, portanto. Peço aos defensores do uso de animais para que lhe apresentem resultado tão maravilhoso como este em pesquisa com cobaias. Vultuosos recursos são utilizados no desenvolvimento de técnicas dentro dos laboratórios, enquanto a população padece de condições mínimas para majorar sua qualidade de vida. A mim, parece uma inversão de prioridades liberar recursos para serem investidos em duvidosos experimentos com animais ao invés de se promover a construção da saúde básica como fonte de incremento e elevação das condições da população.

Outro ponto relevante a ser debatido, refere-se ao grau de acomodação das pessoas à espera de soluções farmacológicas milagrosas, a despeito de criarem, elas mesmas caminhos mais saudaveis. Certa vez, estava eu em um posto de saúde em Contagem, na Região Metropolitana de BH, e eis que, senhor Ministro, deu-se um fato inusitado: Uma senhora cardiopata teve uma crise hipertensiva, e ao indagá-la sobre seus hábitos de vida e sobre o quão saudavel ela teria de ser para evitar novos sobressaltos, ela respondeu-me que não se importava com tais questões, uma vez que logo criariam nos laboratórios um remédio que a curasse. Este exemplo, senhor Ministro, não é isolado e demonstra, inequivocamente, um fato: o progresso incutiu nas pessoas uma letargia e um sentimento de submissão ao próprio progresso. Estaria o senhor perguntando-se qual a relação com o tema "uso de animais em pesquisas", e de forma objetiva, lhe afirmo: a proibição no uso de cobaias poderá servir de alerta a população, expondo-lhes que a cura dos males da humanidade não passam, unicamente pela Ciência. Hábitos da sociedade pós-moderna urgem ser revistos e certamente, assim, Ministro Temporão, os laboratórios deixarão de ser fontes únicas de esperança para a humanidade.

Um último ponto que espero que defenda no Conselho é a universalidade do debate. Muito embora alguns mecanismos, como a própria criação do conselho, tenham pluralizado de forma discreta o assunto, é notório que restringe-se, e muito, a comunidade científica. No nosso recente ambiente democrático, o qual o senhor ajudou e muito a edificar, a sociedade civil clama em ser ouvida. Em minhas jornadas por diversos bairros de BH, e creio que como Ministro deva ser um fato muito mais constante para o senhor, ouço de meus pacientes o repúdio à utilização de animais. Pesquisa divulgada pelo jornal *O Estado de Minas* revela que 73% das pessoas entrevistadas se posicionaram contrariamente a liberalização, mesmo que supervisionada, do uso de animais. Não é possível, e o senhor há de concordar, que a expressiva maioria não seja ouvida em fatos tão relevantes de nossa vida republicana.

A lei Arouca mostra-se tão deletéria quanto a vissisecção. A Constituição brasileira garante a proteção aos animais em seu artigo 225, tornando, portanto, a recém aprovada lei, inconstitucional. A luta, dentro do CONCEA, deve ser para a revogação do ponto q ue libera o uso de cobaias e estou certo de que o seu passado não lhe deixará resignar-se com tamanha barbaridade. Reforço, senhor Ministro, que a luta contra a vissisecção é demonstração da necessidade de construir um projeto que garanta a qualidade de vida de todos nós não através da tortura a animais, mas sim priorizando a saúde básica, a prevenção e a mudança de hábitos de toda a sociedade. Que sua eloquência e força política prepondere também nessa batalha.

Grato,

PHMF

Texto mantido conforme original.

Para fazer sua carta, o candidato poderia assumir o perfil de um cidadão comum, apenas interessado na atuação do CONCEA, ou poderia imaginar uma situação mais específica, de alguém que necessitasse que o Conselho fosse menos ou mais restritivo em relação à utilização de animais em experimentos científicos. Assim, faria uma carta mais interessante aquele que melhor soubesse usar a criatividade.

Como se observa a partir da leitura do texto, o candidato dirige-se ao ex-ministro José Gomes Temporão e solicita a ele que atue junto ao CONCEA a fim de impedir a utilização de cobaias em experimentos científicos. No primeiro parágrafo, o autor expõe seu ponto de vista sobre a Lei Arouca – que regula o uso de animais em experimentos – e se apresenta ao Ministro como médico sanitarista. Observe que, nesse caso, o candidato, ao escolher o perfil do responsável pela assinatura da carta, já está, de certa forma, argumentando, tendo em vista que assume a posição de uma autoridade. No desenvolvimento do texto, o signatário argumenta com base em uma série de exemplos, supostamente vivenciados em sua rotina profissional, o que contribui significativamente para reforçar sua opinião. Para finalizar o texto, o candidato reitera a solicitação dirigida ao Ministro.

Não apenas as estratégias argumentativas estão adequadas, mas também a linguagem e a estrutura da carta. Como se observa, o texto estrutura-se em local, data e vocativo, seguidos de um texto com apresentação do locutor, do seu ponto de vista e de uma argumentação consistente que sustenta sua opinião. Por fim, o candidato despede-se e assina com iniciais, conforme orientado pela banca de vestibular.

O quadro a seguir sintetiza as características do gênero estudado neste módulo.

Carta argumentativa
Discute uma questão controversa, normalmente de relevância social.
Apresenta a opinião de um único indivíduo.
Tem caráter argumentativo.
É escrita em português padrão, em linguagem clara, objetiva e pessoal.
É escrita em 1ª pessoa e apresenta várias marcas de interlocução.
É composta por: local e data, vocativo, texto, despedida e assinatura.
Dirige-se a um único interlocutor (em muitas propostas de vestibular, a uma autoridade).

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (Unicamp-SP–2010)

O tema geral da prova da primeira fase é Gerações.

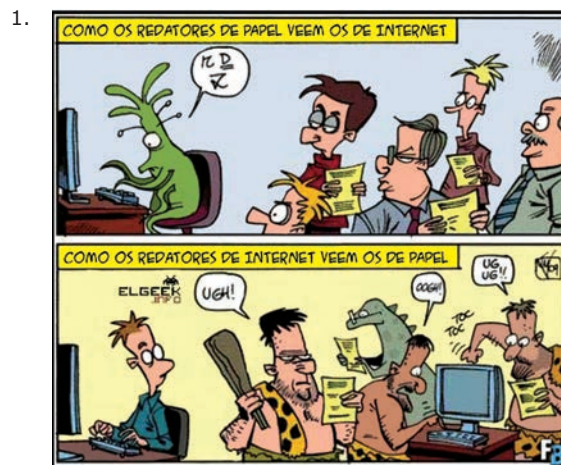
Coletânea

Leia toda a coletânea e selecione o que julgar pertinente para a realização da proposta. Articule os elementos selecionados com sua experiência de leitura e reflexão. O uso da coletânea é obrigatório.

Atenção – Sua redação será anulada se você desconsiderar a coletânea ou fugir ao recorte temático ou não atender ao tipo de texto da proposta.

Apresentação da coletânea

Em toda sociedade convivem gerações diversas, que se relacionam de formas distintas, exigindo de todos o exercício contínuo de lidar com a diferença.

1.

Disponível em:<http://festerblog.com>.

2. Para o sociólogo húngaro Karl Mannheim, a geração consiste em um grupo de pessoas nascidas na mesma época, que viveram os mesmos acontecimentos sociais durante a sua formação e crescimento e que partilham a mesma experiência histórica, sendo esta significativa para todo o grupo. Estes fatores dão origem a uma consciência comum, que permanece ao longo do respectivo curso de vida. A interação de uma geração mais nova com as precedentes origina tensões potencializadoras de mudança social. O conceito que aqui está patente atribui à geração uma forte identidade histórica, visível quando nos referimos, por exemplo, à "geração do pós-guerra".

   O conceito de "geração" impõe a consideração da complexidade dos fatores de estratificação social e da convergência sincrônica de todos eles; a geração não dilui os efeitos de classe, de gênero ou de raça na caracterização das posições sociais, mas conjuga-se com eles, numa relação que não é meramente aditiva nem complementar, antes se exerce na sua especificidade, ativando ou desativando parcialmente esses efeitos.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. In: *Educação e sociedade*. Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, maio / ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>.

3. A partir do advento do computador, as empresas se reorganizaram rapidamente nos moldes exigidos por essa nova ferramenta de gestão. As organizações procuraram avidamente os "quadros técnicos" e os encontraram na quantidade demandada. Os primeiros quadros formados tiveram em geral carreiras fulminantes. Suas trajetórias pessoais foram tomadas como referência pelos executivos mais jovens. Aqueles "grandes executivos" foram considerados portadores de uma "visão de conjunto" dos problemas empresariais, que os colocava no campo superior da "administração estratégica", enquanto o principal atributo da nova geração passa a ser a contemporaneidade tecnológica. Os constrangimentos advindos do choque geracional encarregaram-se de fazer esses "jovens" encarnarem

essa característica, dando a esse trunfo a maior rentabilidade possível. Assim, exacerbaram-se as diferenças entre os recém-chegados e os antigos ocupantes dos cargos. No plano simbólico, toda a ética construída nas carreiras autodidatas é posta em xeque no conflito que opõe a técnica dos novos executivos contra a lealdade dos antigos funcionários que, no mais das vezes, perdem até a capacidade de expressar o seu descontentamento, tamanha é a violência simbólica posta em marcha no processo, que não se trava simplesmente em cada ambiente organizacional isolado, mas se generaliza.

GRÜN, Roberto. Conflitos de geração e competição no mundo do trabalho. In: *Cadernos pagu*. Campinas, 13, p. 63-107, 1999 (Adaptação).

4. Ao longo da década de 1990, a renda das famílias brasileiras com filhos pequenos deteriorou-se com relação à das famílias de idosos. Ao mesmo tempo há crescentes evidências de que os idosos aumentaram sua responsabilidade pela provisão econômica de seus filhos adultos e netos.

GOLDANI, Ana Maria. *Relações intergeracionais e reconstrução do estado de bem-estar*: por que se deve repensar essa relação para o Brasil. p. 211. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br>.

5. As relações intergeracionais permitem a transformação e a reconstrução da tradição no espaço dos grupos sociais. A transmissão dos saberes não é linear; ambas as gerações possuem sabedorias que podem ser desconhecidas para a outra geração, e a troca de saberes possibilita vivenciar diversos modos de pensar, de agir e de sentir, e assim, renovar as opiniões e visões acerca do mundo e das pessoas. As gerações se renovam e se transformam reciprocamente, em um movimento constante de construção e desconstrução.

CARVALHO, Maria Clotilde B. N. M. de. *Diálogo intergeracional entre idosos e crianças.* Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2007. p. 52 (Adaptação).

6.

Disponível em: <http://humornainformatica.blogspot.com>.

Proposta

Leia a coletânea e elabore sua carta a partir do seguinte recorte temático:

> As diferenças entre gerações são percebidas também no plano institucional como, por exemplo, no ambiente de trabalho.

Instruções:

1. Coloque-se na posição de um gerente, recém-contratado por uma empresa tradicional no mercado, que precisa convencer os acionistas da necessidade de modernizá-la.
2. **EXPLICITE** as mudanças necessárias e suas implicações.
3. **DIRIJA-SE** aos acionistas por meio de uma carta em que defenda seu ponto de vista.

Observação: Ao assinar a carta, use apenas suas iniciais, de modo a não se identificar.

02. (PUC Minas–2010 / Adaptado) Leia os trechos a seguir, retirados de matéria publicada no jornal *O Globo*, em 02 de abril de 2004.

O ministro da Igualdade Racial, Édson Santos, defendeu as cotas: — Uma grande nação não se constrói em cima de desigualdades. Sem políticas específicas para os negros, segundo Santos, o Brasil precisaria de pelo menos três décadas para superar as disparidades raciais, caso fosse mantido o ritmo de crescimento econômico anterior à crise.

O presidente da comissão, Demóstenes Torres (DEM-GO), apresentará voto em separado. Ele é contra a reserva de vagas para negros, sob o argumento de que estudantes pobres devem ter direito ao benefício, independentemente da cor. Demóstenes pensa em reduzir o percentual de vagas para cotas: — Vamos estudar até que ponto vai a autonomia universitária — declarou o senador.

Disponível em: <http://www.andifes.org.br>. Acesso em: 04 set. 2009.

A discussão sobre o sistema de reserva de cotas nas instituições universitárias públicas federais é um dos muitos momentos em que a sociedade brasileira toma a exclusão e o preconceito como tema de seus debates.

Para a produção de texto, considere a seguinte orientação: Você deverá assumir a condição de representante dos alunos de ensino médio da sua escola e escrever uma carta argumentativa a uma das autoridades citadas nos textos motivadores, contra-argumentando as ideias em que se fundamenta o ponto de vista do interlocutor escolhido e apresentando sua própria opinião sobre as cotas.

03. (UFOP-MG–2010)

O Pré-Sal e o desenvolvimento sustentável

A descoberta de petróleo na camada denominada Pré-Sal tem chamado a atenção do mundo inteiro. Isso não é por acaso. Economicamente e estrategicamente esse fato pode ser encarado como uma das grandes descobertas de recursos naturais economicamente exploráveis dos últimos tempos. Além disso, trata-se da descoberta de uma imensa riqueza em terras de um país corriqueiramente denominado de "em desenvolvimento". O fato de existir petróleo a ser explorado em grande quantidade no fundo do Atlântico torna o Brasil como aspirante a membro da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), colocando-o tranquilamente entre os dez maiores produtores de tal produto. [...] Por ser um recurso natural não renovável, o mundo já

preocupava-se (*sic*) com a necessidade de substituição de tal matriz [...] Os iniciais 5 a 8 bilhões de barris e possivelmente até 80 bilhões de barris caíram como uma bomba destruindo todas as previsões de um fim muito próximo das reservas mundiais. O preço do barril de petróleo, que estava nas alturas, hoje já não preocupa tanto. Sem sombra de dúvidas, economicamente o Brasil dá um salto importante em uma época estratégica, onde (*sic*) o "milagre do crescimento dá as caras" e as reservas de outros importantes exportadores do produto já não são tão grandes.

No entanto, uma coisa me preocupa. É notório e ratificado que os principais efeitos relacionados às mudanças climáticas globais são advindos, em grande parte, do uso de combustíveis fósseis. A utilização de matrizes energéticas mais limpas vem sendo apontada como a única saída disponível para obter-se um desenvolvimento econômico e ambiental concomitantes. Em outras palavras, o tão falado desenvolvimento sustentável. O Brasil sempre foi visto com bons olhos no cenário mundial pela utilização de biocombustíveis e também pela possibilidade de geração de energia hidroelétrica, solar e eólica. Mas e agora? Com a descoberta dessa imensa jazida de petróleo, será que os olhos dos governantes brasileiros continuarão voltados para o desenvolvimento dessas fontes energéticas "mais limpas"? Sinceramente, tenho minhas dúvidas. Governos diferentes passarão ao longo da exploração do pré-sal e, nesse sentido, não sabe-se (*sic*) que uso se dará ao mesmo. [...] Resumindo, a descoberta do petróleo do pré-sal pode retardar a busca por novas matrizes energéticas, o que, por sua vez, provavelmente retardará o alcance dessas novas tecnologias limpas.

Para finalizar, volto a ratificar a importância dessa descoberta, colocando o Brasil definitivamente como um dos protagonistas do cenário mundial. [...] Porém, ambientalmente me preocupa o modo como essa riqueza será administrada. É necessário encontrarmos um ponto de equilíbrio entre a riqueza proveniente de tal recurso e a responsabilidade ambiental brasileira. E essa última, por sua vez, não pode estar só relacionada ao país em si. Ela deve estar intimamente ligada também com o planeta como um todo, afinal de contas, as mudanças são globais e não locais.

PACHECO, Carlos. Disponível em: <http://scienceblogs.com.br>. Acesso em: 09 set. 2009.

Nesse texto, apresentado no fórum de discussões sobre mudanças climáticas promovido pelo *site* Scienceblogs, o autor apresenta a descoberta de petróleo na camada "pré-sal" como algo que, apesar de importante para o desenvolvimento econômico brasileiro, pode contribuir para o adiamento da busca das chamadas matrizes energéticas "limpas". Assim que foi postado, houve várias intervenções de internautas tecendo comentários sobre o texto de Carlos Pacheco.

Coloque-se também como um desses internautas e **REDIJA** uma carta argumentativa, dirigida ao autor do referido texto, em que você faça uma análise da questão com base nos argumentos por ele apresentados e em seus conhecimentos sobre o assunto.

Atenção: você deve assinar a carta com a expressão: "Um internauta".

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

(AFA-SP–2008) **Instrução:** Responda às questões de **01** a **07** de acordo com o texto.

Carta do Índio Chefe Seattle, "Manifesto da Terra-Mãe"

Como podeis comprar ou vender o céu, o calor da terra? A idéia não tem sentido para nós. Se não somos donos da frescura do ar ou do brilho das águas, como podeis querer comprá-los? Qualquer parte desta terra é sagrada para meu povo. Qualquer folha de pinheiro, cada grão de areia nas praias, a neblina nos bosques sombrios, cada monte e até o zumbido do inseto, tudo é sagrado na memória e no passado do meu povo. A seiva que percorre o interior das árvores leva em si as memórias do homem vermelho. [...]

Nós sabemos que o homem branco não entende o nosso modo de ser. Ele não sabe distinguir um pedaço de terra de outro qualquer, pois é um estranho que vem de noite e rouba da terra tudo de que precisa. A terra não é sua irmã, mas sua inimiga, depois de vencida e conquistada, ele vai embora, à procura de outro lugar. [...]

O ar é inestimável para o homem vermelho, pois dele todos se alimentam. Os animais, as árvores, o homem, todos respiram o mesmo ar. O homem branco parece não se importar com o ar que respira. Como um cadáver em decomposição, ele é insensível ao mau cheiro. Mas se vós venderdes nossa terra, deveis recordar que o ar é precioso para nós, que o ar insufla seu espírito em todas as coisas que dele vivem. O vento que deu aos nossos avós o primeiro sopro de vida é o mesmo que lhes recebe o último suspiro. [...]

Sou um selvagem e não compreendo como o fumegante cavalo de ferro possa ser mais importante que o bisonte, que nós caçamos apenas para sobreviver. Que será dos homens sem os animais? Se todos os animais desaparecem, o homem morrerá de solidão espiritual. Porque o que suceder aos animais afetará os homens. Tudo está ligado.

Deveis ensinar a vossos filhos que o solo que pisam são as cinzas de nossos avós. Para que eles respeitem a terra, ensina-lhes que ela é rica pela vida dos seres de todas as espécies. Ensinai aos vossos filhos o que nós ensinamos aos nossos: que a terra é a nossa mãe. Quando o homem cospe sobre a terra, cospe sobre si mesmo. De uma coisa nós temos certeza: a terra não pertence ao homem branco; o homem branco é que pertence à terra. Disso nós temos a certeza. Todas as coisas estão relacionadas como o sangue que une uma família. Tudo está associado. O que fere a terra fere também aos filhos da terra.

O homem não tece a teia da vida; é antes um dos seus fios. O que quer que faça a essa teia, faz a si próprio. [...]

Esta terra tem um valor inestimável para Ele, e ofender a terra é insultar o Criador. Também os brancos acabarão um dia, talvez mais cedo do que todas as outras tribos. Contaminai os vossos rios e uma noite morrerão afogados nos vossos resíduos. Contudo, caminhareis para a vossa destruição, iluminados pela força do Deus que vos trouxe a esta terra e que por algum desígnio especial vos deu o domínio sobre ela e sobre o homem vermelho.

Este destino é um mistério para nós, pois não compreendemos como será no dia em que o último bisonte for dizimado, os cavalos selvagens domesticados, os secretos recantos das florestas invadidos pelo odor do suor de muitos homens e a visão das brilhantes colinas bloqueada por fios falantes. Onde está o matagal? Desapareceu. Onde está a águia? Desapareceu. Termina a vida, começa a sobrevivência.

Disponível em: <http://mnemosyne.blog-city.com>.

01. Pode-se inferir do texto que

A) tudo o que existe faz parte do patrimônio humano, logo os homens têm o direito de dispor dele como desejarem.

B) o índio ensina seus descendentes a sugar e a retirar da terra tudo aquilo que ela pode lhes proporcionar.

C) mais importante é a preservação dos animais, pois são eles que alimentarão as gerações futuras.

D) a terra é sagrada, devemos preservá-la e respeitá-la como meio de subsistência humana.

02. O homem branco só **NÃO** é comparado a um

A) solitário espiritual.

B) estranho que vem da noite.

C) cadáver em decomposição.

D) fio da teia que tece a vida.

03. Assinale a alternativa em que a reescritura dos trechos, retirados do texto, provocou alteração sintática e / ou semântica.

A) Vender o céu, o calor da terra é atitude inconcebível para os índios.

B) O bisonte é mais importante que o cavalo de ferro fumegante, e um índio, por sua natureza, não entende que isso seja visto de outra forma.

C) As cinzas dos antepassados estão impregnadas no solo, e as gerações mais novas devem compreender isso.

D) O homem vermelho se alimenta do ar, portanto este tem valor incomensurável.

04. Pode-se afirmar que em

A) "cinzas de nossos avós", fica clara a desobrigação que o homem tem para com seus antepassados.

B) "O que fere a terra fere também aos filhos da terra.", mostra o respeito que se deve ter pelo homem, tudo é menor diante da sua supremacia.

C) "fumegante cavalo de ferro", observa-se a presença da metáfora que enfatiza a inversão de valores percebida pelo índio.

D) "Contaminai os vossos rios e uma noite morrerão afogados nos vossos resíduos.", depreende-se que o homem polui seus rios e possui capacidade para evitar que isso ocorra.

05. O texto é concluído com interrogações e afirmações. Pode-se dizer, com isso, que o locutor

A) não interfere na argumentação por se tratarem de perguntas e de respostas que não conduzem ao questionamento.

B) responsabiliza o Criador por tudo que ocorre na Terra, fazendo-nos crer que só Ele pode fazer algo.

C) nos revela que devemos cuidar do nosso ecossistema para que a raça humana seja preservada.

D) apregoa que o grande responsável é o destino, pois já estava planejado que o homem é um grande predador.

06. Considere o excerto seguinte.

> **Contudo**, caminhareis para a vossa destruição, iluminados pela força do Deus que vos trouxe a esta terra e que por algum desígnio especial [...]

Assinale a alternativa em que a substituição do conectivo **NÃO** interfere semanticamente na ideia proposta.

A) "**Pois**, caminhareis para a vossa destruição, iluminados pela força do Deus que vos trouxe a esta terra e por algum desígnio especial [...]"

B) "**Posto que**, caminhareis para a vossa destruição, iluminados pela força do Deus que vos trouxe a esta terra e por algum desígnio especial [...]"

C) "**De sorte que**, caminhareis para a vossa destruição, iluminados pela força do Deus que vos trouxe a esta terra e por algum desígnio especial [...]"

D) "**Todavia**, caminhareis para a vossa destruição, iluminados pela força do Deus que vos trouxe a esta terra e por algum desígnio especial [...]"

07. No trecho "Nós sabemos que o homem branco não entende o nosso modo de ser", o índio Chefe Seattle emite um juízo de valor que mostra o quão distinta é a cultura do homem branco da cultura indígena.

Entre as passagens, assinale aquela que **NÃO** ilustra esse choque cultural.

A) "Sou um selvagem e não compreendo como o fumegante cavalo de ferro possa ser mais importante que o bisonte, que nós caçamos apenas para sobreviver."

B) "O ar é inestimável para o homem vermelho, pois dele todos se alimentam." / "O homem branco parece não se importar com o ar que respira."

C) "O homem não tece a teia da vida; é antes um dos seus fios. O que quer que faça a essa teia, faz a si próprio. Esta terra tem um valor inestimável para Ele, e ofender a terra é insultar o Criador."

D) "Deveis ensinar a vossos filhos que o solo que pisam são as cinzas de nossos avós [...] Ensinai aos vossos filhos o que nós ensinamos aos nossos [...]".

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2010) Venho solicitar a clarividente atenção de Vossa Excelência para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil. Refiro-me, senhor presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar este esporte violento sem afetar, seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que dispôs a ser mãe. Ao que dizem os jornais, no Rio de Janeiro, já estão formados nada menos de dez quadros femininos. Em São Paulo e Belo Horizonte também já estão se constituindo outros. E, neste crescendo, dentro de um ano, é provável que em todo o Brasil estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol: ou seja: 200 núcleos destroçados da saúde de 2,2 mil futuras mães, que, além do mais, ficarão presas a uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes.

CARTA CAPITAL. Coluna Pênalti. 28 abr. 2010.

O trecho é parte de uma carta de um cidadão brasileiro, José Fuzeira, encaminhada, em abril de 1940, ao então presidente da República Getúlio Vargas. As opções linguísticas de Fuzeira mostram que seu texto foi elaborado em linguagem

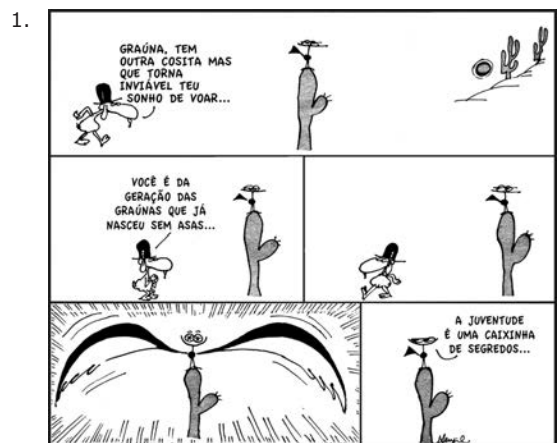
A) regional, adequada à troca de informações na situação apresentada.
B) jurídica, exigida pelo tema relacionado ao domínio do futebol.
C) coloquial, considerando-se que ele era um cidadão brasileiro comum.
D) culta, adequando-se ao seu interlocutor e à situação de comunicação.
E) informal, pressupondo o grau de escolaridade de seu interlocutor.

02. (Enem–2009) A escrita é uma das formas de expressão que as pessoas utilizam para comunicar algo e tem várias finalidades: informar, entreter, convencer, divulgar, descrever. Assim, o conhecimento acerca das variedades linguísticas sociais, regionais e de registro torna-se necessário para que se use a língua nas mais diversas situações comunicativas.

Considerando as informações anteriores, imagine que você está à procura de um emprego e encontrou duas empresas que precisam de novos funcionários. Uma delas exige uma carta de solicitação de emprego. Ao redigi-la, você

A) fará uso da linguagem metafórica.
B) apresentará elementos não verbais.
C) utilizará o registro informal.
D) evidenciará a norma padrão.
E) fará uso de gírias.

03. (Enem–1999)

1.

FRADIM. Ed. Codecri, 1997, n. 20.

2. O encontro "Vem ser cidadão" reuniu 380 jovens de 13 Estados, em Faxinal do Céu (PR). Eles foram trocar experiências sobre o chamado "protagonismo juvenil".

O termo pode até parecer feio, mas essas duas palavras significam que o jovem não precisa de adulto para encontrar o seu lugar e a sua forma de intervir na sociedade. Ele pode ser protagonista.

Para quem se revolta e quer agir, *Folha de S. Paulo*, 16 nov. 1998 (Adaptação).

3. Depoimentos de jovens participantes do encontro:

- *Eu não sinto vergonha de ser brasileiro. Eu sinto muito orgulho. Mas eu sinto vergonha por existirem muitas pessoas acomodadas. A realidade está nua e crua.* [...]

  Tem de parar com o comodismo. Não dá para passar e ver uma criança na rua e achar que não é problema seu. (E.M.O.S., 18 anos, Minas Gerais)
- *A maior dica é querer fazer. Se você é acomodado, fica esperando cair no colo, não vai acontecer nada.*

  Existe muita coisa para fazer. Mas primeiro você precisa se interessar. (C.S.Jr., 16 anos, Paraná)
- *Ser cidadão não é só conhecer os seus direitos. É participar, ser dinâmico na sua escola, no seu bairro.* (H.A., 19 anos, Amazonas)

Depoimentos extraídos de Para quem se revolta e quer agir, *Folha de S. Paulo*, 16 nov. 1998.

Com base na leitura dos quadrinhos e depoimentos, **REDIJA** um texto em prosa, do tipo dissertativo-argumentativo, sobre o tema: **Cidadania e participação social**.

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação. Depois de selecionar, organizar e relacionar os argumentos, fatos e opiniões apresentados em defesa de seu ponto de vista, elabore uma proposta de ação social.

GABARITO

Fixação

01. O aluno deve apresentar-se como um novo gerente que pretende convencer seus superiores, os acionistas, a modernizarem a empresa. Essa situação de interlocução – a de um empregado que se dirige a seus patrões – exige a composição de um texto em linguagem formal e respeitosa. Deve-se usar o vocativo "Prezados Senhores Acionistas da..." e a forma de tratamento "senhores" ao longo de todo texto, bem como escrever em linguagem padrão e culta. É interessante que o aluno imagine uma empresa de ramo específico e demonstre, por exemplo, como a informatização de processos pode aumentar a produtividade e o lucro, diminuir o desperdício de tempo e de dinheiro, melhorar a comunicação, etc.

    Pode-se mencionar, para aproveitar melhor as informações da coletânea, que a troca de experiências e a interação entre funcionários mais antigos e mais jovens é vital para o sucesso de todos. Nesse caso, o "conflito de gerações", longe de ser visto como uma disputa, deve ser entendido como uma benéfica associação entre a experiência e o empreendedorismo. A carta deve conter local e data, vocativo, texto, despedida e assinatura apenas das iniciais.

02. Para atender ao objetivo dessa proposta, o aluno deve escrever uma carta direcionada ao então ministro da Igualdade Racial, Édson Santos, se for contra a política de cotas, ou ao senador Demóstenes Torres, se for a favor dessa política. Independentemente do ponto de vista e do interlocutor escolhido, o aluno deve apresentar argumentos contrários às ideias defendidas pelo político para o qual escreve. Caso o aluno opte por escrever uma carta ao ministro, posicionando-se contra a reserva de vagas para negros em universidades, ele pode dizer que o regime de cotas raciais é injusto, tendo em vista que não contempla diretamente os que realmente têm déficit educacional, os estudantes de escolas públicas. Pode expor, ainda, que há, hoje, muitos negros que frequentam boas escolas e que seriam indevidamente privilegiados, entre outros argumentos. Se, ao contrário, o aluno direcionar sua carta ao senador, posicionando-se favoravelmente às cotas para negros, pode mencionar fatos históricos que demonstrem situações de exclusão e preconceito contra os negros e defender, por exemplo, que somente uma medida como a política de cotas seria capaz de melhorar as condições de igualdade no país. O aluno deve estruturar adequadamente o texto para que este seja identificado como uma carta e usar os pronomes e formas de tratamento adequados ao interlocutor que ele escolher.

03. A carta a ser redigida pelo aluno será supostamente veiculada em um fórum de discussões do *site* Scienceblogs. Logo, para atender ao comando da questão, deve-se contemplar o gênero carta, com a inserção de local e data, vocativo, texto com marcas de interlocução, despedida e, além disso, deve-se considerar o suporte em que tal carta será publicada, ou seja, a Internet. É importante que a redação contemple a problemática exposta pelo autor do texto motivador, ou seja, que discuta a exploração do Pré-Sal tendo em vista, por um lado, a perspectiva de desenvolvimento econômico do país e, por outro, os problemas ambientais causados pela queima de combustíveis fósseis. Embora a proposta não exija, seria interessante que o aluno se posicionasse em relação a essa problemática e, até mesmo, propusesse formas de conciliar desenvolvimento e preservação ambiental.

Propostos

01. D 03. D 05. C 07. C

02. A 04. C 06. D

Seção Enem

01. D

02. D

03. Para desenvolver sua dissertação, o aluno deve, primeiramente, observar os textos-base apresentados pela proposta: uma história em quadrinhos do cartunista Henfil sobre o potencial dos jovens; um trecho de reportagem da *Folha de S. Paulo* sobre um encontro de jovens ocorrido no Paraná, no qual se discutiu o papel do jovem na sociedade; e, na mesma reportagem, alguns depoimentos de participantes desse encontro. Após análise desses textos, o aluno deve perceber que, para discutir o tema "Cidadania e participação social", é necessário abordar a postura dos jovens, e não a de quaisquer outros grupos. Para desenvolver o texto, é possível partir, por exemplo, do conformismo de alguns jovens, que, sem exemplos de engajamento social, alienam-se e acomodam-se, conformando-se com os problemas do país em que vivem. Nesse caso, vale defender a ideia de que, para participar do processo democrático, fiscalizar, denunciar e cobrar atitudes dos governantes são ações essenciais, bem como atuar mais pragmaticamente, por exemplo, em grupos da sociedade civil organizada. Além dessa reflexão, o aluno deve também defender propostas de ação social. Para isso, pode sugerir, baseando-se nos quadrinhos de Henfil, que os jovens tentem descobrir seu próprio potencial em suas "caixinhas de segredo" para que voem em busca de mudança social.

LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO 14 FRENTE A

Carta pessoal, carta de leitor e carta aberta

Você já estudou as características linguísticas e estruturais das cartas argumentativas. Neste módulo, você conhecerá as características de outros gêneros de cartas que são solicitados em provas de redação das universidades de todo o país: a carta pessoal, a carta de leitor e a carta aberta.

CARTA PESSOAL

Cartas pessoais são aquelas usadas na comunicação entre familiares, amigos, namorados. Normalmente são afetivas e escritas em linguagem informal. Leia um exemplo.

Belo Horizonte, 30 de maio de 2009.

Amigo [...],

Sei que você está legal, e estou escrevendo esta cartinha para matar a saudade que estou sentindo. Há muito tempo sem se ver, **a gente** acaba quase se esquecendo dos amigos. É bom **nós** logo **marcarmos** alguma coisa, um pretexto qualquer para **se** encontrar, e acabar com a saudade.

Considero que amigo é aquele cara que ilumina **nosso** caminho, que ao **lhe** falar certas verdades, usando a liberdade que a amizade proporciona, sugere correções para os objetivos da **nossa** vida. Na verdade é essa a imagem do amigo que **a gente** busca.

Hoje em dia muita gente confunde o colega, ou o simples companheiro de boteco, com o verdadeiro amigo. Mas o cara equilibrado, aquele que cansou de mostrar amizade em horas difíceis da **nossa** vida, eu felizmente nunca confundi. Não dá para comparar o amigo que você é, com alguém que não faço a menor questão de ter amizade.

Meu amigão, gosto de você pelo seu espírito, pela grande camaradagem que se criou entre **nós**, além da afinidade que sempre existiu, pois não **precisamos** gostar das mesmas coisas, ou torcer pelo mesmo time, **somos** amigos e ponto final! Mesmo sem laços de família, **a gente** é quase irmãos.

Em breve **estaremos** juntos.

Um abraço,

[...]

Disponível em: <http://1001cartasdeamor.terra.com.br>. Acesso em: 18 maio 2011 (Adaptação).

Como se percebe, esse texto é escrito em uma linguagem coloquial, bem próxima da oralidade. Ao longo da carta o autor usa ao mesmo tempo pronomes e formas verbais de 1ª pessoa do plural e a forma de 3ª pessoa “a gente”. Essas palavras ora são usadas em sentido impessoal, ora são usadas para fazer referência ao remetente (eu) e a seu amigo (você) juntos (nós / a gente). É possível perceber também que o discurso da carta fundamenta-se em argumentação bastante pessoal, baseada nas vivências de quem escreve e em suas impressões da realidade.

CARTA DE LEITOR

A carta de leitor caracteriza-se por apresentar a opinião de um leitor a respeito de um texto qualquer publicado em um veículo de comunicação específico. Pode ser produzida em resposta a uma notícia, a uma reportagem, a um artigo, a um editorial, etc. O leitor que a escreve normalmente deseja elogiar uma matéria ou protestar contra seu conteúdo.

Leia um exemplo de carta de leitor para conhecer melhor as características desse gênero.

Prezado Editor,

Roberto Custódio / Jornal de Londrina

Li a matéria publicada na edição de 6 de julho, sobre os acidentes envolvendo motociclistas, e queria dizer que discordo de uma parte do que foi escrito, ou seja, sobre os causadores dos acidentes envolvendo carros e motos, um contra o outro. Na minha opinião, ao contrário do que foi escrito, creio firmemente que, em tais situações, quem mais causa acidentes são os condutores de veículos de QUATRO rodas, até mesmo por uma questão de lógica; sendo a moto um transporte tão vulnerável, chega a ser inconcebível e ao mesmo tempo cômico que alguém, conduzindo-a, contribua para a causa de acidentes em que se envolva, eis que muito provavelmente só danos irá colher; é o único resultado alcançado nessas situações, ou sempre quando um veículo de menor porte bate em outro de porte maior. O dito transporte (moto) é o meu preferido, para driblar o lento trânsito mossoroense, e digo que, conforme define o jornal no mesmo artigo, sou motociclista, respeito as leis do trânsito, mas vejo muitos carros cujos condutores não têm o devido respeito com a vida humana, salvo se não for imperícia propriamente dita. Os maiores sustos que tomei foram proporcionados justamente por motoristas desatentos, ou, no mínimo, descuidados: curvas malfeitas, celulares colados na orelha com só uma das mãos ao volante – e às vezes as duas coisas de uma vez só –, disputa pra pegar (*sic*) sinal verde – e cortá-lo se não vier outro carro em direção perpendicular –, inesperadas subidas de BR, vindos de estrada carroçável, freios bruscos e sem motivação, manobra sem sinalização prévia (dobrar sem dar sinal e vice-versa), arrancar como um jato DC-10, obrigar motociclistas a usarem de toda a habilidade – e sorte – possíveis... São muitas as razões que se encontra (*sic*) para mostrar o menosprezo de motoristas por motociclistas. Acho que isso podia ser corrigido de uma forma simples, a meu ver: bastaria que o Detran só liberasse a carteira a quem soubesse conduzir os dois veículos, para ter a medida exata do que é estar dos dois lados da situação, vendo-a por dois ângulos e entendendo-a melhor, à exatidão. Representaria crescimento para o condutor, que saberia avaliar melhor a situação do outro, ensinar-lhe-ia a respeitar o trânsito e principalmente a vida. Uma vez que lida com o mais precioso dos dons, o órgão deveria ser o mais criterioso possível, fiscalizando mesmo a quem já tivesse a primeira habilitação (que deveria ser temporária ou condicional), com blitzes contínuas e sobretudo severas e minuciosas. Minha opinião, *(sic)* não é voz isolada; em encontros de motociclistas, esporádicos ou planejados, esse assunto sempre vem à tona. Mesmo quando se para em qualquer lugar buscando proteção da chuva, não raro sempre se relata (*sic*) acontecidos envolvendo os dois tipos de veículos e a conclusão a que se chega é que a culpa é do motorista do CARRO. Alguns com detalhes bizarros: um caso relatado foi o de que um carro derrubou uma moto – e o ocupante – e a condutora do veículo que bateu saiu do carro ainda falando ao celular, apesar de achar que tinha toda a razão!

Saudações,
Juarez Belém
Motociclista - Mossoró/RN

Disponível em: <http://www.correiodatarde.com.br>. Acesso em: 24 nov. 2010.

Como é possível perceber, nessa carta, o leitor deseja protestar contra o conteúdo de uma reportagem publicada no *Correio da tarde* (Natal / Mossoró) e expressar sua própria opinião sobre o assunto. Para isso, ele, inicialmente, identifica o texto com o qual dialoga, fazendo referência ao assunto da matéria e à data em que foi publicada. Essa referência é extremamente importante nas cartas de leitor, pois é a partir dela que o destinatário, bem como os demais leitores do periódico serão capazes de entender o contexto comunicativo de produção do texto. Na carta do motociclista ao *Correio da tarde*, por exemplo, qualquer leitor do jornal é capaz de inferir o conteúdo da matéria com a qual o autor dialoga, mesmo sem ter acesso a ela, e isso deve ser possível em uma carta do leitor.

No corpo do texto, além de fazer essa referência, o autor identifica-se, expressa sua opinião sobre a matéria publicada e expõe argumentos que a sustentem. Ao contrário do que ocorre nas cartas pessoais, que são permeadas de emotividade, os argumentos usados em cartas de leitor devem ser de natureza lógica e coerentes com a realidade. A linguagem, por sua vez, deve ser formal e estar de acordo com o padrão culto formal. Nesse sentido, as cartas de leitor são bastante parecidas com qualquer outro texto de natureza dissertativo-argumentativa. Por outro lado, distanciam-se desses textos por conterem, como qualquer outra carta, marcas de pessoalidade e de interlocução.

Uma carta de leitor pode ser dirigida a diferentes interlocutores, dependendo do texto com o qual dialoga. Se comenta, por exemplo, um editorial, uma notícia ou uma reportagem, pode ser dirigida ao jornalista responsável pela matéria; se comenta um artigo de opinião, pode ser dirigida ao articulista; em ambos os casos, é possível ainda enviar a carta ao editor ou à equipe editorial do jornal ou revista.

Vale observar, ainda, que cartas de leitor costumam ser editadas pela revista ou jornal antes de serem publicadas, de modo que, quando as lemos, não as conhecemos em suas versões originais. Os periódicos, por exemplo, normalmente agrupam várias cartas que se referem a uma mesma matéria sob um título comum. São retiradas, também, algumas partes do texto, como local, data e vocativo. Entretanto, ao produzir uma carta de leitor, você deve estruturá-la de acordo com um dos seguintes modelos:

- **modelo formal:** composto por local e data, vocativo, corpo do texto, despedida e assinatura; ou
- **modelo semiformal:** composto por vocativo, corpo do texto, despedida, assinatura, local e data.

CARTA ABERTA

A carta aberta é um texto que, embora seja dirigido a um destinatário específico, é de domínio público e, normalmente, tem por objetivo discutir um problema que afeta a vida de uma coletividade. Pode ser produzida por um remetente específico ou por um grupo de pessoas que, reunidas em associações da sociedade civil, manifestam interesse em denunciar ou solucionar um problema que afeta suas vidas.

Em outros tempos, as cartas abertas eram impressas ou mimeografadas e distribuídas à população, tal como panfletos. Atualmente, com a popularização da Internet, a *Web* tem sido o principal suporte desse gênero textual. Isso se deve, é claro, ao fato de a rede de computadores possibilitar a ampla divulgação desses textos.

Leia um exemplo de carta aberta para conhecer melhor as características desse gênero.

Carta aberta ao Povo de São Paulo

A população de baixa renda que habita o centro de São Paulo está novamente sob fortes ameaças de ser expulsa de seus lares. Tal feito deve-se à intensa campanha higienista (política pública de "limpeza" social) aplicada pelo prefeito Sr. Gilberto Kassab contra os moradores da região central.

O alvo de seu mais novo ataque é um dos marcos históricos do centro, os prédios São Vito e Mercúrio. A cidade de São Paulo, verdade seja dita, tem um longo histórico de higienização de suas regiões centrais. Mesmo assim, a irracionalidade (em termos de planejamento urbano) e a crueldade empregada contra os habitantes da cidade espantam até o mais crítico dos observadores.

Os edifícios São Vito e Mercúrio, ambos capazes de abrigar 768 famílias (mais de 2,5 mil pessoas), estão na iminência de serem derrubados para dar lugar a uma praça e a um estacionamento subterrâneo, tudo isto em uma cidade com um déficit habitacional que gira em torno de um milhão e meio de moradias.

A demolição destes prédios simboliza o caráter perverso das políticas do Kassab; os custos da demolição, estimados R$ 9 330 527,03 (base: janeiro 2008) ultrapassam em muito o preço para reformar os prédios e transformá-los em moradia popular. A demolição é inclusive uma afronta à lei do plano diretor da cidade que determinou a área do São Vito como ZEIS (Zona Especial de Interesse Social), ou seja, destinada a habitação popular.

Enquanto a prefeitura empurra os moradores pobres à periferia, o centro de São Paulo é tomado por uma realidade muito diferente. Na área com melhor infra-estrutura urbana, mais de 40.000 unidades habitacionais encontram-se vazias, enquanto a população é jogada para as favelas, cortiços, pensões e loteamentos irregulares, muitos deles em áreas de mananciais, pondo em risco o próprio abastecimento de água do município.

Para demonstrar nosso repúdio às ações do prefeito e de sua cúpula, os presenteamos com uma marreta, símbolo do seu caráter destrutivo e de sua agressão, não só às moradias populares, mas a toda população de baixa renda de São Paulo. Entregamos a ele também um trator, que exemplifica o autoritarismo de uma administração norteada por métodos truculentos de um passado não tão distante.

A demolição destes prédios, que além de um descaso com os custos sociais e financeiros a serem pagos por toda a cidade, demonstram uma profunda intolerância do prefeito pelo "outro". A política de afastar, excluir e expulsar aquele que não se encaixa nas suas exigências de estética, cor e classe social expõe o que tem sido um longo e doloroso processo de desumanização da população de baixa renda do centro.

Da demolição de prédios destinados à moradia popular à execução de moradores de rua, a ideologia da exclusão social, da intolerância e do ódio propagada pelo prefeito Sr. Gilberto Kassab precisa ser exposta e rejeitada por todos os cidadãos, em defesa de uma cidade mais justa, fraterna e solidária, baseada no respeito a todas e todos.

Thomas Hobbs / Creative Commons

Núcleo de Prática Jurídica Escritório Modelo "Dom Paulo Evaristo Arns" da Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Disponível em: <http://escritoriomodelopuc.wordpress.com>. Acesso em: 18 maio 2011.

Texto mantido conforme original.

Nessa carta aberta, publicada no *blog* do Núcleo de Prática Jurídica Escritório Modelo "Dom Paulo Evaristo Arns" da Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, os autores têm por objetivo denunciar a política habitacional do governo de Gilberto Kassab e protestar contra o fato de seu governo adotar medidas de higienização excludentes. Como se percebe, nos primeiros parágrafos, a carta apresenta o problema que pretende denunciar e discutir. Logo depois, expõe uma série de argumentos que têm por objetivo fundamentar a crítica feita à política habitacional de Kassab. Para finalizar, convoca os cidadãos de São Paulo para protestarem contra as medidas propostas pelo prefeito.

A carta aberta que você leu é dirigida à população em geral, mas também são comuns cartas abertas dirigidas a autoridades. Neste último caso, é necessário usar os pronomes e as formas de tratamento adequados. Como podem ser escritas por uma única pessoa ou por um grupo com interesses comuns, é aceitável o uso da 3ª pessoa ou da 1ª pessoa do singular ou do plural. A linguagem deve ser formal e estar de acordo com a norma padrão.

Vale observar que, embora sejam cartas, textos desse gênero possuem uma estrutura um pouco distinta da estrutura das cartas tradicionais. Apresentam um título informativo, que identifica o gênero do texto, o destinatário e, muito comumente, também o assunto tratado. Podem conter ou não um vocativo que identifique o(s) destinatário(s) logo após o título. Também não é obrigatório que contenham local e data; se contiverem, essas informações devem aparecer no fim do texto, antes da(s) assinatura(s).

As cartas abertas devem ser constituídas, assim, das seguintes partes:

- **título informativo:** identifica o gênero (carta aberta), o(s) destinatário(s) e o assunto da carta;
- **vocativo (opcional):** pode aparecer logo após o título da carta e deve estar de acordo com a posição social do destinatário;
- **corpo do texto:** apresenta as seguintes informações:
  - **apresentação do problema ou denúncia:** aparece, normalmente, no início do texto e é a parte em que o(s) autor(es) identificam o problema a ser tratado;
  - **exposição da tese:** expõe a perspectiva do(s) autor(es) sobre o assunto e direciona o texto para a argumentação;
  - **exposição de argumentos:** de maneira organizada, coesa e coerente, expõe, tal como os textos dissertativo-argumentativos, os argumentos que sustentam a opinião sobre o assunto;
  - **conclusão ou fechamento:** finaliza a argumentação e conclui o texto, reafirmando a tese defendida; além disso, muito comumente, apresenta uma reivindicação – quando a carta é dirigida a uma autoridade – ou convoca os leitores para agirem com vista a solucionar o problema ou a pressionar as autoridades a resolverem-no;
- **assinatura(s):** aparece(m) no fim da carta; normalmente alinhada(s) à direita da margem e identifica(m) o(s) signatário(s).

O quadro a seguir sintetiza as características dos gêneros estudados neste módulo.

Carta pessoal	Carta de leitor	Carta aberta
Discute uma questão particular, de interesse individual.	Discute uma matéria publicada em jornal ou revista.	Discute uma questão controversa, de interesse coletivo.
Apresenta considerações de ordem pessoal e particular.	Apresenta a opinião de um leitor de um periódico específico.	Pode apresentar a opinião de um único indivíduo ou de várias pessoas reunidas em associações civis.
Tem caráter emotivo.	Tem caráter argumentativo.	Tem caráter argumentativo.
É escrita em linguagem pessoal, informal e familiar.	É escrita em português padrão, em linguagem clara, objetiva e pessoal.	É escrito em português padrão, em linguagem clara e objetiva.
É escrita em 1ª pessoa e apresenta várias marcas de interlocução.	É escrita em 1ª pessoa e apresenta várias marcas de interlocução.	Pode ser escrita em 3ª pessoa ou em 1ª pessoa do singular ou plural, dependendo de quem seja(m) o(s) autor(es).
É composta por: local e data, vocativo, texto, despedida e assinatura.	É composta por: A) local e data, vocativo, texto, despedida e assinatura; ou B) vocativo, texto, despedida, assinatura, local e data.	É composta por: título informativo, texto e assinatura. Pode conter um vocativo logo após o título e pode informar o local e data no fim do texto, mas essas partes não são obrigatórias.
Dirige-se a um interlocutor específico com quem o autor tem uma relação afetiva.	Dirige-se ao jornalista ou articulista responsável pela autoria do texto com o qual dialoga ou à equipe editorial da revista ou do jornal em que o texto foi publicado.	Dirige-se ao público em geral ou a uma autoridade capaz de tomar providências para resolver o problema denunciado.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (UEM-PR–2010) Os textos a seguir abordam uma temática única: o sal na alimentação humana. Leia-os e selecione as informações necessárias para a produção do gênero textual solicitado.

Como reduzir a ingestão de sal?

O brasileiro consome quase o dobro da quantidade ideal

Muito sal

Devido a sua composição, a falta de sal no organismo pode, por exemplo, causar distúrbios mentais, hipotireoidismo, abortos espontâneos, nascimento de bebês mortos e de crianças com baixo peso. Isso não significa que o sal pode ser consumido em abundância. Como qualquer outro alimento, ele precisa ser ingerido na quantidade adequada para produzir benefícios e afastar os riscos ligados ao seu consumo excessivo.

O brasileiro tem comido sal demais como consequência direta da industrialização. Passamos de um país que planta e come o que colhe na lavoura, para um país que se industrializou e, agora, come alimentos processados ou industrializados. Isso pode parecer otimista, pode parecer vantajoso, mas é preocupante, uma vez que passamos a comer sal demais.

Para conseguir consumir o sal na medida certa é preciso saber que o sal é diferente de sódio. Muita gente acredita que são sinônimos e na hora de ler os rótulos dos produtos só levam em consideração a quantidade de sódio, que é apenas um dos componentes do tempero. Essa é uma conduta incorreta, que leva a consequências perigosas. Isso porque a pessoa pode fazer o cálculo nutricional do seu consumo diário de sal tomando como referência o sódio. Só para se ter uma ideia, de acordo com as diretrizes do *Guia alimentar para a população brasileira*, editado em 2006, uma pessoa deve consumir no máximo 5 gramas de sal por dia, o equivalente a uma colher de chá rasa. Ocorre que a quantidade total de sódio nesses 5 gramas é de apenas 2 gramas. O problema é que os produtos industrializados se limitam à quantidade de sódio na embalagem e não de sal, induzindo o consumidor a achar que está consumindo uma quantidade menor de sal.

Praticamente todos os alimentos industri alizados contêm sódio. Do pão integral ao refrigerante e até mesmo os sucos artificiais em pó. Os campeões são os embutidos (presunto, salame, mortadela, salsicha) e defumados, os caldos concentrados e temperos prontos, as sopas instantâneas, os salgadinhos industrializados em pacotes, os queijos amarelos, os pratos prontos congelados e as conservas.

Quem come fora regularmente tem mais dificuldade para controlar o consumo de sal, mas sempre é possível fazê-lo. A melhor estratégia para conseguir isso ainda é evitar o saleiro, uma vez que os alimentos já são normalmente preparados com mais sal e as saladas podem ser consumidas utilizando apenas o azeite, fazendo, com isso, que caia a média de ingestão de sal na refeição.

Menos sal

Embora todos se beneficiem da redução do sal, pessoas com hipertensão arterial, doenças cardíacas e hepáticas que causam retenção de líquidos e insuficiência renal devem reduzir o sal como parte fundamental do seu tratamento, pois o excesso de sal causa maior retenção de água e pode agravar essas condições clínicas.

Veja a seguir os casos clínicos em que a ordem é reduzir o sal:

Hipertensão arterial: o cloreto de sódio é um dos responsáveis pela retenção de líquido no organismo. Com isso, há um aumento no volume de sangue que circula pelos vasos sanguíneos, o que eleva a pressão arterial;

Doenças cardiovasculares: a elevação da pressão arterial também é um fator de risco para as doenças cardiovasculares;

Problemas renais: o consumo excessivo de sal, ao causar hipertensão, sobrecarrega os rins, alterando suas funções e colaborando para o acúmulo de substâncias tóxicas no sangue;

Retenção hídrica: o excesso de sódio no sangue eleva a retenção de água, o que pode provocar, além de inchaço, edemas pelo corpo.

GOMES, Eduardo. Como reduzir a ingestão de sal. Disponível em: <http://yahoo.minhavida.com.br>. Acesso em: 18 jul. 2009.

Sal: reduza o consumo

No lugar do sal, bote ervas e hortaliças. Elas ajudam seu paladar a enfrentar a fase de adaptação à comida menos salgada.

Alho e cebola

A dupla está lotada de substâncias protetoras das artérias, mas não vale comprar aqueles potes de tempero que têm sódio na formulação. Prefira os isentos da substância ou esses vegetais *in natura*.

Limão

Espremer limão na salada é uma forma de acrescentar mais vitamina C no dia a dia. A adstringência do fruto ainda ajuda a espantar a vontade de comer sal.

Ervas

Elas têm em sua composição poderosas substâncias que contribuem para o bom funcionamento de todo o organismo. Bote o alecrim nas carnes, a cebolinha no arroz, o coentro na salada, o manjericão nas massas e não se esqueça da pimenta.

Abuse da imaginação.

PEREIRA, Regina Célia. Sal: reduza o consumo. Disponível em: <http://saude.abril.com.br>. Acesso em: 30 jul. 2009.

Como leitor da revista *Saúde*, **ESCREVA** uma carta ao editor Sr. Silva, com até 15 linhas, reclamando sobre a falta de apresentação de receitas cujos temperos substituam o sal na alimentação humana. **ASSINE** a carta com o nome Leitor.

02. (CEFET-MG–2009) A entrevista a seguir trata da questão ambiental da Amazônia.

Marina Silva: [...] Nós temos seis bilhões de seres humanos que foram errando na sua existência, achando que os recursos naturais são infinitos e que nós podemos fazer o que bem queremos com a natureza. Trinta anos atrás se tinha essa visão. E hoje, conscientes de que isso não é possível, de que nós estamos comprometendo a vida no planeta, nós temos que incidir de fato. Agora, uma coisa é você pensar em termos da grande política, dos conceitos maiores em que todos concordam e acham maravilhoso. Outra coisa é quando você quer fazer isso do ponto de vista da prática e tendo que, de certa forma, contrariar interesses que, muitas vezes, são muito fortes. Então, você vai percebendo que aquilo que é uma unanimidade do ponto de vista dos conceitos e das idéias, quando você vai para a realidade objetiva, já diminui bastante a quantidade de partícipes dessa idéia. Eu sempre brinco aqui que todo mundo defende o meio ambiente desde que seja no ambiente dos outros.

SILVA, Marina. Entrevista a Sérgio de Sá. Revista *Margens / Margenes*. Belo Horizonte / Salvador / Buenos Aires, jul-dez. 2004, p. 62-67.

Escreva uma carta dirigida à redação da revista *Margens / Margenes*, a partir das ideias da ex-ministra Marina Silva, defendendo pelo menos **DUAS** propostas que poderiam contribuir para a preservação da Amazônia.

03. (PUC Minas–2009)

Leitor e não leitor

Encomendado pelo Instituto Pró-Livro, executado pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope) e coordenado pelo Observatório do Livro e da Leitura (OLL), um estudo foi aplicado em 5 012 pessoas em 311 municípios de todo o país, de 29 de novembro a 14 de dezembro de 2007, representando um contingente de mais de 172 milhões de pessoas. O método adotado para definir as categorias leitor ou não leitor foi a declaração do entrevistado de ter lido ao menos um livro nos últimos três meses. A pesquisa constatou que 95 milhões de pessoas, ou seja, 55% da população entrevistada são leitores, enquanto 77 milhões, 45% dos entrevistados, foram classificados como não leitores. Pior de tudo isso é que muitos dos 77 milhões, em idade ainda escolar, ou jamais leram um livro inteiro ou ainda não sabem ler.

FOLHA ONLINE, 26 maio 2006.

Neste trabalho de produção de texto, você, assumindo a posição de um professor de ensino médio, preocupado com o quadro desenhado pela *Folha online*, resolve escrever uma carta ao Ministro da Educação, para expressar não só seu ponto de vista acerca do problema em pauta, mas também discutir ações que poderiam contribuir para alterar tal cenário.

04. (Unicamp-SP–2008 / Adaptado)

O tema geral da prova da primeira fase é Saúde.

Leia toda a coletânea e selecione o que julgar pertinente para a realização da proposta. Articule os elementos selecionados com sua experiência de leitura e reflexão. O uso da coletânea é obrigatório.

Atenção – Sua redação será anulada se você desconsiderar a coletânea ou fugir ao recorte temático ou não atender ao tipo de texto da proposta.

Apresentação da coletânea

Um dos desafios do Estado é a promoção da saúde pública, que envolve o tratamento e também a prevenção de doenças. Nas discussões sobre saúde pública, é crescente a preocupação com medidas preventivas. Refletir sobre tais medidas significa pensar a responsabilidade do Estado, sem desconsiderar, no entanto, o papel da sociedade e de cada indivíduo.

1. O capítulo dedicado à saúde na Constituição Federal (1988) retrata o resultado de todo o processo desenvolvido ao longo de duas décadas, criando o Sistema Único de Saúde (SUS) e determinando que "a saúde é direito de todos e dever do Estado" (art. 196). A Constituição prevê o acesso universal e igualitário às ações e serviços de saúde, com prioridade para as atividades preventivas, sem prejuízo dos serviços assistenciais.

   História do SUS. Disponível em: <http://www.portal.sespa.pa.gov.br>. Acesso em: 20 ago. 2007 (Adaptação).

2. Os grandes problemas contemporâneos de saúde pública exigem a atuação eficiente do Estado que, visando à proteção da saúde da população, emprega tanto os mecanismos de persuasão (informação, fomento), quanto os meios materiais (execução de serviços) e as tradicionais medidas de polícia administrativa (condicionamento e limitação da liberdade individual). Exemplar na implementação de política pública é o caso da dengue, que se expandiu e tem-se apresentado em algumas cidades brasileiras na forma epidêmica clássica, com perspectiva de ocorrências hemorrágicas de elevada letalidade. Um importante desafio no combate à dengue tem sido o acesso aos ambientes particulares, pois os profissionais dos serviços de controle encontram, muitas vezes, os imóveis fechados ou são impedidos pelos proprietários de penetrarem nos recintos. Dada a grande capacidade dispersiva do mosquito vetor, *Aedes aegypti,* todo o esforço de controle pode ser comprometido caso os operadores de campo não tenham acesso às habitações.

   Programa Nacional de Controle da Dengue. Brasília: Fundação Nacional de Saúde, 2002 (Adaptação).

3. Com 800 mil habitantes, o Rio de Janeiro era uma cidade perigosa. Espreitando a vida dos cariocas estavam diversos tipos de doenças, bem como autoridades capazes de promover sem qualquer cerimônia uma invasão de privacidade. A capital da jovem República era uma vergonha para a nação. As políticas de saneamento de Oswaldo Cruz mexeram com a vida de todo mundo. Sobretudo dos pobres. A lei que tornou obrigatória a vacinação foi aprovada pelo governo em 31 de outubro de 1904; sua regulamentação exigia comprovantes de vacinação para matrículas em escolas, empregos, viagens, hospedagens e casamentos. A reação popular, conhecida como Revolta da Vacina, se distinguiu pelo trágico desencontro de boas intenções: as de Oswaldo Cruz e as da população. Mas em nenhum momento podemos acusar o povo de falta de clareza sobre o que acontecia à sua volta. Ele tinha noção clara dos limites da ação do Estado.

   CARVALHO, José Murilo de. Abaixo a vacina!. In: *Nossa história*, ano 2, n. 13, nov. 2004 (Adaptação).

4. Atribuir ao doente a culpa dos males que o afligem é procedimento tradicional na história da humanidade. Na Idade Média, a sociedade considerava a hanseníase um castigo de Deus para punir os ímpios. No século XIX, quando a tuberculose adquiriu características epidêmicas, dizia-se que a enfermidade acometia pessoas enfraquecidas pela vida devassa. Com a epidemia de Aids, a mesma história: apenas os promíscuos adquiririam o HIV. Coube à ciência demonstrar que são bactérias os agentes causadores de tuberculose e hanseníase, que a Aids é transmitida por um vírus, e que esses microorganismos são alheios às virtudes e fraquezas humanas. O mesmo preconceito se repete agora com a obesidade, até aqui interpretada como condição patológica associada ao pecado da gula. No entanto, a elucidação dos mecanismos de controle da fome e da saciedade tem demonstrado que engordar ou emagrecer está longe de ser mera questão de vontade.

VARELA, Dráuzio. O gordo e o magro.
Folha de S. Paulo, Ilustrada, 12 nov. 2005 (Adaptação).

5. “Nós temos uma capacidade razoável de atuar na cura, recuperação da saúde e reabilitação, mas uma capacidade reduzida no campo da promoção e prevenção”, disse [...] José Gomes Temporão. O objetivo do governo é aumentar a cobertura nas áreas de promoção da saúde e medicina preventiva. Temporão afirma que as doenças cardiovasculares – como hipertensão arterial e diabetes – são a principal causa de mortalidade, seguidas pelo câncer. Em ambos os casos, “o controle de peso, tabagismo, ingestão de álcool, sedentarismo e hábitos alimentares têm um papel extremamente importante”. Por isso, quando o Ministério atua “na educação, informação, prevenção e promoção da saúde, está evitando que muitas pessoas venham a adoecer”.

BASTOS, Alessandra. Programas assistenciais podem “desfinanciar” saúde.
Disponível em: <http://www.agenciabrasil.gov.br/notícias>.
Acesso em: 15 set. 2006 (Adaptação).

6. Apesar das inúmeras campanhas, estima-se que cerca de 30 milhões de brasileiros sejam fumantes. Segundo o Instituto Nacional do Câncer, mais de 70 mil mortes por ano podem ser atribuídas ao cigarro. O SUS gasta quase R$ 200 milhões anualmente apenas com casos de câncer relacionados ao tabagismo. Diante desse quadro, a questão é saber se o cerco ao fumo deveria ser ainda mais radical do que tem sido no Brasil. Ou seja, se medidas como a proibição das propagandas e a colocação de imagens chocantes em maços de cigarro são suficientes para conter o consumo.

O que você acha das campanhas contra o fumo?
Disponível em: <http://www.bbc.co.uk>.
Acesso em: 01 ago. 2002 (Adaptação).

7. Um mundo com risco cada vez maior de surtos de doenças, epidemias, acidentes industriais, desastres naturais e outras emergências que podem rapidamente tornar-se uma ameaça à saúde pública global: é esse o cenário traçado pelo relatório anual da Organização Mundial de Saúde (OMS). Segundo a OMS, desde 1967, terão sido identificadas mais trinta e nove novas doenças, além do HIV, do Ebola, do Marburgo e da pneumonia atípica. Outras, como a malária e a tuberculose, terão sofrido mutações e resistirão cada vez mais aos medicamentos.

“Estas ameaças tornaram-se um perigo muito grande para um mundo caracterizado por grande mobilidade, interdependência econômica e interligação eletrônica. As defesas tradicionais nas fronteiras nacionais não protegem das invasões de doenças ou de seus portadores”, disse Margaret Chan, diretora geral da OMS. “A saúde pública internacional é uma aspiração coletiva, mas também uma responsabilidade mútua”, acrescentou. O relatório deixa recomendações aos governos, entre as quais a implementação definitiva do regulamento sanitário internacional e a promoção de campanhas de prevenção e simulação de surtos epidêmicos, para garantir respostas rápidas e eficazes.

OMS prevê novas ameaças à saúde pública e pede prevenção global.
Disponível em: <http://www.ultimahora.publico.clix.pt/sociedade>. Acesso em: 23 ago. 2007 (Adaptação).

8.

Disponível em: <http://www.aids.gov.br/humor>.

9. Na 48ª sessão da Comissão de Narcóticos e Drogas da ONU, os EUA encabeçaram uma “coalizão” que rejeitou a proposta feita pelo Brasil de incluir os programas de redução de danos no conceito de Saúde como um direito básico do cidadão. A redução de danos é uma estratégia pragmática para lidar com usuários de drogas injetáveis. Disponibiliza seringas descartáveis ou mesmo drogas de forma controlada. Procura manter o viciado em contato com especialistas no tratamento médico e tem o principal objetivo de conter o avanço da Aids no grupo de risco, evitando o uso de agulhas infectadas. Apesar de soar contraditório à primeira vista, o programa é um sucesso comprovado pela classe científica. O Brasil é um dos países mais bem-sucedidos na estratégia, assim como a Grã-Bretanha, o Canadá e a Austrália. O Ministério da Saúde brasileiro, por exemplo, estima que os programas de redução de danos foram capazes de diminuir em 49% os casos de Aids em usuários de drogas injetáveis entre 1993 e 2002. A posição norte-americana reflete as políticas da Casa Branca, que se preocupou, por exemplo, em retirar a palavra “camisinha” de todos os *sites* do governo federal. Essa mesma filosofia aloca recursos para organizações americanas de combate à Aids que atuam fora dos EUA, pregando a abstinência e a fidelidade como remédios fundamentais na prevenção da doença.

ITUASSU, Arthur. EUA atacam programas de combate à AIDS.
Jornal do Brasil. 12 mar. 2005 (Adaptação).

Proposta

Trabalhe sua carta a partir do seguinte recorte temático:

> O governo brasileiro tem promovido campanhas de alcance nacional, a fim de combater o tabagismo, o uso de álcool e drogas, a proliferação da dengue, do vírus da Aids e da gripe, entre outras doenças que comprometem a saúde pública.

Instruções:

1. **ESCOLHA** uma campanha promovida pelo Ministério da Saúde que, na sua opinião, deva ser mantida.
2. **ARGUMENTE** no sentido de apontar aspectos positivos da estratégia dessa campanha.
3. **DIRIJA** sua carta ao Ministro da Saúde, justificando a manutenção da campanha escolhida.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

(UEMG–2010)

01. Leia com atenção os quadrinhos a seguir e, depois, faça o que se pede.

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Tendo-se em vista a interação que se percebe entre Mafalda e Filipe, personagens da tira apresentada, e o conteúdo da mesma, considere as seguintes afirmações:

I. O emprego da forma verbal "fala", no primeiro quadrinho, pode ser entendido como um constrangimento que Mafalda tentou causar em seu amigo Filipe, por ele desconhecer o ambiente em que se achava.

II. No primeiro quadrinho, a última frase dita por Mafalda estabelece uma relação de causa, diante do que ela disse anteriormente, no mesmo quadrinho.

III. O uso do vocábulo "então", no terceiro quadrinho, deve-se ao fato de Filipe já ter excluído, após a resposta dada por Mafalda no quadrinho anterior, a primeira hipótese que ele havia inicialmente levantado.

IV. A ausência de elementos verbais no último quadrinho confirma as respostas de Mafalda nos dois quadrinhos anteriores, além de destacar o humor presente na tira.

V. O quadrinho final faz uma dura crítica à situação em que o nosso mundo se encontra, pois nem mesmo cuidados especiais, de acordo com visão da personagem Mafalda, resolveriam a maior parte dos problemas atuais do nosso planeta.

Está **CORRETO** o que se afirmou em

A) I, II e IV. B) II, III e IV. C) I, III e V. D) II, III e V.

02. **Carta aberta ao Presidente da República**

Brasília, 04 de junho de 2009.
Exmo. Sr.
Luiz Inácio Lula da Silva
DD Presidente da República
Sr. Presidente,

Vivemos ontem um dia histórico para o país e um marco para a Amazônia, com aprovação final, pelo Senado Federal, da Medida Provisória 458 / 09, que trata sobre a regularização fundiária da região. Os objetivos de estabelecer direitos, promover justiça e inclusão social, aumentar a governança pública e combater a criminalidade, que sei terem sido sua motivação, foram distorcidos e acabaram servindo para reafirmar privilégios e o execrável viés patrimonialista que não perde ocasião de tomar de assalto o bem público, de maneira abusiva e incompatível com as necessidades do País e os interesses da maioria de sua população.

Os especialistas que acompanham a questão fundiária na Amazônia afirmam categoricamente que a MP 458, tal como foi aprovada ontem, configura grave retrocesso, como aponta o Procurador Federal do Estado do Pará, Dr. Felício Pontes.

Sendo assim, Senhor Presidente, está em suas mãos evitar um erro de grandes proporções, não condizente com o resgate social promovido pelo seu governo e com o respeito devido a tantos companheiros que deram a vida pela floresta e pelo povo da Amazônia.

Permita-me também, Senhor Presidente, e com a mesma ênfase, lhe pedir cuidados especiais na regulamentação da Medida Provisória.

Por tudo isso, Sr. Presidente, peço que Vossa Excelência vete os incisos II e IV do artigo 2º; o artigo 7º e o artigo 13.

Com respeito e a fraternidade que tem nos unido, atenciosamente,

Senadora Marina Silva

Disponível em:<http://www.greenpeace.org> (Adaptação).

O texto apresentado é uma carta aberta, gênero textual de extrema importância na vida social contemporânea, sobretudo em sociedades democráticas.
Ao ser amplamente divulgada, a carta aberta tem como meta

A) informar e conscientizar as pessoas em geral sobre um problema social ou político; assim, a carta aberta instiga o seu leitor a sustentar o apelo que compõe o conteúdo apresentado pelo seu produtor.
B) constituir o seu produtor como representante legítimo da população, tendo em vista ser ele o único credenciado a formalizar os reclames da sociedade perante a autoridade.
C) participar aos órgãos ou às autoridades competentes uma ação coletiva; por isso, a carta aberta é também conhecida e denominada de carta reivindicatória.
D) estimular e induzir o seu leitor a ponderar criticamente sobre diversos aspectos da sociedade onde vive, por meio de uma linguagem acessível a todos.

03. Leia atentamente os versos a seguir e, depois, faça o que é pedido.

Eu sei que vou te amar

Eu sei que vou te amar
Por toda a minha vida eu vou te amar
Em cada despedida, eu vou te amar
Desesperadamente, eu sei que vou te amar

E cada verso meu será
Pra te dizer
Que eu sei que vou te amar
Por toda a minha vida

Eu sei que vou chorar
A cada ausência tua, eu vou chorar
Mas cada volta tua há de apagar
O que esta tua ausência me causou

Eu sei que vou sofrer
A eterna desventura de viver
À espera de viver ao lado teu
Por toda a minha vida

Viníciuis de Morais e Tom Jobim

No texto dessa letra de música (MPB), observa-se a presença da linguagem coloquial, quando o leitor verifica

A) o uso da 2ª pessoa do singular, em ocorrências como "a cada ausência tua", forma de tratamento empregada em situações comunicativas menos formais, sobretudo quando seu produtor utiliza no texto gírias e jargões.
B) o emprego da expressão "há de apagar", uma vez que, nesse caso específico, o verbo "haver", por não ser sinônimo de existir, refere-se a uma forma típica do português falado espontaneamente.
C) a ocorrência da expressão "eu sei que vou te amar", porquanto, na linguagem coloquial, a tendência é não empregar o pronome oblíquo posposto à locução verbal; desse modo, na modalidade padrão, a forma a ser empregada seria: eu sei que vou amar-te.
D) a inversão sintática no verso "A cada ausência tua, eu vou chorar", pois, como a linguagem coloquial ocorre principalmente em situações comunicativas menos tensas e formais, é natural o uso de inversões linguísticas, como a que se observa no verso citado.

04. **Como ler bem**

O bom repórter deve ser imparcial, diz a lição número 1 do jornalismo. **Mas** o bom leitor **também** tem sua regra de ouro. Ele deve **sempre**, **sempre**, manter a cabeça aberta. O bom leitor sabe se distanciar das paixões. Está sempre disposto a ouvir uma ideia nova – **ainda que** ela coloque abaixo suas ideias antigas. **Posto assim**, ler bem parece um desafio fácil. Não é, como também não é simples ser imparcial.

SUPERINTERESSANTE, ed. n. 269, ano 23, nº 9 –
Seção ESCUTA – (Adaptação).

Constatando a presença dos elementos de coesão como fatores da construção de sentido no texto, só **NÃO** está correta a afirmação de que

A) o articulador **mas** relaciona-se semanticamente com o articulador **também**, na mesma linha, introduzindo, respectivamente, ideias de contraste e inclusão, no sentido do texto.
B) o termo **posto assim** refere-se às atitudes recomendadas ao bom leitor, anteriormente indicadas.
C) a repetição do termo **sempre** reforça a ideia de contradição entre a "lição número 1" do repórter e a "regra de ouro" do leitor.
D) o articulador representado por **ainda que** introduz o sentido de concessão, conectando as expressões "ideia nova" e "ideias antigas".

05. **Querem cassar e caçar**

Texto I

Preconceito anticristão! Esse é o nome da iniciativa do grupo Brasil para Todos e da ação da Procuradoria Regional de São Paulo. Querem proibir e promover a retirada de símbolos religiosos – como crucifixo e bíblias – que forem encontrados em áreas públicas dos órgãos federais, sob a argumentação de que o estado é laico.

Texto II

Gosto muito do seu raciocínio e da forma contundente como escreve, mas permita-me discordar. Prefiro o estado sem símbolos religiosos e patrulhador constante desse tipo de manifestação.

Texto III

Sou ateu e concordo plenamente com seu texto. Retirar os símbolos que, para a maioria, têm significado e expressão cultural é pusilânime.

VEJA, 12 ago. 2009 (Adaptação).

Analisando aspectos semânticos e pragmáticos nos três textos, só é **CORRETO** concluir que

A) o texto I coloca em oposição o significado dos verbos "cassar" e "caçar" anunciados no título.
B) os três textos mostram leitores / produtores que comungam as mesmas ideias e opiniões sobre o assunto tratado.
C) o leitor / produtor do texto III demonstra desconhecer o conteúdo expresso no texto I, por se declarar ateu.
D) o termo "patrulhador", utilizado pelo leitor / produtor do texto II, traz, no contexto apresentado, uma relação semântica com o verbo "caçar", constante no título.

06. O princípio da interpretabilidade é fator significativo na relação leitor-texto. Além disso, o conhecimento prévio do assunto e a inserção no contexto em que ocorre a produção textual são, entre outras, condições indispensáveis para que esse leitor atribua sentidos ao texto.

À vista desse comentário, leia o texto:

Tirar a roupa.
Casar com um milionário.
Ter um programa de TV.
Ser descoberta.
Tirar a roupa.
Ter um filho de pai famoso.
Fechar um grande negócio.
Lançar um CD.
Tirar a roupa.
Entrar num *reality show.*
Sair nas colunas.
Herdar uma fortuna.
Namorar um jogador de futebol.
Tirar a roupa.
Agora tem um jeito muito mais fácil
de você virar celebridade. Aguarde.

VEJA. São Paulo: Abril, ano 36, n. 42, 22 out. 2003.

Agora, considere as seguintes afirmações que são feitas a respeito do texto:

I. A repetição da frase "Tirar a roupa", ao longo do texto, ocorre somente em sentido denotativo e nos mesmos contextos.
II. A frase "Tirar a roupa", por sua repetição, constitui uma estratégia do produtor para influenciar e impactar o leitor do texto, trazendo o sentido de apelo ao consumo e ao sucesso.
III. O texto inclui-se no gênero *anúncio publicitário*, destinando-se, preferencialmente, ao público feminino.
IV. O destaque (negrito) e a disposição gráfica da palavra "celebridade", no texto, apontam para o contexto, ao evocar a questão das desigualdades sociais.
V. O enunciado "Agora tem um jeito mais fácil de você virar celebridade" estabelece um elo de sentido com as demais frases do texto, inclusive com os termos "soltos" *celebridade* e *azaléia*.

Só está **CORRETO** o que se afirmou em

A) I, III e IV.
B) II, III e V.
C) I, II e III.
D) I, III e V.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem / Modelo–2009)

Concordo plenamente com o artigo "Revolucione a sala de aula". É preciso que valorizemos o ser humano, seja ele estudante, seja professor. Acredito na importância de aprender a respeitar nossos limites e superá-los, quando possível, o que será mais fácil se pudermos desenvolver a capacidade de relacionamento em sala de aula. Como arquiteta, concordo com a postura de valorização do indivíduo, em qualquer situação: se procurarmos uma relação de respeito e colaboração, seguramente estaremos criando a base sólida de uma vida melhor.

Tania Bertoluci de Souza Porto Alegre, RS.
Disponível em: <http://www.kanitz.com.br>.
Acesso em: 02 maio 2009 (Adaptação).

Em uma sociedade letrada como a nossa, são construídos textos diversos para dar conta das necessidades cotidianas de comunicação. Assim, para utilizar-se de algum gênero textual, é preciso que conheçamos os seus elementos. A carta de leitor é um gênero textual que

A) apresenta sua estrutura por parágrafos, organizado pela tipologia da ordem da injunção (comando) e estilo de linguagem com alto grau de formalidade.
B) se inscreve em uma categoria cujo objetivo é o de descrever os assuntos e temas que circularam nos jornais e revistas do país semanalmente.
C) se organiza por uma estrutura de elementos bastante flexível em que o locutor encaminha a ampliação dos temas tratados para o veículo de comunicação.
D) se constitui por um estilo caracterizado pelo uso da variedade não padrão da língua e tema construído por fatos políticos.
E) se organiza em torno de um tema, de um estilo e em forma de paragrafação, representando, em conjunto, as ideias e opiniões de locutores que interagem diretamente com o veículo de comunicação.

02. (Enem–2000)

1.

Angeli

FOLHA DE S. PAULO , 14 maio 2000.

2. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à saúde, à alimentação, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, crueldade e opressão.

Artigo 227, Constituição da República Federativa do Brasil

3. [...] Esquina da Avenida Desembargador Santos Neves com Rua José Teixeira, na Praia do Canto, área nobre de Vitória. A.J., 13 anos, morador de Cariacica, tenta ganhar algum trocado vendendo balas para os motoristas. [...]

"Venho para a rua desde os 12 anos. Não gosto de trabalhar aqui, mas não tem outro jeito. Quero ser mecânico".

A GAZETA. 09 jun. 2000. Vitória, ES.

4. Entender a infância marginal significa entender por que um menino vai para a rua e não à escola. Essa é, em essência, a diferença entre o garoto que está dentro do carro, de vidros fechados, e aquele que se aproxima do carro para vender chiclete ou pedir esmola. E essa é a diferença entre um país desenvolvido e um país de Terceiro Mundo.

DIMENSTEIN, Gilberto. *O cidadão de papel*.
São Paulo: Ática, 2000. 19ª edição.

Com base na leitura da charge, do artigo da Constituição, do depoimento de A.J. e do trecho do livro *O cidadão de papel*, **REDIJA** um texto em prosa, do tipo dissertativo-argumentativo, sobre o tema:

Direitos da criança e do adolescente: como enfrentar esse desafio nacional?

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender o seu ponto de vista, elaborando propostas para a solução do problema discutido em seu texto.

Observações:

Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da modalidade escrita culta da língua.
Espera-se que o seu texto tenha mais do que 15 (quinze) linhas.

GABARITO

Fixação

01. O aluno deve redigir uma carta de leitor ao editor da revista *Saúde* (Sr. Silva), reclamando do fato de a revista sempre publicar receitas em que se usa o sal como tempero. É importante que o aluno, ao expor seus argumentos a fim de convercer o editor a atender sua solicitação, apresente-se como um leitor que, devido a problemas de saúde, necessita de uma dieta sem sal. Para isso, pode recorrer às informações que constam nos textos motivadores e a seus próprios conhecimentos de mundo, evidenciando os diversos malefícios que o excesso de sal causa às pessoas. A carta deve estruturar-se em: local e data, vocativo, texto, despedida e assinatura. Deve-se observar que, nessa proposta, há a determinação para que o aluno assine a carta com o nome "Leitor".

02. O aluno deve elaborar uma carta de leitor e remetê-la à redação da revista em que foi publicada a entrevista de Marina Silva. Para atender a essa proposta, é necessária a composição de uma carta em modelo formal – com local e data, vocativo, corpo do texto, despedida e assinatura – ou semiformal – com vocativo, corpo do texto, despedida, assinatura e identificação do local e data no fim da carta –, a qual deve ser dirigida à equipe editorial ou ao editor da revista. É importante também que, no corpo do texto, o remetente faça referência à entrevista de Marina Silva a fim de contextualizar o assunto da carta. No texto da ex-ministra, fica evidenciada a dificuldade de se implementarem políticas de preservação do meio ambiente em vista das divergências de interesses. Fica claro, também, que há uma enorme distância entre a teoria e a prática, pois a ex-ministra afirma que, embora todos tenham um discurso em prol da preservação, muitas vezes, as atitudes não são coerentes com esse discurso. Dessa forma, seria interessante que o aluno considerasse brevemente essa problemática antes de apresentar as duas propostas para a preservação da Amazônia. As propostas podem sugerir ações governamentais, como maior fiscalização e aplicação de multas aos infratores, mas devem considerar a dificuldade da implementação dessas medidas. Assim, seria interessante que as propostas sugerissem também a mobilização da sociedade civil e a participação de habitantes da Amazônia, que auxiliariam o Estado. Nada impede, ainda, que a proposta sugira a exploração controlada da Amazônia pela iniciativa privada, desde que se deixe claro o modo pelo qual seria possível impedir a degradação ambiental.

03. O aluno deve dirigir uma carta ao Ministro da Educação a fim de discutir o fato de as pessoas lerem pouco no Brasil e sugerir meios para melhorar esse quadro. O aluno deve, ainda, apresentar-se como um professor de ensino médio. Como se trata de uma carta a uma autoridade, é imprescindível adotar o vocativo "Excelentíssimo Senhor Ministro da Educação" e a forma de tratamento "V. Ex.ª". A linguagem deve ser formal e estar de acordo com a norma culta. É nescessária a apresentação das partes que constituem as cartas: local e data, vocativo, texto, despedida e assinatura. Para discutir o problema, o aluno pode valer-se de dados do texto motivador, bem como apresentar experiências do professor que supostamente escreve. É preciso também chamar a atenção para a gravidade do problema e, nesse sentido, mostrar como ele afeta o país como um todo. A proposta solicita, ainda, que o aluno apresente sugestões para solucionar esse quadro. Assim, é possível sugerir que o Ministro se empenhe para melhorar a qualidade de ensino em geral e, além disso, crie mais bibliotecas públicas, invista em projetos que levem a leitura aos brasileiros (como o das bibliotecas itinerantes), torne os livros mais baratos e mais acessíveis, etc.

04. Espera-se que o aluno redija sua carta considerando que as campanhas promovidas pelo Ministério da Saúde brasileiro visam, dentro de uma política formulada pelo governo, a informar e educar a população com uma gama diversa de objetivos, como o de evitar a disseminação de epidemias, o de promover o que essa política considera como bem-estar social, e também o de conter gastos do sistema público de saúde, já que, notoriamente, é menos oneroso prevenir do que tratar das doenças. Para tanto, é preciso que o aluno reflita sobre os pontos positivos da estratégia da campanha escolhida, relacionando-a com a natureza da doença.

    Os pontos positivos passam, por exemplo, por um bom diagnóstico das dificuldades inerentes ao combate à doença, tema da campanha, as quais podem ser de ordem individual ou social. Passam, ainda, pelo reconhecimento dos resultados efetivos da campanha.

    É possível a escolha de uma das campanhas mencionadas na coletânea ou de outra que o aluno venha a eleger, desde que ajustada à natureza do debate proposto pelas instruções e pelos excertos.

    O aluno deve dirigir sua carta ao Ministro da Saúde, para expor seu ponto de vista a respeito da estratégia da campanha, apresentando argumentos convincentes que justifiquem sua manutenção. Tratando-se de uma carta, deverão ser muito bem elaboradas, no texto, tanto a imagem de seu autor, quanto a do Ministro da Saúde (que poderá ser construída em termos de lugar institucional, ou particularizada na figura do atual ministro da saúde, Alexandre Padilha).

Propostos

01. B 03. C 05. D

02. A 04. C 06. B

Seção Enem

01. E

02. Nesta proposta de redação, o aluno deve se atentar aos textos motivadores para a elaboração de seu texto. A charge do cartunista Angeli retrata dois universos que, apesar de próximos, são contrastantes – anúncios de lojas sobre o dia das mães ao lado de crianças, moradoras de rua, que nem sequer têm mães. Em seguida, há um artigo da Constituição de 1988 que atribui a "família, sociedade e Estado" a responsabilidade de garantir direitos básicos da criança e do adolescente. Por fim, há o depoimento de uma criança que trabalha na rua e um trecho do livro de Gilberto Dimenstein, que trata da "infância marginal", simbolizada pela criança que "vai para a rua e não à escola". Ao fazer uma leitura atenta dos textos-base, o aluno deve perceber que, embora garantidos constitucionalmente, os direitos das crianças e dos adolescentes têm sido negligenciados, o que em muito se deve à realidade socioeconômica do Brasil e à marcante desigualdade social de nossa sociedade. É importante que o texto não se prenda a utopias e que analise a realidade de um ponto de vista crítico. Assim, o aluno deve sugerir formas de combater efetivamente a exploração das crianças e de lhes garantir os direitos previstos na Constituição. Nesse sentido, vale considerar que não será possível melhorar a qualidade da vida desse grupo sem melhorar as condições socioeconômicas da sociedade em geral, mas também é possível propor, por exemplo, a participação ativa da sociedade no sentido de denunciar a exploração.

LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO 15 FRENTE A

Descrição

A descrição consiste na recriação, por meio da linguagem verbal, de algo que o autor de uma texto quer dar a conhecer a seu leitor. Pode-se dizer que, à medida que lê um trecho descritivo, o leitor constrói para si uma imagem da pessoa, objeto ou lugar que está sendo descrito. Sendo assim, devem-se entender as descrições como textos que se caracterizam principalmente por não apresentarem passagem de tempo.

No entanto, diferentemente da narração e da dissertação, a descrição não é uma forma absolutamente autônoma. Isso significa que raramente encontramos um texto exclusivamente descritivo. O mais comum é encontrarmos descrições em textos narrativos e dissertativos.

Leia o seguinte trecho retirado do livro *Senhora,* de José de Alencar, e observe como o autor mescla trechos narrativos e descritivos para apresentar a protagonista de seu romance.

O Preço

I

Aurélia Camargo, heroína de Senhora*, de José de Alencar, e Seixas recriados pela teledramaturgia brasileira.*

Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela.

Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões.

Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade.

Era rica e formosa.

Duas opulências, que se realçam como a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, como o raio de sol no prisma do diamante.

Quem não se recorda da Aurélia Camargo, que atravessou o firmamento da Corte como brilhante meteoro, e apagou-se de repente no meio do deslumbramento que produzira o seu fulgor?

Tinha ela dezoito anos quando apareceu a primeira vez na sociedade. Não a conheciam; e logo buscaram todos com avidez informações acerca da grande novidade do dia.

Dizia-se muita coisa que não repetirei agora, pois a seu tempo saberemos a verdade, sem os comentários malévolos de que usam vesti-la os noveleiros.

Aurélia era órfã; e tinha em sua companhia uma velha parenta, viúva, D. Firmina Mascarenhas, que sempre a acompanhava na sociedade.

Mas essa parenta não passava de mãe de encomenda, para condescender com os escrúpulos da sociedade brasileira, que naquele tempo não tinha admitido ainda certa emancipação feminina.

Guardando com a viúva as deferências devidas à idade, a moça não declinava um instante do firme propósito de governar sua casa e dirigir suas ações como entendesse.

Constava também que Aurélia tinha um tutor; mas essa entidade desconhecida, a julgar pelo caráter da pupila, não devia exercer maior influência em sua vontade, do que a velha parenta.

A convicção geral era que o futuro da moça dependia exclusivamente de suas inclinações ou de seu capricho; e por isso todas as adorações se iam prostrar aos próprios pés do ídolo.

Assaltada por uma turba de pretendentes que a disputavam como o prêmio da vitória, Aurélia, com sagacidade admirável em sua idade, avaliou da situação difícil em que se achava, e dos perigos que a ameaçavam.

Daí provinha talvez a expressão cheia de desdém e um certo ar provocador, que eriçavam a sua beleza aliás tão correta e cinzelada para a meiga e serena expansão d'alma.

Se o lindo semblante não se impregnasse constantemente, ainda nos momentos de cisma e distração, dessa tinta de sarcasmo, ninguém veria nela a verdadeira fisionomia de Aurélia, e sim a máscara de alguma profunda decepção.

Como acreditar que a natureza houvesse traçado as linhas tão puras e límpidas daquele perfil para quebrar-lhes a harmonia com o riso de uma pungente ironia?

Os olhos grandes e rasgados, Deus não os aveludaria com a mais inefável ternura, se os destinasse para vibrar chispas de escárnio.

Para que a perfeição estatuária do talhe de sílfide, se em vez de arfar ao suave influxo do amor, ele devia ser agitado pelos assomos do desprezo?

Na sala, cercada de adoradores, no meio das esplêndidas reverberações de sua beleza, Aurélia bem longe de inebriar-se da adoração produzida por sua formosura, e do culto que lhe rendiam; ao contrário parecia unicamente possuída de indignação por essa turba vil e abjeta.

Não era um triunfo que ela julgasse digno de si, a torpe humilhação dessa gente ante sua riqueza. Era um desafio, que lançava ao mundo; orgulhosa de esmagá-lo sob a planta, como a um réptil venenoso.

E o mundo é assim feito; que foi o fulgor satânico da beleza dessa mulher, a sua maior sedução. Na acerba veemência da alma revolta, pressentiam-se abismos de paixão; e entrevia-se que procelas de volúpia havia de ter o amor da virgem bacante.

Se o sinistro vislumbre se apagasse de súbito, deixando a formosa estátua na penumbra suave da candura e inocência, o anjo casto e puro que havia naquela, como há em todas as moças, talvez passasse despercebido pelo turbilhão.

As revoltas mais impetuosas de Aurélia eram justamente contra a riqueza que lhe servia de trono, e sem a qual nunca por certo, apesar de suas prendas, receberia como rainha desdenhosa, a vassalagem que lhe rendiam.

Por isso mesmo considerava ela o ouro, um vil metal que rebaixava os homens; e no íntimo sentia-se profundamente humilhada pensando que para toda essa gente que a cercava, ela, a sua pessoa, não merecia uma só das bajulações que tributavam a cada um de seus mil contos de réis.

Nunca da pena de algum Chatterton desconhecido saíram mais cruciantes apóstrofes contra o dinheiro, do que vibrava muitas vezes o lábio perfumado dessa feiticeira menina, no seio de sua opulência.

Um traço basta para desenhá-la sob esta face.

Convencida de que todos os seus inúmeros apaixonados, sem exceção de um, a pretendiam unicamente pela riqueza, Aurélia reagia contra essa afronta, aplicando a esses indivíduos o mesmo estalão.

Assim costumava ela indicar o merecimento de cada um dos pretendentes, dando-lhes certo valor monetário. Em linguagem financeira, Aurélia cotava os seus adoradores pelo preço que razoavelmente poderiam obter no mercado matrimonial.

Uma noite, no Cassino, a Lísia Soares, que fazia-se íntima com ela, e desejava ardentemente vê-la casada, dirigiu-lhe um gracejo acerca do Alfredo Moreira, rapaz elegante que chegara recentemente da Europa:

– É um moço muito distinto, respondeu Aurélia sorrindo; vale bem como noivo cem contos de réis; mas eu tenho dinheiro para pagar um marido de maior preço, Lísia; não me contento com esse.

Riam-se todos destes ditos de Aurélia, e os lançavam à conta de gracinhas de moça espirituosa; porém a maior parte das senhoras, sobretudo aquelas que tinham filhas moças, não cansavam de criticar esses modos desenvoltos, impróprios de meninas bem-educadas.

Os adoradores de Aurélia sabiam, pois ela não fazia mistério, do preço de sua cotação no rol da moça; e longe de se agastarem com a franqueza, divertiam-se com o jogo que muitas vezes resultava do ágio de suas ações naquela empresa nupcial.

Dava-se isto quando qualquer dos apaixonados tinha a felicidade de fazer alguma cousa a contento da moça e satisfazer-lhe as fantasias; porque nesse caso ela elevava-lhe a cotação, assim como abaixava a daquele que a contrariava ou incorria em seu desagrado.

ALENCAR, José de. *Senhora*. 4ª ed. Editora Melhoramentos.
Disponível em: <http://vbookstore.uol.com.br>.
Acesso em: 23 maio 2011.

Nesse trecho, o autor apresenta uma imagem de Aurélia, de modo que o leitor conheça não apenas o seu exterior, mas também o seu interior.

Observa-se que José de Alencar apresenta características

A. da figura física de Aurélia: era formosa, tinha traços puros, olhos grandes e rasgados e o talhe esbelto;

B. das características pessoais de Aurélia: era jovem, mas sagaz; sedutora e espirituosa, mas ao mesmo tempo sarcástica, irônica.

C. do comportamento de Aurélia: revoltava-se contra a riqueza que tinha, desdenhava os que a bajulavam e colocava preço em seus pretendentes.

Vale observar que, embora inserida em um texto narrativo, em que, como se sabe, a ação do tempo é essencial para o desenrolar da trama, a descrição de Aurélia apresenta-a de um ponto de vista aparentemente estático. Se se voltar ao texto, será possível perceber que, nos trechos de descrição, predominam verbos no presente do indicativo e no pretérito imperfeito. O uso desse último tempo verbal ocorre, no contexto, porque a história é narrada no tempo pretérito, mas sugere que as ações de Aurélia eram habituais, constantes, o que cria o efeito de uma descrição estática.

As descrições, em um texto narrativo, funcionam como índices que remetem o leitor a um outro dado da história, como o caráter da personagem, o ambiente em que ocorrem os fatos, a razão por que determinada personagem impressiona as outras, por exemplo. No caso de Aurélia, sua juventude e beleza contrastavam com sua forma provocadora e sarcástica de falar e agir. Isso a fazia o centro das atenções, um mistério a ser desvendado.

Nos textos de caráter expositivo, a descrição comumente está relacionada à funcionalidade do objeto ou ao processo de que faz parte. Nesses textos, a percepção do objeto é guiada pela finalidade do autor.

Leia a descrição do resultado do desempenho do Renault Mégane em um teste comparativo com o Civic, o Corolla e o Vectra realizado pela revista *Quatro rodas*.

Sedãs médios - Renault Mégane Dynamique

O Mégane tem pára-lamas maleáveis, de plástico, que machucam menos os pedestres e são mais baratos de trocar

O Mégane Dynamique é o único modelo topo de linha do comparativo. O que você ganha com isso? Sofisticações que as montadoras concorrentes guardam para as versões mais caras. Caso do câmbio automático seqüencial, com trocas manuais, que a Honda reserva para o Civic EXS, de 77600 reais, mas que a Renault entrega neste modelo de 69990 reais (é o mais caro do comparativo). *O câmbio seqüencial não tem quinta marcha nem borboletas no volante, mas é decisivo para fazer deste Mégane um carro gostoso de dirigir.*

Fora pela alavanca com opção de trocas seqüenciais (à moda Tiptronic), trata-se do câmbio usado na Scénic, que tem dez padrões de troca de marcha e escolhe de acordo com o estilo de dirigir do motorista. Se ele for agressivo, perceberá que a carroceria inclina demais nas curvas – chama atenção, mas não chega a comprometer a segurança.

O Mégane é o carro que melhor veste, com ajustes de banco e volante tão bons quanto os de Civic e Vectra. Ainda há um exclusivo encosto de cabeça ajustável para cima e para a frente, que deixa o motorista dirigir totalmente apoiado pelo banco, com segurança e conforto, sem parecer um aluno de auto-escola.

Os vidros elétricos são do tipo um-toque para todos os passageiros (para cima e para baixo, com antiesmagamento) e fecham no controle remoto da chave. O rádio tem comandos-satélites, como o Chevrolet, só que numa posição muito melhor, atrás do volante. Pode ficar ligado sem a chave no contato, mas não tem MP3. Quem quiser mais músicas terá que recorrer à disqueteira para seis CDs, único opcional do carro.

Temos de série piloto automático, faróis de neblina e um computador de bordo que acompanha, inclusive, o nível do óleo e quantos quilômetros faltam para trocá-lo. A rigor, só não tem encosto de braço no banco traseiro. Como se vê, o sedã da Renault reúne quase todos os pontos fortes dos concorrentes. Por que ele não é o vencedor do comparativo? Porque o Civic tem altos e baixos, mas os altos são mais altos.

O Mégane tem garantia de dois anos, enquanto os concorrentes oferecem três. *E, na cidade, bebe mais que o sedento Vectra (e, ao contrário deste, não é bicombustível). O motor 2.0 da Renault, importado da França, traz biografia parecida com a do 2.0 nacional da Chevrolet: tem bloco de ferro fundido e foi modernizado com o tempo. Mas o Renault é um projeto dez anos mais recente e o trabalho de atualização foi mais completo. Destaque para as quatro válvulas por cilindro, com comando de abertura variável.*

O Mégane gosta de beber, como o Vectra, mas anda rápido como os japoneses. E é o mais silencioso, a ponto de exigir atenção para ver se o motor desligou. Não basta tirar a chave-cartão do contato, precisa apertar o botão "stop", *e ele nem sempre atende. Ao voltar, você pode encontrar uma cortina de fumaça na garagem.*

O porta-malas é o segundo mais generoso (520 litros – no Vectra são 526) e usa articulação pantográfica, que não invade o espaço das malas. E tem uma curiosidade: o fundo é feito de plástico, assim como os pára-lamas. Serve para emagrecer o carro (o Mégane é o mais obeso da turma, 225 quilos acima do esbelto Corolla) e para baixar o orçamento da oficina, em caso de acidente. O Mégane recebeu índice 18 no teste de reparação do Cesvi, contra 25 pontos do Vectra e 22 do Corolla. *Isso quer dizer que, na mesma batida, o conserto do Renault fica entre 3100 e 3300 reais e o do Chevrolet, de 4300 a 4500 reais.*

Disponível em: <http://quatrorodas.abril.com.br>.
Acesso em: 18 maio 2011

É possível observar que os trechos descritivos evidenciam a intenção do autor da reportagem. Como o carro ficou em segundo lugar no teste comparativo, ressaltam-se mais as qualidades que o fizeram alcançar essa colocação que as características que não o levaram a vencer o teste.

Diferentemente do que ocorre no primeiro capítulo de *Senhora*, esse texto não está inserido em uma narrativa. Nesse caso, nos trechos estritamente descritivos, predomina o uso do presente do indicativo, tempo verbal que indica ações e estados permanentes.

Vale observar, também, que a revista *Quatro rodas* apresenta uma descrição objetiva, técnica, enquanto o texto de José de Alencar apresenta a personagem sob uma ótica bastante subjetiva, o que é próprio dos textos literários. Desse modo, pode-se afirmar que o grau de objetividade das descrições varia conforme a funcionalidade do texto.

Leia as descrições a seguir e procure observar tanto o grau de objetividade presente em cada uma delas, como os tempos verbais predominantes. Relacione esses aspectos à funcionalidade dos textos.

Texto I

Um clipe, dois clipes

SXC

Este pequeno objeto que agora descrevemos encontra-se sobre uma mesa de escritório e sua função é a de prender folhas de papel.

Tem o formato semelhante ao de uma torre de igreja. É constituído por um único fio metálico que, dando duas voltas sobre si mesmo, assume a configuração de dois desenhos (um dentro do outro), cada um deles apresentando uma forma específica. Essa forma é composta por duas figuras geométricas: um retângulo cujo lado maior apresenta aproximadamente três centímetros e um lado menor de cerca de um centímetro e meio; um dos seus lados menores é, ao mesmo tempo, a base de um triângulo equilátero, o que acaba por torná-lo um objeto ligeiramente pontiagudo.

O material metálico de que é feito confere-lhe um peso insignificante. Por ser niquelado, apresenta um brilho suave. Prendemos as folhas de papel, fazendo com que elas se encaixem no meio dele.

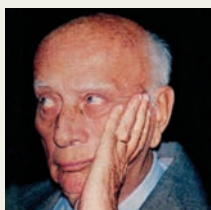
Está presente em todos os escritórios ou lugares em que seja necessário separar folhas em blocos determinados. Embora aparentemente insignificante, dadas as suas reduzidas dimensões, é muito útil na organização de papéis.

GRANATIC, Branca. *Técnicas básicas de redação.* São Paulo: Ed. Scipione, 1995. p. 53-54.

Grau de objetividade do texto: ______________________________

Tempos verbais predominantes: ______________________________

Justificativa: ______________________________

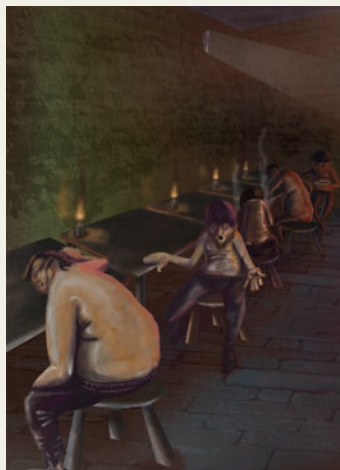
Texto II

Ulysses era impressionante sob vários aspectos, o primeiro e mais óbvio dos quais era a própria figura. Contemplado de perto, cara a cara, ele tinha a oferecer o contraste entre as longas pálpebras, que subiam e desciam pesadas como cortinas de ferro, e os olhos claríssimos, de um azul leve como o ar. As pálpebras anunciavam profundezas insondáveis. Quando ele as abria parecia estar chegando de regiões inacessíveis, a região dentro de si onde guardava sua força.

TOLEDO, Roberto Pompeu de.
Veja, 21 out. 1992.

Grau de objetividade do texto: ______________________________

Tempos verbais predominantes: ______________________________

Justificativa: ______________________________

Texto III

Ângelo Carvalho

Entramos de esguelha, e logo a rótula se fecha num quadro inédito. O nº 19 do Beco dos Ferreiros é a visão oriental das lôbregas bodegas de Xangai. Há uma vasta sala estreita e comprida, inteiramente em treva. A atmosfera pesada, oleosa, quase sufoca. Dois renques de mesas, com as cabeceiras coladas às paredes, estendem-se até o fundo cobertas de esteirinhas. Em cada uma dessas mesas, do lado esquerdo, tremeluz a chama de uma candeia de azeite ou de álcool.

A custo, os nossos olhos acostumam-se à escuridão, acompanham a candelária de luzes até ao fim, até uma alta parede encardida, e descobrem em cada mesa um cachimbo grande e um corpo amarelo, nu da cintura para cima, corpo que se levanta assustado, contorcionando os braços moles. Há chins magros, chins gordos, de cabelo branco, de caras despeladas, chins trigueiros, com a pele cor de manga, chins cor de oca, chins com a amarelidão da cera nos círios.

As lâmpadas tremem, esticam-se na ânsia de queimar o narcótico mortal. Ao fundo um velho idiota, com as pernas cruzadas em torno de um balde, atira com dois pauzinhos arroz à boca. O ambiente tem um cheiro inenarrável, os corpos movem-se como larvas de um pesadelo e essas quinze caras estúpidas, arrancadas ao bálsamo que lhes cicatriza a alma, olham-nos com o susto covarde de *coolies* espancados. E todos murmuram medrosamente, com os pés nus, as mãos sujas:

– Não tem dinheiro... não tem dinheiro... faz mal!

JOÃO DO RIO (Paulo Barreto). *A alma encantadora das ruas*.
Disponível em: <http://www.biblio.com.br>. Acesso em: 02 abr. 2010

Grau de objetividade do texto: ______________________________

Tempos verbais predominantes: ______________________________

Justificativa: ______________________________

Texto IV

Era às seis da tarde, defronte do mar. Já o sol morrera e os espaços eram pálidos e azuis. As linhas da cidade se adoçavam na claridade de opala da tarde maravilhosa. Ao longe, a bruma envolvia as fortalezas, escalava os céus, cortava o horizonte numa longa barra cor de malva e, emergindo dessa agonia de cores, mais negros ou mais vagos, os montes, o Pão de Açúcar, S. Bento, o Castelo apareciam num tranqüilo esplendor. Nós estávamos em Santa Luzia, defronte da Misericórdia, onde tínhamos ido ver um pobre rapaz eterômano, encontrado à noite com o crânio partido numa rua qualquer. A aragem rumorejava em cima a trama das grandes mangueiras folhudas, dos tamarindeiros e dos *flamboyants*, e a paisagem tinha um ar de sonho. Não era a praia dos pescadores e dos vagabundos tão nossa conhecida, era um trecho de Argel, de Nice, um panorama de visão sob as estrelas doiradas.

JOÃO DO RIO (Paulo Barreto). *A alma encantadora das ruas.* Disponível em: <http://www.biblio.com.br>. Acesso em: 02 abr. 2010.

Grau de objetividade do texto: ______________________________

Tempos verbais predominantes: ______________________________

Justificativa: ______________________________

Os textos descritivos não têm, como outros tipos já estudados, uma estrutura preestabelecida. Normalmente, configuram-se em torno das características do objeto, pessoa ou lugar descrito, organizando-as em categorias que, dependendo do que é retratado, podem ser físicas, psicológicas, visuais, aromáticas, sonoras, funcionais, sociais, econômicas, etc. A professora Branca Granatic, entretanto, sugere alguns esquemas para se descreverem objetos, pessoas, ambientes e paisagens. O quadro a seguir apresenta essas sugestões. Vale observar que esses esquemas servem como orientação, e não devem ser considerados como fórmulas absolutas a serem seguidas.

DESCRIÇÃO	Objetos	Pessoas	Ambientes	Paisagens
Introdução	Observações gerais sobre procedência ou localização.	Primeira impressão ou observações de caráter geral.	Observação de caráter geral.	Comentários sobre a localização ou qualquer referência de caráter geral.
Desenvolvimento	Enumeração e detalhamento das características: formato, dimensão, material, peso, cor, por exemplo.	Apresentação das características físicas e psicológicas (personalidade, temperamento, preferências, postura, objetivos).	Enumeração de detalhes referentes à estrutura global do ambiente, seguida da apresentação de detalhes específicos e relevantes.	Observação do plano de fundo e, em seguida, dos elementos mais próximos do observador.
Fechamento	Observações gerais sobre sua funcionalidade ou qualquer comentário que aborde o objeto como um todo.	Retomada de qualquer aspecto de caráter geral que seja evidente e importante para caracterização da pessoa descrita.	Observações sobre a atmosfera do ambiente.	Comentários de caráter geral acerca da impressão que a paisagem causa.

LEITURA COMPLEMENTAR

A alma das coisas

Descrição miudamente fiel é, como em certos quadros, uma espécie de natureza-morta. Portanto, o que é preciso é captar a alma das coisas, ressaltando aqueles aspectos que mais impressionam os sentidos, destacando o seu "caráter", as suas peculiaridades.

É preciso saber selecionar os detalhes, saber reagrupá-los, analisá-los para se conseguir uma imagem e não uma cópia do objeto. É preciso mostrar as relações entre as suas partes para melhor compreendê-lo no seu conjunto e melhor senti-lo como impressão viva.

Para conseguir isso, é preciso saber observar, é preciso ter imaginação e dispor de recursos de expressão.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 3. ed. Rio de Janeiro: FVG, 1976. p. 216.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (UNIRIO-RJ)

> Dunas de areia estendem-se ao longo de toda a praia de Lagoa do Mato. Fora do circuito tradicional do litoral cearense, Lagoa do Mato lembra a sua vizinha Canoa Quebrada antes de ser descoberta e ganhar uma infraestrutura que hoje inclui até restaurante francês. Em Lagoa do Mato não há nada parecido. É um lugar de beleza exótica e agreste. As montanhas de areia estão cobertas por murici, plantinha verde de folhas pequenas que tem 90% do seu caule soterrado pela areia.
>
> VEJA, 1996.

A) Qual o tipo de composição do texto?

B) **JUSTIFIQUE** sua resposta anterior com dados do próprio texto.

02. (UFF-RJ)

Modos, rapaziada!

Boas maneiras ajudam o trânsito a fluir melhor e diminuem riscos de acidentes.

Trânsito é, antes de tudo, um relacionamento com estranhos. Assim, ter bons modos ao volante faz milagres pela fluência do tráfego e para tornar a vida dos motoristas menos sofrida.

Fizemos uma lista com exemplos bem comuns de ausência de boas maneiras. [...] Um pouquinho de cordialidade e etiqueta (nem é preciso fazer curso de aperfeiçoamento social) deixam o ambiente menos hostil e até aumentam a segurança.

Jabuti do sinal amarelo:

Ele vai dirigindo devagarinho na sua frente enquanto o sinal passa de amarelo para vermelho. Geralmente, o jabuti calcula o tempo exato para ser o último a passar. Até o sinal abrir novamente, você terá tempo de pensar se ele fez isso por maldade ou por pura falta de habilidade ao volante.

Golpista de direita:

É um sujeito espertíssimo que anda pelo acostamento mesmo sabendo que este está impedido mais à frente. Ao tentar voltar para a pista, ele empata de vez o trânsito.

Conservador de esquerda:

Xerife da estrada, ele vai pela pista da esquerda exatamente no limite de velocidade, para ensinar à Humanidade como se comportar. Acaba provocando ultrapassagens pela direita e multiplicando os riscos de acidente.

VOGEL, Jason. Modos Rapaziada! *O Globo*, 17 ago. 2005.

Com base em sua experiência no trânsito (como motorista ou passageiro) e seguindo algumas marcas linguísticas e estilísticas dos textos anteriores, **REDIJA** em até cinco (5) linhas um perfil de motorista, dando-lhe um título sugestivo.

03. (Unicamp-SP) No dia 5 de outubro de 1999, terça-feira, o jornal *Correio popular*, de Campinas, SP, publicou a seguinte manchete de primeira página, acompanhada de breve texto:

100 mil ficam sem água em Sumaré

Um crime ambiental provocou a suspensão do abastecimento de água de cerca de 100 mil moradores de Sumaré. A medida foi tomada na sexta-feira, quando uma mancha de óleo de aproximadamente 3 quilômetros de extensão surgiu nas águas do Rio Atibaia. Anteontem, uma nova mancha apareceu nas proximidades da Estação de Tratamento de Água I, na divisa entre o bairro Nova Veneza e o município de Paulínia. A situação somente será normalizada na quinta-feira. A Cetesb investiga o caso e os técnicos acreditam que o produto (óleo diesel ou gasolina) foi despejado em esgoto doméstico em Paulínia.

Leve em conta esta notícia e privilegie a hipótese dos técnicos, apresentada no final do texto. A partir desses elementos, **ESCREVA** uma narração em 3ª pessoa, caracterizando adequadamente personagens e ambiente. **CRIE** um detetive ou um repórter investigativo que, quando tenta resolver o “crime ambiental”, descobre que o ocorrido é parte de uma conspiração maior.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

(UFRN–2010)

Instrução: Para responder às questões **01** e **02**, baseie-se no fragmento de texto a seguir.

De quando em quando [os meninos] se mexiam, porque o lume era fraco e apenas aquecia pedaços deles. Outros pedaços esfriavam recebendo o ar que entrava pelas rachaduras das paredes e pelas gretas da janela. Por isso não podiam dormir. Quando iam pegando no sono, arrepiavam-se, tinham precisão de virar-se, chegavam-se à trempe e ouviam a conversa dos pais [Fabiano e sinha Vitória]. Não era propriamente conversa: eram frases soltas, espaçadas, com repetições e incongruências. Às vezes uma interjeição gutural dava energia ao discurso ambíguo. Na verdade nenhum deles prestava atenção às palavras do outro: iam exibindo as imagens que lhes vinham ao espírito, e as imagens sucediam-se, deformavam-se, não havia meio de dominá-las. Como os recursos de expressão eram minguados, tentavam remediar a deficiência falando alto.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 63-64.

01. Admitindo-se que se pode dividir esse fragmento textual em dois momentos, é **CORRETO** afirmar que, no segundo, o narrador se detém em informar o leitor sobre a

A) incapacidade que os pais tinham de prestar atenção às palavras dos filhos.

B) curiosidade que os meninos tinham de saber sobre qual assunto os pais conversavam durante toda a noite.

C) impossibilidade que os meninos tinham de pegar no sono, pois Fabiano e sinha Vitória falavam muito alto.

D) dificuldade que Fabiano e sinha Vitória tinham para lidar com a linguagem.

02. Os colchetes são empregados

A) pelo narrador do romance, em vez de vírgulas, para assegurar que o leitor entenda, com facilidade, as informações que lhe são transmitidas.

B) pelo autor da transcrição, para intercalar, com suas próprias palavras, informação que torna o fragmento mais compreensível para o leitor.

C) pelo autor da obra, em vez de travessões, para deixar suficientemente claro quem é o agente da ação de mexer-se e o da ação de ouvir.

D) pelo digitador da editora, para reintroduzir informação que o revisor, provavelmente buscando a concisão, excluiu da versão original.

(UFOP-MG–2009)

Instrução: Leia atentamente o texto que se segue. As questões de **03** a **09** referem-se a ele.

A eutanásia no direito brasileiro

1 O dramático e comovente desfecho da agonia e morte da norte-americana Terri Schiavo, recentemente – depois de 15 anos em estado vegetativo persistente –, reabriu as discussões planetárias sobre o polêmico tema da eutanásia. O caso conquistou repercussão sem paralelos, colocando, de um lado, os que apoiavam a decisão do marido de colocar um ponto final ao drama da esposa e, do outro, os que acreditavam, como a família de Terri, na chance de uma remota recuperação.

[...]

2 Muito praticada na antiguidade, por povos primitivos, a eutanásia até hoje encontra seus simpatizantes que, frequentemente, têm coragem de praticá-la, mas, muito raramente, de defendê-la publicamente ou apontar seus benefícios de forma a convencer a opinião pública, como aconteceu no caso Schiavo. A palavra *eutanásia* deriva de *eu*, que significa bem, e *thanatos*, que é morte, significando boa morte, morte doce, morte sem dor nem sofrimento. As modalidades da eutanásia são três: a libertadora, a piedosa e a morte econômica ou eugênica.

3 Na forma libertadora, o enfermo incurável pede que se lhe abrevie a dolorosa agonia, com uma morte calma, indolor. Já na forma piedosa, o moribundo encontra-se inconsciente e, tratando-se de caso terminal que provoca sofrimento agudo, [...] seu médico ou seu familiar, movido por piedade, o liberta, provocando a antecipação de sua hora fatal. Quanto à forma eugênica, trata-se da eliminação daqueles seres apsíquicos e associais absolutos, disgenéticos, monstros de nascimento, idiotas graves, loucos incuráveis e outros. Essa modalidade está presente na lembrança histórica das atrocidades dos nazistas, contra judeus e outras minorias, em prol da apuração da raça ariana.

4 A eutanásia no Brasil é crime, trata-se de homicídio doloso que, em face da motivação do agente, poderia ser alçado à condição de privilegiado, apenas com a redução da pena. Laborou com acerto o legislador penal brasileiro, não facultando a possibilidade da eutanásia. Ocorre, todavia, que na prática a situação é bem diferente, pois envolve, além do aspecto legal, o aspecto médico, sociológico, religioso, antropológico, entre outros.

5 Por esses problemas é que a eutanásia, embora sendo crime, é praticada impunemente no Brasil. Relatos de pessoas que aplicaram a eutanásia em parentes somam-se a relatos de médicos que a praticaram, sempre todos imbuídos do espírito da "piedade". Ora, não sejamos hipócritas, pois o que realmente leva à prática da eutanásia não é a piedade ou a compaixão, mas sim o propósito mórbido e egoístico de poupar-se ao pungente drama da dor alheia. Somente os indivíduos sujeitos a estados de extrema angústia são capazes do golpe fatal eutanásico, pois o alívio que se busca não é o do enfermo, mas sim o próprio; que ficará livre do "fardo" que se encontra obrigado a "carregar".

6 Isto se aplica aos familiares, amigos, médicos, advogados, sociólogos, enfim, a todos aqueles que já pensaram ou defenderam a prática desse crime hediondo, que iguala o homem moderno a seus antepassados bárbaros e primitivos. A falsidade no enfoque desse assunto salta aos olhos, quando nos deparamos a casos concretos envolvendo interesses mundanos, quer de natureza conjugal ou de sucessão patrimonial. [...]

7 A vida é nosso bem maior, dádiva de Deus. Não pode ser suprimida por decisão de um médico ou de um familiar, qualquer que seja a circunstância, pois o que é incurável hoje amanhã poderá não sê-lo e uma anomalia irreversível poderá ser reversível na próxima semana. Afinal, se a sociedade brasileira não aceita a pena de morte, é óbvio que esta mesma sociedade não aceita que se disponha da vida de um inocente, para poupar o sofrimento ou as despesas de seus parentes. Enquanto for crime a eutanásia, sua prática deve ser punida exemplarmente.

D'URSO, Luiz Flávio Borges. Advogado criminalista, mestre e doutor pela USP, presidente da OAB–SP. Disponível em: <http://www.oabsp.org.br>. Acesso em: 21 fev. 2009 (Adaptação).

03. Em relação ao título do texto, é **CORRETO** afirmar:

A) Orienta a leitura do texto, uma vez que delimita o assunto, trazendo apenas o que será abordado pelo autor.

B) Resume a principal linha de abordagem do texto, direcionando para uma leitura mais atenta do quarto parágrafo.

C) Mostra-se restrito em relação ao que é tratado, já que a discussão apresentada vai além do caráter jurídico da eutanásia.

D) Limita a discussão à esfera nacional, uma vez que vincula os exemplos de outros países à legislação brasileira.

04. Assinale a alternativa que traduz o estatuto da eutanásia no direito brasileiro, segundo o autor.

A) A eutanásia é uma prática dolosa na sociedade brasileira, e seus praticantes são exemplarmente punidos.

B) Apenas a eutanásia piedosa tem um aparato legal em nossa sociedade, porque sua prática pode aliviar o sofrimento de um incapaz.

C) Nas sociedades primitivas, a eutanásia era uma prática legal, podendo vir a sê-lo na sociedade contemporânea.

D) Na sociedade brasileira, dependendo da motivação do praticante da eutanásia, a pena pode ser reduzida.

05. A partir da compreensão global do texto, assinale a alternativa **CORRETA**.

A) Os povos antigos são considerados pelo autor como bárbaros e primitivos por praticarem a eutanásia.

B) Os sociólogos e advogados que defendem a eutanásia, para o autor, não são movidos por propósitos mórbidos e egoísticos.

C) Os familiares que se posicionam favoravelmente à eutanásia o fazem unicamente por interesses mundanos.

D) Os simpatizantes da eutanásia nem sempre tentam convencer a opinião pública sobre seus benefícios.

06. Marque a opção em que o recurso argumentativo empregado por Luiz Flávio Borges D'Urso **NÃO** está corretamente ilustrado.

A) "O dramático e comovente desfecho da agonia e morte da norte-americana Terri Schiavo [...] reabriu as discussões planetárias sobre o polêmico tema da eutanásia." (1º parágrafo) (ARGUMENTAÇÃO BASEADA NO EXEMPLO)

B) "Somente os indivíduos sujeitos a estados de extrema angústia são capazes do golpe fatal eutanásico, pois o alívio que se busca não é o do enfermo, mas sim o próprio." (5º parágrafo) (ARGUMENTAÇÃO BASEADA EM PROVA CONCRETA)

C) "A vida é nosso bem maior, dádiva de Deus. Não pode ser suprimida por decisão de um médico ou de um familiar [...]" (7º parágrafo) (ARGUMENTAÇÃO BASEADA NO CONSENSO)

D) "Afinal, se a sociedade brasileira não aceita a pena de morte, é óbvio que esta mesma sociedade não aceita que se disponha da vida de um inocente [...]" (7º parágrafo) (ARGUMENTAÇÃO BASEADA NO RACIOCÍNIO LÓGICO)

07. Entre as alternativas seguintes, assinale aquela em que a palavra ou expressão destacada **NÃO** traduz uma avaliação do autor em relação ao tema tratado.

A) "Laborou **com acerto** o legislador penal brasileiro, não facultando a possibilidade da eutanásia." (4º parágrafo)

B) "O **dramático e comovente** desfecho da agonia e morte da norte-americana Terri Schiavo, recentemente – depois de 15 anos em estado vegetativo persistente –, reabriu as discussões planetárias sobre o polêmico tema da eutanásia." (1º parágrafo)

C) "Somente os indivíduos sujeitos a estados de extrema **angústia** são capazes do golpe fatal eutanásico [...]." (5º parágrafo)

D) "Ora, não sejamos hipócritas, pois o que **realmente** leva à prática da eutanásia não é a piedade ou a compaixão, mas sim o propósito mórbido e egoístico de poupar-se ao pungente drama da dor alheia." (5º parágrafo)

08. Releia o fragmento transcrito a seguir.

"O caso conquistou repercussão sem paralelos, colocando, de um lado, os que apoiavam a decisão do marido de colocar um ponto final ao drama da esposa e, do outro, os que acreditavam, como a família de Terri, na chance de uma remota recuperação." (1º parágrafo)

Sobre essa passagem, é **CORRETO** afirmar:

A) A expressão "sem paralelos" pode ser substituída, no contexto, pela palavra "infindável".

B) O emprego do adjetivo "remota" para caracterizar a recuperação de Terri já indica que tal recuperação é um fato impossível.

C) O marido de Terri não é considerado um dos membros da família dela, embora não haja referência a esses membros.

D) O uso da expressão "o caso" fere a coesão do texto, já que se emprega uma expressão de sentido vago para algo ainda não tratado.

09. Nos trechos apresentados, a palavra em destaque introduz uma ideia que foi explicitada ao final da alternativa. Assinale a opção em que a ideia dada está **INCORRETA** em relação ao que a palavra apresenta no texto.

A) "**Já** na forma piedosa, o moribundo encontra-se inconsciente e, tratando-se de caso terminal que provoca sofrimento agudo, [...] seu médico ou seu familiar, movido por piedade, o liberta, provocando a antecipação de sua hora fatal." (3º parágrafo) (OPOSIÇÃO)

B) "**Ora**, não sejamos hipócritas, pois o que realmente leva à prática da eutanásia não é a piedade ou a compaixão, mas sim o propósito mórbido e egoístico de poupar-se ao pungente drama da dor alheia." (5º parágrafo) (ALTERNÂNCIA)

C) "Isto se aplica aos familiares, amigos, médicos, advogados, sociólogos, **enfim**, a todos aqueles que já pensaram ou defenderam a prática desse crime hediondo, que iguala o homem moderno a seus antepassados bárbaros e primitivos." (6º parágrafo) (RESUMO)

D) "**Afinal**, se a sociedade brasileira não aceita a pena de morte, é óbvio que esta mesma sociedade não aceita que se disponha da vida de um inocente, para poupar o sofrimento ou as despesas de seus parentes." (7º parágrafo) (ARGUMENTO CONCLUSIVO)

10. (UERJ–2008)

Uma mulher chamada guitarra

Um dia, casualmente, eu disse a um amigo que a guitarra, ou violão, era "a música em forma de mulher". A frase o encantou e ele a andou espalhando como se (1) ela constituísse o que os franceses chamam um *mot d'esprit*[1]. Pesa-me ponderar que ela não quer ser nada disso; é, melhor, a pura verdade dos fatos.

O violão é não só a música (com todas as suas possibilidades orquestrais latentes) em forma de mulher, como, de todos os instrumentos musicais que se inspiram na forma feminina – viola, violino, bandolim, violoncelo, contrabaixo –, o único que representa a mulher ideal: (2) nem grande, nem pequena; de pescoço alongado, ombros redondos e suaves, cintura fina e ancas plenas; a cultivada, mas sem jactância[2]; relutante em exibir-se, a não ser pela mão daquele a quem ama; atenta e obediente ao seu amado, mas sem perda de caráter e dignidade; e, na intimidade, terna, sábia e apaixonada. Há mulheres-violino, mulheres-violoncelo e até mulheres-contrabaixo.

[...] Divino, delicioso instrumento que se casa tão bem com o amor e tudo o que, nos instantes mais belos da natureza, induz ao maravilhoso abandono!

3

E não é à toa que um dos seus mais antigos ascendentes se chama viola *d'amore*[3], como a prenunciar o doce fenômeno de tantos corações diariamente feridos pelo melodioso acento de suas cordas... Até na maneira de ser tocado – contra o peito – lembra a mulher que se aninha nos braços do seu amado e, sem dizer-lhe nada, parece suplicar com beijos e carinhos que ele a tome toda, faça-a vibrar no mais fundo de si mesma, e a ame acima de tudo, pois do contrário ela não poderá ser nunca totalmente sua.

4

Ponha-se num céu alto uma Lua tranqüila. Pede ela um contrabaixo? Nunca! Um violoncelo? Talvez, mas só se por trás dele houvesse um Casals[4]. Um bandolim? Nem por sombra! Um bandolim, com seus tremolos[5], lhe perturbaria o luminoso êxtase. E o que pede então (direis) uma Lua tranqüila num céu alto? E eu vos responderei: um violão. Pois dentre os instrumentos musicais criados pela mão do homem, só o violão é capaz de ouvir e de entender a Lua.

5

MORAES, Vinicius de. *Para viver um grande amor.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

Vocabulário:

[1]*mot d'esprit* – dito espirituoso

[2]*jactância* – arrogância, orgulho, vaidade

[3]*viola d'amore* – viola de amor, antigo instrumento musical

[4]*Casals* – Pablo Casals, famoso violoncelista do século passado

[5]*tremolos* – repetições rápidas de uma ou duas notas musicais

No texto, fragmentos narrativos associam-se a sequências descritivas, originárias de um processo subjetivo de observação.

A alternativa que apresenta uma dessas sequências descritivas é:

A) "atenta e obediente ao seu amado, mas sem perda de caráter e dignidade;" (2º parágrafo)

B) "E não é à toa que um dos seus mais antigos ascendentes se chama viola *d'amore*," (4º parágrafo)

C) "Ponha-se num céu alto uma Lua tranqüila. Pede ela um contrabaixo?" (5º parágrafo)

D) "só o violão é capaz de ouvir e de entender a Lua." (5º parágrafo)

SEÇÃO ENEM

01. (Enem-2010)

Prima Julieta

Prima Julieta irradiava um fascínio singular. Era a feminilidade em pessoa. Quando a conheci, sendo ainda garoto e já sensibilíssimo ao charme feminino, teria ela uns trinta ou trinta e dois anos de idade.

Apenas pelo seu andar percebia-se que era uma deusa, diz Virgílio de outra mulher. Prima Julieta caminhava em ritmo lento, agitando a cabeça para trás, remando os belos braços brancos. A cabeleira loura incluía reflexos metálicos. Ancas poderosas. Os olhos de um verde azulado borboleteavam. A voz rouca e ácida, em dois planos: voz de pessoa da alta sociedade.

MENDES, M. *A idade do serrote.* Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.

Entre os elementos constitutivos dos gêneros, está o modo como se organiza a própria composição textual, tendo-se em vista o objetivo de seu autor: narrar, descrever, argumentar, explicar, instruir. No trecho, reconhece-se uma sequência textual

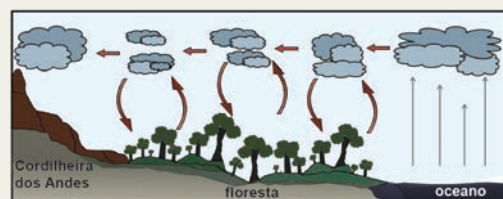
A) explicativa, em que se expõem informações objetivas referentes à prima Julieta.

B) instrucional, em que se ensina o comportamento feminino, inspirado em prima Julieta.

C) narrativa, em que se contam fatos que, no decorrer do tempo, envolvem prima Julieta.

D) descritiva, em que se constrói a imagem de prima Julieta a partir do que os sentidos do enunciador captam.

E) argumentativa, em que se defende a opinião do enunciador sobre prima Julieta, buscando-se a adesão do leitor a essas ideias.

02. (Enem–2008)

Pode parecer que os isótopos de oxigênio e a luta dos seringueiros no Acre tenham pouco em comum. No entanto, ambos estão relacionados ao futuro da Amazônia e a parte significativa da agroindústria e da geração de energia elétrica no Brasil.

À época em que Chico Mendes lutava para assegurar o futuro dos seringueiros e da floresta, um dos mais respeitados cientistas brasileiros, Eneas Salati, analisava proporções de isótopos de oxigênio na precipitação pluviométrica amazônica do Atlântico ao Peru. Sua conclusão foi irrefutável: a Amazônia produz a maior parte de sua chuva; implicação óbvia desse fenômeno: o excesso de desmatamento pode degradar o ciclo hidrológico.

Hoje, imagens obtidas por sensoriamento remoto mostram que o ciclo hidrológico não apenas é essencial para a manutenção da grande floresta, mas também garante parcela significativa da chuva que cai ao sul da Amazônia, em Mato Grosso, São Paulo e até mesmo no norte da Argentina. Quando a umidade do ciclo, que se desloca em direção ocidental, atinge o paredão dos Andes, parte dela é desviada para o sul. Boa parte da cana-de-açúcar, da soja, de outras safras agroindustriais dessas regiões e parte significativa da geração hidrelétrica dependem da máquina de chuva da Amazônia.

LOVEJOY, T; RODRIGUES, G. A máquina de chuva da Amazônia. *Folha de S. Paulo*, 25 jul. 2007 (Adaptação).

O texto anterior, que focaliza a relevância da região amazônica para o meio ambiente e para a economia brasileira, menciona a "máquina de chuva da Amazônia". Suponha que, para manter essa "máquina de chuva" funcionando, tenham sido sugeridas as ações a seguir:

1 suspender completa e imediatamente o desmatamento na Amazônia, que permaneceria proibido até que fossem identificadas áreas onde se poderia explorar, de maneira sustentável, madeira de florestas nativas;
2 efetuar pagamentos a proprietários de terras para que deixem de desmatar a floresta, utilizando-se recursos financeiros internacionais;
3 aumentar a fiscalização e aplicar pesadas multas àqueles que promoverem desmatamentos não autorizados.

ESCOLHA uma dessas ações e, a seguir, **REDIJA** um texto dissertativo, ressaltando as possibilidades e as limitações da ação escolhida.

Ao desenvolver seu texto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação.

Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista, sem ferir os direitos humanos.

Observações:

- Seu texto deve ser escrito na modalidade padrão da língua portuguesa.
- O texto não deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.
- O texto com até 7 (sete) linhas escritas será considerado texto em branco.

GABARITO

Fixação

01. A) Descrição.

B) Utilização de pormenores individualizantes ("As montanhas de areia estão cobertas por murici, plantinha verde de folhas pequenas que tem 90% do seu caule soterrado pela areia"); adjetivação para caracterizar o substantivo descrito ("exótica", "agreste"); presença de verbos de estado ("é", "estão").

02. O título deve manter a relação necessária com a caracterização feita para o motorista. A caracterização é livre, mas deve manter-se relacionada à realidade que cerca experiências comuns no trânsito das grandes cidades.

A redação deve, ainda, apresentar as marcas linguísticas e estilísticas que caracterizam os textos anteriores; por exemplo, o emprego da ironia, uma linguagem centrada no humor, o uso de registro coloquial, etc.

03 Neste tema, espera-se que, a partir de uma breve notícia de jornal, o aluno produza uma narrativa, em 3ª pessoa e construa necessariamente uma personagem – o detetive ou um repórter investigativo – que, ao tentar resolver um crime ambiental, descobre uma conspiração maior. O aluno pode introduzir outras personagens, a depender das ações que fazem parte de sua narrativa. Pede-se ainda que o aluno caracterize adequadamente tais personagens e o ambiente em que a história se desenrola.

O final do texto do jornal (ao qual se pede particular atenção) induz o aluno a encaminhar-se para uma narrativa cujo eixo seja um crime ambiental / ecológico. Espera-se, então, que o aluno desenvolva uma narrativa que privilegie alguns aspectos: quem é o criminoso (ou quem são os criminosos), por que comete(m) esse crime e qual é o plano maior / a conspiração de que esse crime é parte.

As possibilidades para a construção de personagem(ns) são muitas. O(s) criminoso(s) pode(m) ser, por exemplo, desafeto(s) político(s), alguém ou algum grupo ligado a uma organização terrorista ou criminosa, gente interessada em desvalorizar as terras banhadas pelo Rio Atibaia, etc. Obviamente, trata-se apenas de alguns exemplos entre outros possíveis.

Também podem ser vários os motivos do crime. Podem servir como exemplos: interesses financeiros, políticos, vingança, disputa de poder ou de terras. Na verdade, a motivação pode ser qualquer uma, desde que coerente com a história contada.

Todas essas expectativas envolvem o trabalho com algum dos elementos constitutivos do tipo de texto narrativo. Não basta, portanto, relatar algum acontecimento, alguma "historinha", é necessário construir uma narrativa a partir das instruções presentes na proposta.

Propostos

01. D	03. C	05. D	07. C	09. B
02. B	04. D	06. B	08. C	10. A

Seção Enem

01. D

02. O aluno, para cumprir ao que foi requisitado pela proposta, deve escolher uma das três medidas sugeridas para a preservação da Amazônia, comentando "as possibilidades e as limitações da ação escolhida". O desenvolvimento do texto precisa, é claro, ser condizente com a medida escolhida e, também, com o texto sobre o ciclo de chuvas na Amazônia. Além disso, o aluno deve recorrer a seu conhecimento prévio sobre os problemas que envolvem a preservação da floresta, tais como a dificuldade de se fiscalizar tão vasta extensão de terra. Logo, para construir um bom texto, é imprescindível a capacidade de avaliar as vantagens e desvantagens de cada uma das propostas apresentadas no enunciado da redação, pois essa avaliação garante a fundamentação do posicionamento escolhido.

LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO 13 FRENTE B

Pré-Modernismo

Nos últimos anos do século XIX e nos primeiros do XX, instaurou-se no mundo um tumultuado contexto perpassado por inúmeras guerras, revoltas e revoluções que propiciaram uma forte crise política, econômica e social. No Brasil, esse cenário foi marcado por diversos acontecimentos históricos como: a Guerra de Canudos, em 1896 e 1897; a guerra civil no Ceará, iniciada em 1911 com o levante do Juazeiro, que tinha a proteção e a bênção de Padre Cícero; a Revolta do Contestado, no Sul, entre 1912 e 1916; a Revolta da Vacina, em 1904, e a Revolta da Chibata, em 1910, ambas ocorridas no Rio de Janeiro; a greve dos operários, em São Paulo, entre 1917 e 1919; a crise que levou ao fim da Política do Café com Leite; a chegada dos imigrantes europeus ao Brasil. No mundo, o fato mais marcante desse período foi a Primeira Guerra Mundial. Todo esse ambiente de destruição e crise pouco modificou a arte do "bom gosto" burguês e aristocrático de uma elite que continuava a cultuar o decorativismo do *Art Nouveau* ou a se deter nas formalidades retóricas de teor parnasiano. Justamente por isso, o que caracteriza o Pré-Modernismo são nomes esparsos que conseguiram contribuir com uma arte mais significativa no plano estético e de maior densidade temática, tendo em vista os acontecimentos históricos no Brasil e no mundo. Exemplo de tal preocupação social e de relevante desempenho estilístico são os trabalhos de Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Lima Barreto e Augusto dos Anjos. Esses são os quatro autores que realmente entraram para a história da literatura brasileira, por anteciparem questões formais e ideológicas que seriam amplamente exploradas e desenvolvidas pelo Movimento Modernista de 1922.

A PROSA PRÉ-MODERNISTA

O jornalista Euclides da Cunha, com a tarefa de fazer uma reportagem sobre a Guerra de Canudos, foi para o interior da Bahia com a quarta expedição do Exército Republicano, encarregada de reprimir o levante monarquista de um grupo revolucionário governado por um líder messiânico: Antônio Conselheiro. A visão positivista e determinista republicana da época retratava Antônio Conselheiro como um lunático do sertão, alguém incapaz de compreender e de aceitar o progresso da nação. Inicialmente, a postura de Euclides da Cunha também era marcada por esse discurso do "desenvolvimento" feito pelo Brasil do litoral em relação ao atrasado Brasil do interior. Contudo, Euclides da Cunha, ao se encontrar nas terras de Canudos e observar o cotidiano daquela gente humilde atacada por forças do Governo Republicano, reconheceu o grande equívoco que cometia. O discurso oficial anunciava que os habitantes de Canudos eram uma ameaça à República, um surto que desestruturava a nação por promover uma insurreição monarquista, mas o que Euclides via eram homens simples e incultos, que não tinham acesso às regalias do litoral, que não desfrutavam nenhum apoio da instituição que os atacava: o Governo Republicano. O jornalista reconhece, portanto, como a Guerra de Canudos era um despropósito da nação brasileira, que agredia a si mesma, uma violência do litoral contra os valores, a cultura e a forma de subsistência do sertão. O que historicamente se mostrava com aquele conflito era a grandiosidade e a diversidade do Brasil. Uma nação tão extensa territorialmente, que não conseguia compreender a própria grandiosidade e nem mesmo reconhecer a ineficiência do Governo, o qual tentava se impor como verdade e saber para uma parcela da população que nem mesmo conhecia a sua existência.

Urpia

Desenho de Urpia que retrata o Arraial de Canudos visto pela estrada do Rosário. Foi nessa "Troia" de barro e construções de pau a pique que Antônio Conselheiro, um místico monarquista, liderou o movimento popular de caráter revolucionário ao se recusar a obedecer às leis republicanas e a pagar os impostos que o Governo instituía. Resistindo aos ataques militares municipais e estaduais do governo da Bahia, Canudos só sucumbe ao armamento republicano das investidas militares lideradas pelas forças federais. Em 1897, o lugarejo foi completamente destruído por canhões e dois mil homens armados. A cabeça de Antônio Conselheiro tornou-se um troféu, que a República ergueu com orgulho, sem perceber a discrepância desse sentimento vitorioso. Euclides da Cunha, em Os sertões*, revela a brutalidade de tal prática e a prepotência de uma política republicana que queria se impor com o extermínio de todo um povoado.*

Diante de tal situação encontrada em Canudos, Euclides da Cunha não fez apenas uma reportagem, mas escreveu *Os sertões*, obra que transita entre a sociologia e a literatura, entre a postura determinista e a visão sentimental, entre o relato geográfico e a descrição poética. O livro é dividido em três partes ("A terra", "O homem", "A luta") que demonstram o vínculo de Euclides com os valores históricos e geográficos do determinismo de Taine, baseado na concepção de que o meio, a raça e o momento histórico condicionam a formação humana. Mas também é possível perceber o aspecto humano e sensível de Euclides, que conseguiu reconhecer outro ponto de vista que não o do litoral: o do poder. Em *Os sertões*, o ponto de vista dos habitantes do lugarejo é valorizado pelo autor, como se nota na seguinte passagem:

Primeiro combate

Despertou-os o adversário, que imaginavam ir surpreender.

Na madrugada de 21 desenhou-se no extremo da várzea o agrupamento dos jagunços...

Um coro longínquo esbatia-se na mudez da terra ainda adormida, reboando longamente nos ermos desolados. A multidão guerreira avançava para Uauá, derivando à toada vagarosa dos *kyries*, rezando. Parecia uma procissão de penitência, dessas a que há muito se afeiçoaram os matutos crendeiros para abrandarem os céus quando os estios longos geram os flagícios das secas.

O caso é original e verídico. Evitando as vantagens de uma arrancada noturna, os sertanejos chegavam com o dia e anunciavam-se de longe. Despertavam os adversários para a luta.

Mas não tinham, ao primeiro lance de vistas, aparências guerreiras. Guiavam-nos símbolos de paz: a bandeira do Divino e, ladeando-a, nos braços fortes de um crente possante, grande cruz de madeira, alta como um cruzeiro. Os combatentes armados de velhas espingardas, de chuços de vaqueiros, de foices e varapaus, perdiam-se no grosso dos fiéis que alteavam, inermes, vultos e imagens dos santos prediletos e palmas ressequidas retiradas dos altares. Alguns, como nas romarias piedosas, tinham à cabeça as pedras dos caminhos e desfiavam rosários de coco. Equiparavam aos flagelos naturais, que ali descem periódicos, a vinda dos soldados. Seguiam para a batalha rezando, cantando – como se procurassem decisiva prova às suas almas religiosas.

Eram muitos. Três mil, disseram depois informantes exagerados, triplicando talvez o número. Mas avançavam sem ordem. Um pelotão escasso de infantaria que os aguardasse, distribuído pelas caatingas envolventes, dispersá-los-ia em alguns minutos.

O arraial na frente, porém, não revelava lutadores a postos. Dormia.

A multidão aproximou-se, tudo o indica, até beirar a linha de sentinelas avançadas. E despertou-as. Os vedetas estremunhando, surpresos, dispararam, à toa, as carabinas e refluíram precipitadamente para a praça que ficava à retaguarda, deixando em poder dos agressores um companheiro, espostejado a faca. Foi, então, o alarma: soldados correndo estonteadamente pelo largo e pelas ruas; saindo, seminus, pelas portas; saltando pelas janelas; vestindo-se e armando-se às carreiras e às encontroadas... Não formaram. Mal se distendeu às pressas, dirigida por um sargento, incorreta linha de atiradores. Porque os jagunços lá chegaram logo, de envolta com os fugitivos. E o recontro empenhou-se brutalmente, braço a braço, adversários enleados entre disparos de garruchas e revólveres, pancadas de cacetes e coronhas, embates de facões e sabres – adiante, sobre a frágil linha de defesa. Esta cedeu logo. E a turba fanatizada, entre vivas ao Bom Jesus e ao Conselheiro, e silvos estridentes de apitos de taquara, desdobrada, ondulante, a bandeira do Divino, erguidos para os ares os santos e as armas, seguindo empós o curiboca audaz que levava meio inclinada em aríete a grande cruz de madeira – atravessou o largo arrebatadamente...

CUNHA, Euclides da. Os sertões. In: *Obra completa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1995. v. 2. p. 261-262.

Divulgação

Cena do filme Guerra de Canudos*, do diretor Sérgio Rezende, com ator José Wilker no papel de Antônio Conselheiro.*

O retrato desse Brasil interiorano, desconsiderado pelo Governo Republicano, não aparece apenas em *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Outras obras, inclusive de caráter mais científico, são publicadas, e números alarmantes são revelados sobre a situação da saúde no país.

"A visão de uma literatura radiográfica, receitual e profilática perpassou os textos escritos no início do século XX com a intenção de se traçar o 'estado clínico' do país. No caso do Brasil, o estado era de doença física, moral, estética, política e econômica, pelo menos segundo o diagnóstico publicado nos textos de cunho científico, jornalístico e literário. Foi com *Os sertões*, de Euclides da Cunha (1902), e as obras *Saneamento do Brasil*, de Belisário Pena (1918), e *Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*, organizada por Belisário Pena e Artur Neiva (1916), integrantes do grupo liderado por Oswaldo Cruz, que a nação brasileira começou a ser descrita como um corpo doentio atacado por uma política republicana caduca e despótica, além de epidemias e endemias urbanas e rurais.

Radiografado e fotografado pela ciência e pela literatura, o Brasil desconhecido do interior exibiu números assustadores de pessoas que se encontravam completamente assoladas pelas doenças. Belisário Pena, em artigo publicado na revista *Saúde*, criada para divulgar as pesquisas dos sanitaristas da Liga Pró-Saneamento do Brasil, fez um levantamento da situação do país em 1918:

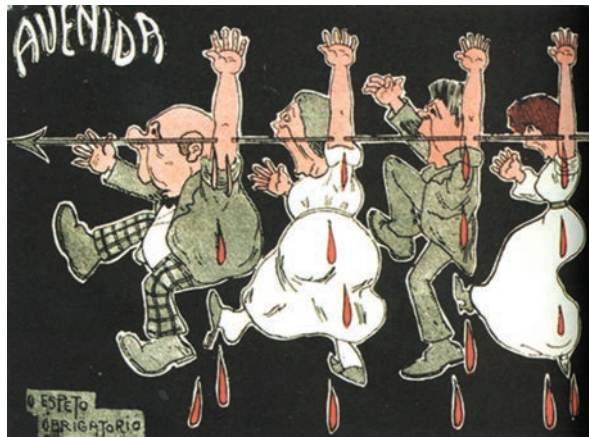
'A opilação e outras verminoses infestam toda a população brasileira, pouco mais, pouco menos, aqui ou acolá, numa média que se pode calcular em 80%; a malária domina vastas regiões de todo país, prejudicando e sacrificando 40% da população total; a moléstia de Chagas ou doença do barbeiro mata anualmente dezenas de milhares de crianças e inutiliza outras dezenas de milhares... Todo o estado de Goiás, mais de 70 municípios de Minas, grandes extensões do Maranhão, do Piauí, da Bahia, de Mato Grosso, vários municípios de São Paulo e um ou outro de outros estados estão infestados da doença. Contam-se por centenas de milhares os ulcerosos, que ostentam chagas repelentes no rosto e nos membros, com predominância da leishmaniose, denominada ferida brava ou úlcera de bauru. Tal moléstia está espalhada por todo país, com especialidade no Amazonas e nos estados do Nordeste. A lepra é outra doença que se vai alastrando e que em alguns estados constituiu flagelo temeroso. Calcula-se em 30 000 os leprosos do Brasil. O tracoma no oeste de São Paulo é um flagelo terrível, atacando mais de 50% da população rural, cegando grande número de pessoas e prejudicando a visão de inúmeras outras.'"

BITARÃES NETTO, Adriano. *Antropofagia oswaldiana:* um receituário estético e científico. São Paulo: Annablume, 2004. p. 87.

Tamanha crise na saúde levou o Governo a colocar, nas mãos do médico Oswaldo Cruz, a tarefa de sanear a nação, o compromisso de curar o corpo doentio do país. Contudo, as práticas de higienização e de saneamento do Brasil foram feitas de modo extremamente agressivo, por isso a população a reagiu negativamente contra os instrumentos e contra os modos de Oswaldo Cruz, o que culminou com a Revolta da Vacina.

Divulgação

Artista desconhecido

Bambino

Caricaturas e cartazes manifestavam o sentimento da população contra a campanha de Oswaldo Cruz.

É dentro desse contexto de revolta popular contra a atuação de Oswaldo Cruz para promover a higienização, a profilaxia e o saneamento do Brasil, que surge a obra de Monteiro Lobato. Com o intuito de apoiar a ciência e de educar a população a aceitá-la, Lobato criou a personagem Jeca Tatu, figura arquetípica do brasileiro que preferia acreditar nos emplastos, nas benzeções, no poder da cachaça e na medicina dos excrementos a lutar pela consolidação de um Brasil moderno. Contudo, ao ser educado e higienizado, Jeca passa a divulgar a ciência, a lutar por um Brasil desenvolvido e tecnológico – postura que o brasileiro do interior também deveria seguir. A obra de Lobato procurou, portanto, ter esse caráter pedagógico para contribuir com a educação da população brasileira através da literatura. Isso se comprova em vários de seus livros, como se verifica em *Urupês*, *Idéias de Jeca Tatu*, *Mr. Slang e o Brasil e problema vital*. Leia o seguinte trecho, que evidencia o caráter moralizante do texto de Lobato na criação da personagem Jeca Tatu:

"Jeca não podia acreditar numa coisa: que os bichinhos entrassem pelo pé. Ele era 'positivo' e dos tais que 'só vendo'. O doutor resolveu abrir-lhe os olhos. Levou-o a um lugar úmido, atrás da casa, e disse:

– Tire a botina e ande um pouco por aí.

Jeca obedeceu.

– Agora venha cá. Sente-se. Bote o pé em cima do joelho. Assim. Agora examine a pele com esta lente.

Jeca tomou a lente, olhou e percebeu vários vermes pequenininhos que já estavam penetrando na sua pele, através dos poros. O pobre homem arregalou os olhos, assombrado.

– E não é que é mesmo? Quem 'havera' de dizer!...

– Pois é isso, sêo Jeca, e daqui por diante não duvide mais do que a Ciência disser.

– Nunca mais! Daqui por diante Nha Ciência está dizendo e Jeca está jurando em cima! T'esconjuro! E pinga, então, nem p'ra remédio...

[...]

– Quero mostrar a esta paulama quanto vale um homem que tomou remédio de Nha Ciência, que usa botina cantadeira e não bebe nem um só martelinho de cachaça!

[...]

E toda gente ali [na fazenda do Jeca] andava calçada. O caboclo ficara com tanta fé no calçado, que metera botinas até nos pés dos animais caseiros!

Galinhas, patos, porcos, tudo de sapatinho nos pés! O galo, esse andava de bota e espora!

– Isso também é demais, sêo Jeca, disse o doutor. Isso é contra a natureza!

– Bem sei. Mas quero dar exemplo a esta caipirada bronca. Eles aparecem aqui, vêem isso e não se esquecem mais da história.

[...]

[Jeca] ficou rico e estimado, como era natural; mas não parou aí. Resolveu ensinar o caminho da saúde aos caipiras das redondezas. Para isso montou na fazenda e vilas próximas vários Postos de Maleita, onde tratava os enfermos de sezões; e também Postos de Anquilostomose, onde curava os doentes de amarelão e outras doenças causadas por bichinhos nas tripas.

O seu entusiasmo era enorme. 'Hei de empregar toda a minha fortuna nesta obra de saúde geral, dizia ele. O meu patriotismo é este. Minha divisa: curar gente. Abaixo a bicharia que devora o brasileiro...'

E a curar gente da roça passou Jeca toda a sua vida."

LOBATO, Monteiro. Mr. Slang e o Brasil e problema vital.
In: *Obras Completas de Monteiro Lobato.* São Paulo: Brasiliense, 1957. v. 8, p. 329-340.

Divulgação

Imagens das capas da primeira edição da obra Idéias de Jeca Tatu *e de* Jeca Tatuzinho*, feitas no início do século XX.*

Além da figura do Jeca Tatu, Monteiro Lobato conseguiu imortalizar outros clássicos personagens como Narizinho, Pedrinho, Emília, Visconde de Sabugosa, Tia Nastácia, Dona Benta, além de inúmeros seres míticos do folclore brasileiro, como a mula sem cabeça, a cuca e o saci. Lobato fez da sua produção, voltada para o público infanto-juvenil, uma obra universal e para todas as idades. No universo mágico do Sítio do Picapau Amarelo, o autor conciliou o universal (mitologia grega e romana, personagens canônicos da literatura de todo o mundo) e o local (os mitos do folclore brasileiro, os costumes do povo interiorano, a fala dos "Jecas"). Nesse sentido, Lobato se mostra como o autor do Pré-Modernismo mais vinculado aos projetos estéticos que seriam desenvolvidos pelos modernistas: a valorização da linguagem coloquial, a retratação dos mitos locais, a descrição da paisagem nacional sem exotismos, a construção de personagens que fossem mais genuinamente brasileiros.

Divulgação

Atores que imortalizaram os personagens de Monteiro Lobato na televisão brasileira.

Além de Euclides da Cunha e de Monteiro Lobato, outro autor significativo da prosa brasileira do Pré-Modernismo foi Lima Barreto, cuja obra de maior destaque é *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de 1911. A respeito desse romance, o crítico Alfredo Bosi, em *História concisa da literatura brasileira*, afirma:

> *Triste fim de Policarpo Quaresma* é um romance em terceira pessoa, em que se nota maior esforço de construção e acabamento formal. [...] O major Quaresma não se exaure na obsessão nacionalista, no fanatismo xenófobo; pessoa viva, as suas reações revelam o entusiasmo do homem ingênuo, a distanciá-lo do conformismo em que se arrastam os demais burocratas e militares reformados cujos bocejos amornecem os serões do subúrbio.
>
> No dizer arguto de Oliveira Lima, tem Policarpo algo de quixotesco, e o romancista soube explorar os efeitos cômicos que todo quixotismo deve fatalmente produzir, ao lado do patético que fatalmente acompanha a boa fé desarmada. Seus requerimentos pedindo às autoridades que introduzissem o tupi como língua oficial; sua insólita forma de receber as visitas, chorando e gesticulando como um legítimo goitacá; suas baldadas pesquisas folclóricas na tapera de uma negra velha que mal recorda cantigas de ninar: eis alguns dos recursos do autor para ferir a tecla do riso. Mas o episódio da morte de Ismênia, o contato e a desilusão de Quaresma com Floriano e a sua "falange sagrada" de cadetes (descritos em páginas antológicas), as desventuradas experiências junto à terra e, sobretudo, as páginas finais de solidão voltam a colorir com a tinta da melancolia a prosa limabarretiana.
>
> BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970. p. 359.

Após a leitura do fragmento anterior, observe um famoso trecho de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, em que o protagonista faz um requerimento à Câmara para que se institucionalize o tupi-guarani como a língua oficial do Brasil. Associe o texto crítico ao literário e comprove a pertinência da análise feita pelo professor Alfredo Bosi:

"Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se vêem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma – usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro.

O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua idéia, pede vênia para lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática.

Demais, Senhores Congressistas, o tupi-guarani, língua originalíssima, aglutinante, é verdade, mas a que o polissintetismo dá múltiplas feições de riqueza, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem, portanto possuidores da organização

fisiológica e psicológica para que tendemos, evitando-se dessa forma as estéreis controvérsias gramaticais, oriundas de uma difícil adaptação de uma língua de outra região à nossa organização cerebral e ao nosso aparelho vocal – controvérsias que tanto empecem o progresso da nossa cultura literária, científica e filosófica.

Seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida e cônscio de que a Câmara e o Senado pesarão o seu alcance e utilidade.

P. e E. deferimento."

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 19. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. p. 36-37.

Capa do DVD do filme Policarpo Quaresma*, de Paulo Thiago, baseado no romance de Lima Barreto.*

A POESIA PRÉ-MODERNISTA

Quanto à poesia do Pré-Modernismo, o nome que se destacou por ter fugido da retórica parnasiana foi o de Augusto dos Anjos. A sua poesia imprime um niilismo, uma ironia, uma retratação da vida como algo tão frágil e escatológico como o próprio corpo que a sustenta. Com o seu livro *Eu*, de 1912, Augusto dos Anjos se consagrou na história da literatura brasileira. Em tal obra, é possível reconhecer toda a visão sarcástica e mórbida desenvolvida pelo autor para fazer sua crítica à condição humana e à organização social, chocando, desse modo, o "bom gosto" burguês.

Augusto dos Anjos

Em seu mais famoso poema, uma voz poética satiriza o ser humano que se julga digno e amado. O texto é agressivo e apresenta o emprego de termos escatológicos bem ao gosto do autor:

Versos íntimos

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a ingratidão, esta pantera,
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se alguém causa ainda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. Porto Alegre: L&PM, 1999. p. 85-86.

O crítico literário Agripino Grieco, em um artigo intitulado "Um livro imortal", em homenagem à obra *Eu*, faz as seguintes considerações sobre Augusto dos Anjos:

"Tudo fez ele para comprometer-se diante da glória, para dar náuseas aos leitores, para desconcertá-los, afugentá-los com detalhes de enfermaria e necrotério. Saturado dos resíduos, bem nortistas, de um cientificismo [...] Augusto dos Anjos aproveitou os últimos lampejos do evolucionismo de Haeckel e Spencer, sobrecarregando os seus versos de expressões arrevesadas, que tresandam a compêndio para exame: *moneras, caos telúrico, cósmico segredo, movimentos rotatórios, metapsiquismo, tropismo, vida fenomênica, desespero endênico, eterizações, energia intra-atômica, quimiotaxia, estratificações, zoopolasma, megatérios, elipse, dialética, fonemas, fotosferas, etc.*

Alinhava estrofes que cheiram à salmoura de cadáveres do antiteatro da Santa Casa, praticando, a rigor, o Romantismo do Macabro:

É uma trágica festa emocionante!
A bacteriologia inventariante
Toma conta do corpo que apodrece...
E até os membros da família engulham,
Vendo as larvas malignas que se embrulham
No cadáver malsão, fazendo um "S"...

Ou, com arte mais expressiva, ofertava-nos isto:

Os esqueletos desarticulados,
Livres do acre fedor das carnes mortas,
Rodopiavam, com as brancas tíbias tortas,
Numa dança de números quebrados!

ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias.* Porto Alegre: L & PM, 1999. (Fragmento).

Sim, é inocultável o seu abuso das minúcias de lazareto e manicômio. Quem quer que se debruce sobre os seus poemas não deixa de ficar aturdido. O pessimismo do autor fascina-nos como um poço de sombra. É que o obsedavam o horror à morte, o pavor da decomposição, e, não raro, sentia ele nas rosas mais fragrantes um fedor a queijos podres ou a carnes humanas tocadas pela sânie final. [...] E desandava a falar em *intestinos, úlceras e antrazes, húmus dos monturos, mosca da putrefação, fetos, vermes, bactérias, vísceras, carnes podres, placentas, cuspo, tosse, expectoração pútrida, aneurismas, escarros, incestos, caspa, vômito, asma, pústulas, antropofagia, cloaca, lázaros, escarradeiras, cancerosidades, odor cadaveroso, tétano, peçonha, apostema escrofulosa, estrume, etc.*"

GRIECO, Agripino. Um livro imortal. COUTINHO, Afrânio; BRAYNER, Sônia (Org.). In: *Fortuna crítica de Augusto dos Anjos.* Brasília: INL, 1973. p. 141-142.

Guy Joseph

Homenagem do artista Guy Joseph ao poeta Augusto dos Anjos.

RELEITURAS

Um dos personagens mais famosos de Monteiro Lobato é, conforme foi visto, o Jeca Tatu, representante emblemático do brasileiro que habita a região rural do país, desprovido de informação e, por isso, refém de crendice, superstições e de toda a sorte de doenças que o deixam prostrado. Valendo-se da imagem construída pelo escritor modernista, o compositor Gilberto Gil cria a figura do Jeca Total. Observe:

Jeca total

Jeca Total deve ser Jeca Tatu
Presente, passado
Representante da gente no senado
Em plena sessão
Defendendo um projeto
Que eleva o teto
Salarial no sertão

Jeca Total deve ser Jeca Tatu
Doente curado
Representante da gente na sala
Defronte da televisão
Assistindo Gabriela
Viver tantas cores
Dores da emancipação

Jeca Total deve ser Jeca Tatu
Um ente querido
Representante da gente no olimpo
Da imaginação
Imaginacionando o que seria a criação
De um ditado
Dito popular
Mito da mitologia brasileira
Jeca Total

Jeca Total deve ser Jeca Tatu
Um tempo perdido
Interessante a maneira do tempo
Ter perdição
Quer dizer, se perder no correr
Decorrer da história
Glória, decadência, memória
Era de Aquarius
Ou mera ilusão

Jeca Total deve ser Jeca Tatu
Jorge Salomão

Jeca Total Jeca Tatu Jeca Total Jeca Tatu
Jeca Tatu Jeca Total Jeca Tatu Jeca Total

GIL, Gilberto. Jeca Tatu. Disponível em: <http://www.gilbertogil.com.br/sec_musica.php?page=3>. Acesso em: 21 mar. 2011.

Assim como Monteiro Lobato, Gilberto Gil também se ocupa da realidade nacional, tentando sondar o perfil do homem brasileiro no presente, representado pelo Jeca Total, uma versão revista e atualizada do Jeca Tatu do passado. Na canção de Gil, o Jeca não é mais o matuto adoentado e desinformado; o novo Jeca é o "doente curado", curado das enfermidades e da ignorância. Não mais restrito à zona rural, ele se encontra integrado à sociedade e ocupa todos os ambientes: a sala de televisão, o senado e até o olimpo imaginário, e, embora não tenha abandonado os ditos populares, agora ele tem acesso a outros conteúdos, pois até assiste à *Gabriela*, telenovela baseada na obra homônima de Jorge Amado, protagonizada por Sônia Braga. O Jeca Total é uma pessoa eloquente, capaz de falar por si mesmo e pelo outros e de expressar as ideias próprias e as alheias, por isso é capaz de defender um projeto de lei e pode ser comparado a Jorge Salomão, poeta, compositor e diretor de teatro baiano. "Representante da gente" em diversas instâncias, Jeca Total é o brasileiro que superou o atraso.

Jeca Tatu (Monteiro Lobato)	Jeca Total (Gilberto Gil)
Doente	Curado
Restrito ao ambiente rural	Integrado à sociedade, inclusive à urbana
Desinformado, inexpressivo	Informado, eloquente

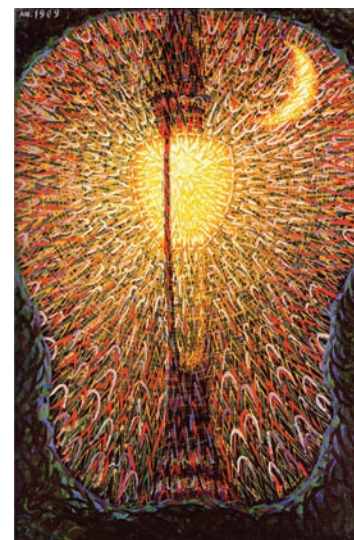
OUTRAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

Na passagem do século XIX para o século XX, o acontecimento mais expressivo no campo das artes foi o surgimento das chamadas vanguardas europeias. Essa denominação tem origem no vocabulário militar: o termo "vanguarda" origina-se do termo francês *avant-garde*, que designava a tropa que marchava à frente do batalhão e que, portanto, era a primeira a atacar. Para a teórica Lúcia Helena, em *Movimentos de vanguarda européia*, a etimologia marcial do termo explicita bem o caráter combativo do movimento – que lutava agressivamente contra as formas de expressão vigentes até então. Da mesma forma, a ideia dos homens que vão à frente evidencia o pioneirismo dessa nova tendência artística, que pretendia inaugurar outras concepções estéticas.

Atentos às mudanças de seu tempo, os vanguardistas perceberam que a arte vinculada aos padrões clássicos estava ultrapassada, descontextualizada, pois não refletia as inovações tecnológicas e as transformações históricas em curso. Em outras palavras, a arte então produzida não representava a sociedade e o espírito da época. Retratar paisagens bucólicas, imagens de ninfas, cupidos e outros seres mitológicos não fazia sentido em um mundo marcado cada vez mais pelo progresso e pela urbanização. Da mesma forma, os ideais de equilíbrio e harmonia não se justificavam em uma época marcada pela velocidade e pelas transformações constantes. Até a reprodução fiel da realidade havia perdido a sua importância no campo artístico, pois as reproduções exatas poderiam ser obtidas, com melhor efeito, por meio da recém-criada fotografia. Dessa maneira, o artista estava livre para representar o mundo de forma subjetiva, conforme sua ótica e sua interpretação pessoais.

Por esse e outros motivos, os artistas que viriam a constituir as vanguardas propuseram uma ruptura com o modelo artístico vigente até então, buscando fundar uma concepção artística com temáticas e formas de expressão mais condizentes com a nova realidade circundante. Entre as diversas manifestações surgidas à época, algumas se destacaram. Veja, a seguir, algumas dessas tendências de destaque, bem como alguns de seus principais artistas e obras.

Futurismo

Um dos primeiros movimentos de vanguarda, o Futurismo era marcado pela linguagem agressiva, pela ruptura radical com o passado e pelo apego excessivo ao futuro. A negação do passado pode ser claramente comprovada pela afirmação "Queremos demolir os museus, as bibliotecas", retirada do manifesto futurista. Caracteriza-se pela exaltação do progresso, da máquina e da velocidade. Na frase "[...] um automóvel rugidor, que parece correr sobre a metralha, é mais belo que a *Vitória de Samotrácia*.", também retirada do Manifesto Futurista, fica evidente o desprezo dos artistas dessa corrente pelas obras clássicas e o seu apreço pelos ícones do progresso. Principais artistas: Filippo Tommaso Marinetti e Giácomo Balla.

Street light – *Giácomo Balla. Nessa tela, a lâmpada do poste, infinitamente maior que a lua e de brilho mais intenso, pode ser vista como uma exaltação da modernidade, expressa por meio da eletricidade.*

Expressionismo

Contrária à estética impressionista (estilo em que o movimento era feito do exterior para o interior), essa tendência, como o próprio nome sugere, valorizava a expressão do mundo interior do artista. Nesse sentido, no expressionismo, a arte partia da subjetividade do indivíduo para o exterior. Portanto, a arte era vista como criação, não como imitação da realidade, o que lhe permitia trabalhar com imagens abstratas e concepções distorcidas. O movimento, de grande representatividade na Alemanha, ocorreu também na França, onde recebeu o nome de Fauvismo. Principais artistas: Edvard Munch e Wassily Kandinsky.

O grito – Edvard Munch

Composition 8 – Kandinsky

Dadaísmo

Tendência marcante na Suíça, estava pautada pelo ilogismo, pelo deboche e pela irreverência, que se explicita já no nome. Nas palavras de Tristan Tzara, um dos líderes do movimento, Dadá não significa nada. Para André Gide, "Dadá é o dilúvio após o qual tudo recomeça". Semelhante à ideia de queimar os museus e bibliotecas, veiculada pelos futuristas, essa afirmação deixa explícito o desejo de negar o que se havia produzido em matéria de arte até o momento e de começar tudo novamente: "no fundo é tudo merda, mas nós queremos doravante cagar em cores diferentes [...]". Uma das características mais marcantes do movimento dadaísta é o *ready-made*, que consiste em deslocar um objeto do cotidiano de seu uso tradicional, atribuindo-lhe outra conotação, ou simplesmente, inutilizando-o. Essa era mais uma postura de deboche dos artistas, que propunham algumas reflexões naquele momento em que a Europa estava em guerra: a primeira era a de que de nada adiantara o progresso a que a humanidade havia chegado, se no fim, ela havia cedido à situação de caos e barbárie novamente; a segunda consistia no despropósito de se fazer arte quando o mundo estava em conflito. Além dos nomes citados, destaca-se também Marcel Duchamp.

A fonte – Marcel Duchamp

Surrealismo

Influenciados pelas descobertas de Freud relacionadas ao inconsciente, os artistas desse movimento valorizavam o automatismo artístico, isto é, a criação espontânea, improvisada, não controlada pela lógica, o que contraria a valorização da técnica e da razão, predominante nos estilos anteriores. Os surrealistas rejeitavam a racionalidade e propunham o extravasamento de desejos e emoções direto do subconsciente para a tela, sem a mediação do pensamento, numa espécie de recriação artística do universo dos sonhos. Os principais expoentes desse grupo foram Salvador Dalí, René Magritte e Joan Miró.

The Elephant Celebes by Max Ernst – Salvador Dalí

Cubismo

Essa manifestação propõe uma ruptura com a linearidade e o predomínio de formas retas, tão ao gosto do Neoclassicismo. Caracteriza-se pela decomposição das imagens em diversas figuras geométricas e pela superposição e simultaneidade de planos, que sugerem a fragmentação da realidade e oferecem ao espectador diferentes perspectivas. Principais artistas: Pablo Picasso, Mondrian.

Pablo Picasso

Les demoiselles d'Avignon. Pablo Picasso. A obra permite ao artista maior liberdade para trabalhar cores, formas e volumes, evidenciando a quebra com o ponto de vista único.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

(UNIFESP–2007)

Instrução: Leia o trecho de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, para responder à questão **01**:

> Durante os lazeres burocráticos, estudou, mas estudou a Pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política. Quaresma sabia as espécies de minerais, vegetais e animais que o Brasil continha; sabia o valor do ouro, dos diamantes exportados por Minas, as guerras holandesas, as batalhas do Paraguai, as nascentes e o curso de todos os rios.
>
> [...]
>
> Havia um ano a esta parte que se dedicava ao tupi-guarani. Todas as manhãs, antes que a "Aurora com seus dedos rosados abrisse caminho ao louro Febo", ele se atracava até ao almoço com o Montoya, *Arte y diccionario de la lengua guaraní ó más bien tupí*, e estudava o jargão caboclo com afinco e paixão. Na repartição, os pequenos empregados, amanuenses e escreventes, tendo notícia desse seu estudo do idioma tupiniquim, deram não se sabe por que em chamá-lo – Ubirajara. Certa vez, o escrevente Azevedo, ao assinar o ponto, distraído, sem reparar quem lhe estava às costas, disse em tom chocarreiro: "Você já viu que hoje o Ubirajara está tardando?"
>
> Quaresma era considerado no Arsenal: a sua idade, a sua ilustração, a modéstia e a honestidade do seu viver impunham-no ao respeito de todos. Sentindo que a alcunha lhe era dirigida, não perdeu a dignidade, não prorrompeu em doestos e insultos. Endireitou-se, consertou o seu *pince-nez*, levantou o dedo indicador no ar e respondeu:
>
> – Senhor Azevedo, não seja leviano. Não queira levar ao ridículo aqueles que trabalham em silêncio, para a grandeza e a emancipação da Pátria.

Vocabulário: amanuenses: escreventes; doestos: injúrias.

01. Examine a frase:

"Havia um ano a esta parte que se dedicava ao tupi-guarani."

A) No conjunto da obra, que relação há entre nacionalismo e o estudo de tupi-guarani?

B) Quanto ao sentido, **EXPLIQUE** o emprego da forma verbal **dedicava** e **JUSTIFIQUE** sua resposta com uma expressão presente no texto.

02. (UFU-MG) No prefácio da primeira edição de *Urupês*, diz Monteiro Lobato:

> E aqui aproveito o lance para implorar perdão ao pobre Jeca. Eu ignorava que eras assim, meu Tatu, por motivo de doença. Hoje é com piedade infinita que te encara quem, naquele tempo, só via em ti um mamparreiro de marca. Perdoas?

A partir deste fragmento, considerando o contexto do artigo *Urupês* e a trajetória intelectual de Lobato, **RESPONDA**:

A) O que significa "mamparreiro" – termo corrente no Norte do Brasil?

B) O que Lobato descobre em relação à natureza física e mental do caboclo brasileiro, assim como à sua condição histórica e política, que lhe permite fazer esta autocrítica ainda em 1918?

03. (PUC Rio–2006)

Versos a um coveiro

Numerar sepulturas e carneiros,
Reduzir carnes podres a algarismos,
Tal é, sem complicados silogismos,
A aritmética hedionda dos coveiros!

Um, dois, três, quatro, cinco... Esoterismos
Da Morte! E eu vejo, em fúlgidos letreiros,
Na progressão dos números inteiros
A gênese de todos os abismos!

Oh! Pitágoras da última aritmética,
Continua a contar na paz ascética
Dos tábidos carneiros sepulcrais

Tíbias, cérebros, crânios, rádios e úmeros,
Porque, infinita como os próprios números,
A tua conta não acaba mais!

ANJOS, Augusto dos. *Toda a poesia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

A) Os versos de Augusto dos Anjos (1884-1914) já foram considerados "exatos como fórmulas matemáticas".

ROSENFELD, Anatol. *A costela de prata de A. dos Anjos.* Texto / contexto, São Paulo: Perspectiva, 1969. p. 268.

JUSTIFIQUE essa afirmativa, destacando aspectos formais do texto.

B) **TRANSCREVA** de "Versos a um coveiro" palavras e expressões científicas, estabelecendo um contraste entre o poema de Augusto dos Anjos e a tradição romântica, no que se refere à abordagem da temática da morte.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

01. (UFV-MG) Observe a seguinte declaração sobre o Pré-Modernismo:

> Creio que se pode chamar Pré-Modernismo (no sentido forte de premonição dos temas vivos em 22) tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural.
>
> BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 306.

Atente agora para o que se afirma a respeito de algumas obras e autores brasileiros e assinale a alternativa cujo conteúdo **NÃO** contempla a síntese crítica de Alfredo Bosi.

A) Um dos grandes temas de *Os sertões* é a denúncia que Euclides da Cunha faz sobre o crime que a nação brasileira cometeu contra si própria na Guerra dos Canudos.

B) Monteiro Lobato imortalizou o personagem Jeca Tatu, transformando-o no símbolo do caipira subdesenvolvido que vive na indolência e pratica sempre a "lei do menor esforço".

C) Mário e Oswald de Andrade notabilizaram-se como os grandes líderes da revolução de 22 e, portanto, do processo de ruptura em relação à tradição intelectual, libertando a literatura brasileira da "calmaria" em que se encontrava.

D) Lima Barreto expressou sempre o inconformismo face às injustiças sociais e, na obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*, construiu uma imagem caricata do Brasil com todas as suas contradições.

E) Em *Os sertões*, Euclides da Cunha opõe o homem do sertão ao homem do litoral, acentuando-lhes as diferenças econômicas e socioculturais.

02. (UFRGS) Leia o poema a seguir, intitulado "A Idéia", de Augusto dos Anjos.

De onde ela vem? De que matéria bruta
Vem essa luz que sobre as nebulosas
Cai de incógnitas criptas misteriosas
Como as estalactites duma gruta?!

Vem da psicogenética e alta luta
Do feixe de moléculas nervosas,
Que, em desintegrações maravilhosas,
Delibera, e depois, quer e executa!

Vem do encéfalo absconso que a constringe,
Chega em seguida às cordas da laringe,
Tísica, tênue, mínima, raquítica...

Quebra a força centrípeta que a amarra,
Mas, de repente, e quase morta, esbarra
No mulambo da língua paralítica!

Assinale a alternativa **CORRETA** sobre esse poema.

A) A interrogação inicial expressa o apego do poeta aos temas sentimentais do Romantismo no Brasil.

B) A linguagem, rica de imagens, utiliza um vocabulário científico para abordar uma questão filosófica.

C) O emprego de palavras como "estalactites" e "moléculas" mostra uma inadequação entre a linguagem científica e o conteúdo do poema.

D) O poeta adota a forma do soneto, porém rompe com o temário cientificista dominante no seu tempo.

E) No primeiro quarteto, as palavras "nebulosas" e "misteriosas" constituem rimas pobres, retomadas no segundo quarteto pelas palavras "nervosas" e "maravilhosas".

03. (UFRGS) Leia o trecho de *Os sertões*, de Euclides da Cunha.

> Daquela data ao termo da campanha a tropa iria viver em permanente alarma.
>
> [...]
>
> A tática invariável do jagunço expunha-se temerosa naquele resistir às recuadas, restribando-se em todos os acidentes da terra protetora. Era a luta da sucuri flexuosa com o touro pujante. Laçada a presa, distendia os anéis; permitia-lhe a exaustão do movimento livre e a fadiga da carreira solta; depois se constringia repuxando-o, maneando-o nas roscas contráteis, para relaxá-las de novo, deixando-o mais uma vez se esgotar no escarvar, a marradas, o chão; e novamente o atrair, retrátil, arrastando-o – até ao exaurir completo...

Assinale a alternativa **INCORRETA** em relação ao trecho.

A) O jagunço, ao aproveitar-se dos "acidentes da terra protetora", conseguia superar-se e confrontar-se com o inimigo, trazendo-lhe novas dificuldades.

B) O "touro pujante", apesar de sua força, na ilusão do movimento livre, acaba se exaurindo.

C) No confronto, a "sucuri flexuosa" vence, pois usa os recursos de que dispõe.

D) No trecho, a imagem da luta entre a "sucuri flexuosa" e o "touro pujante" é uma metáfora da luta entre jagunços e expedicionários.

E) A "sucuri flexuosa" e o "touro pujante" estão em constante confronto sem que haja um vencedor.

04. (UFU-MG–2006) Leia o trecho seguinte.

> Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem... Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das suas coisas de tupi, do '*folk-lore*', das suas tentativas agrícolas... Restava disso tudo em sua alma uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma!
>
> O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções. Onde estava a doçura de nossa gente? Pois ele não a viu combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadeamento de decepções.
>
> BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

Marque a afirmativa **CORRETA**.

A) O trecho mostra que, em todos os momentos de sua vida, Quaresma preocupou-se com o bem coletivo. Mas, neste momento, ele pensa em si próprio e vê que é um homem abandonado, incompreendido, injustiçado. Toda a sua dedicação à pátria não lhe deu felicidade nenhuma: é um homem só e decepcionado.

B) O trecho foi extraído do 1º capítulo do romance em questão, que introduz o major Quaresma em seu sítio, fazendo uma reflexão de sua vida passada. A partir daí, em tempo psicológico, a narrativa resgata os episódios marcantes da vida de Quaresma envolvido na consolidação de seus projetos nacionalistas.

C) Este trecho mostra que, em todos os momentos de sua vida, Quaresma agiu como um cidadão nacionalista, envolvido, sobretudo, com o bem da pátria. Em sua reflexão, fica claro que, mesmo após sua vida ter sido "um encadeamento de decepções", ele, o indivíduo, não se importa.

D) Nas últimas linhas do trecho, há a afirmação de que "A sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadeamento de decepções". A última grande decepção de Quaresma, dentro de seu projeto de mostrar que o Brasil era uma nação viável e grandiosa, foi descobrir que o rio Amazonas era menor que o rio Nilo.

05. (PUC-SP) Augusto dos Anjos é autor de um único livro, *Eu*, editado pela primeira vez em 1912. Outras poesias acrescentaram-se às edições posteriores. Considerando a produção literária desse poeta, pode-se dizer que

A) foi recebida sem restrições no meio literário de sua época, alcançando destaque na história das formas literárias brasileiras.

B) revela uma militância político-ideológica que o coloca entre os principais poetas brasileiros de veio socialista.

C) foi elogiada poeticamente pela crítica de sua época, entretanto não representou um sucesso de público.

D) traduz a sua subjetividade pessimista em relação ao homem e ao cosmos, por meio de um vocabulário técnico-científico-poético.

E) anuncia o Parnasianismo, em virtude das suas inovações técnico-científicas e de sua temática psicanalítica.

06. (UEL-PR) Assinale a alternativa **INCORRETA** sobre o Pré-Modernismo.

A) Não se caracterizou como uma escola literária com princípios estéticos bem delimitados, mas como um período de prefiguração das inovações temáticas e linguísticas do Modernismo.

B) Algumas correntes de vanguarda do início do século XX, como o Futurismo e o Cubismo, exerceram grande influência sobre nossos escritores pré-modernistas, sobretudo na poesia.

C) Tanto Lima Barreto quanto Monteiro Lobato são nomes significativos da literatura pré-modernista produzida nos primeiros anos do século XX, pois problematizam a realidade cultural e social do Brasil.

D) Euclides da Cunha, com a obra *Os sertões*, ultrapassa o relato meramente documental da batalha de Canudos para fixar-se em problemas humanos e revelar a face trágica da nação brasileira.

E) Nos romances de Lima Barreto, observa-se, além da crítica social, a crítica ao academicismo e à linguagem empolada e vazia dos parnasianos, traço que revela a postura moderna do escritor.

07. (UFV-MG–2010) Leia as afirmativas seguintes, relacionadas ao Pré-Modernismo brasileiro:

I. Lima Barreto, Euclides da Cunha e Monteiro Lobato são autores pré-modernistas, cujas obras revelam interesse pela realidade brasileira.

II. As obras dos escritores pré-modernistas anteciparam alguns pressupostos temáticos e / ou formais do Modernismo.

III. Denomina-se Pré-Modernismo o período de transição entre as tendências artísticas do final do século XIX e o Modernismo.

Está **CORRETO** o que se afirma em

A) II, apenas.

B) III, apenas.

C) I, II e III.

D) I e II, apenas.

08. (UFRGS) Considere as seguintes afirmações sobre obras de Monteiro Lobato:

I. Em *Urupês*, *Cidades mortas* e *Negrinha*, ele produz uma literatura comprometida predominantemente com os problemas socioeconômicos do Brasil.

II. Em *Urupês*, ele atribui a culpa pelo atraso do Brasil ao caboclo, por ele ser acomodado e inadaptável às mudanças necessárias ao desenvolvimento.

III. O título *Cidades mortas* alude às cidadezinhas do interior de São Paulo, que perderam a sua importância econômica face à Capital.

Quais estão **CORRETAS**?

A) Apenas I

B) Apenas II

C) Apenas III

D) Apenas I e II

E) I, II e III

09. (PUC RS–2010) Para responder à questão, ler o fragmento que segue.

> A travessia foi penosamente feita. O terreno inconsistente e móvel fugia sob os passos aos caminhantes; remorava a tração das carretas absorvendo as rodas até ao meio dos raios; opunha, salteadamente, flexíveis barreiras de espinheirais, que era forçoso destramar a facão; e reduplicava, no reverberar intenso das areias, a adustão da canícula. De sorte que ao chegar à tarde, à "Serra Branca", a tropa estava exausta.
>
> Exausta e sequiosa. Caminhara oito horas sem parar, em pleno arder do sol bravio do verão.

O fragmento pertence ao livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha, que relata a Guerra de Canudos, travada no Nordeste brasileiro entre os homens liderados por Antônio Conselheiro e as tropas militares republicanas.

Nesse trecho da obra,

I. alternam-se a linguagem coloquial e a inconformidade com a exploração do homem pelo homem.

II. a complexidade vocabular e o predomínio da descrição constituem características marcantes.

III. a reiteração de expressões regionais e a preocupação com a condição humana permeiam o ponto de vista do narrador.

A(s) afirmativa(s) **CORRETA(S)** é / são

A) I, apenas.

B) II, apenas.

C) III, apenas.

D) I e III, apenas.

E) I, II e III.

10. (UFAL–2010) Acerca das vanguardas europeias, analise as proposições a seguir.

1. Na literatura, as técnicas de pintura cubista correspondem à fragmentação da realidade, à superposição e simultaneidade de planos – por exemplo, reunir assuntos aparentemente sem nexo, misturar assuntos, espaços e tempos diferentes.

2. As propostas futuristas para a linguagem literária defendiam, dentre outras: as "palavras em liberdade", por alterações sintáticas; a abolição dos adjetivos e dos advérbios; e a abolição da pontuação.

3. O Expressionismo se revela, na literatura, pelo culto ao belo, pela organização canônica das frases e pela preferência por temas que expressavam o universo interior dos escritores, como os sentimentos de amor, de medo e de dor.

4. Na literatura, o Dadaísmo caracteriza-se pela agressividade, improvisação, desordem, livre associação de palavras e pela invenção de palavras com base apenas em seu significante.

Estão **CORRETAS**

A) 1, 2, 3 e 4.

B) 2, 3 e 4, apenas.

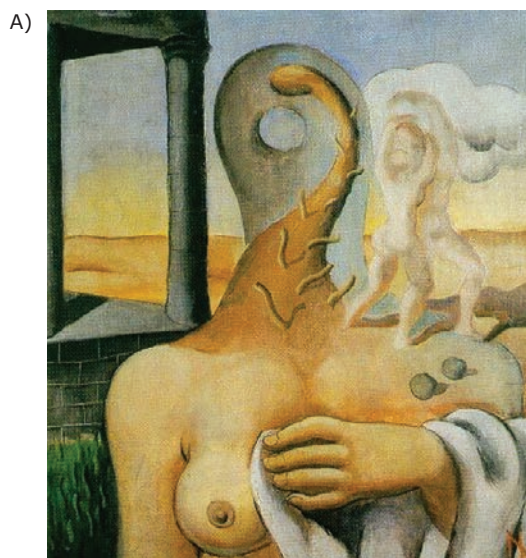
C) 1, 3 e 4, apenas.

D) 1, 2 e 3, apenas.

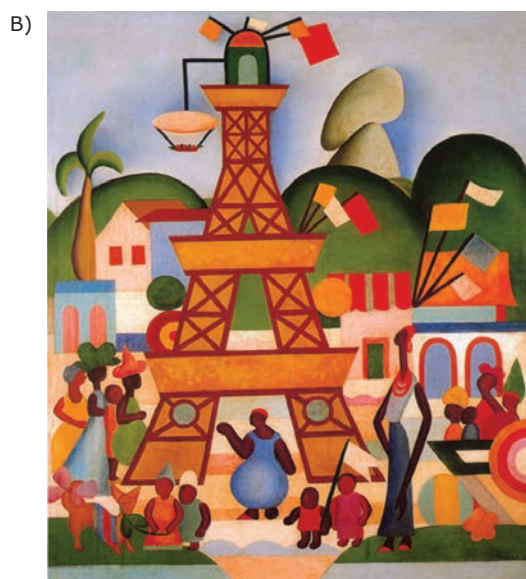
E) 1, 2 e 4, apenas.

SEÇÃO ENEM

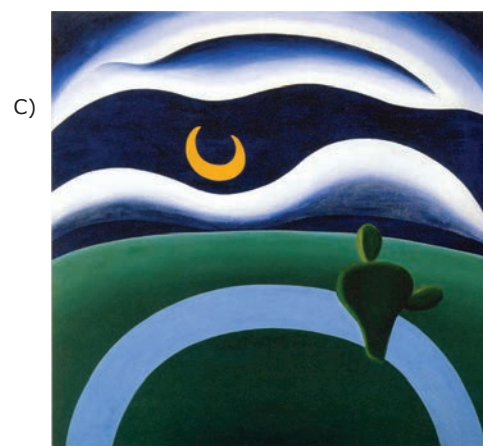
01. O Modernismo brasileiro, principalmente em sua Primeira Fase, foi marcado por um intenso diálogo com as vanguardas europeias do final do século XIX e início do século XX. Uma das correntes de maior influência foi o Surrealismo, que, aliado ao Primitivismo, passou a ter papel preponderante na retratação do cotidiano brasileiro, bem como na apresentação de uma natureza exótica e lúdica. A obra que melhor comprova o diálogo entre o Modernismo brasileiro e o Surrealismo com o intuito de representação da identidade nacional é a que se encontra na alternativa:

A)

Ismael Nery

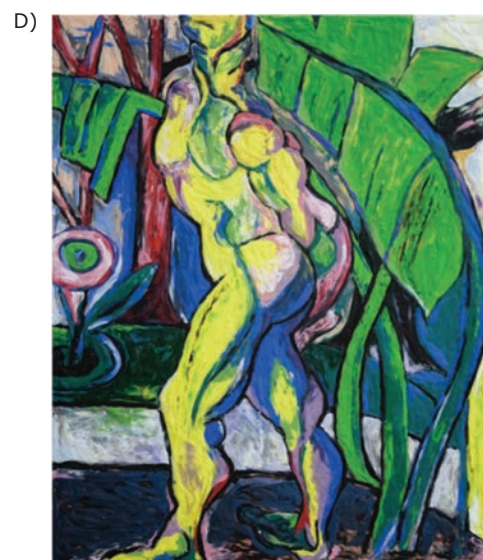
Desejo de amor – Ismael Nery.

B)

Tarsila do Amaral

Carnaval em madureira – Tarsila do Amaral.

C)

Tarsila do Amaral

A lua – Tarsila do Amaral.

D)

Anita Malfatti

O homem das sete cores – Anita Malfatti.

E)

Cícero Dias

Moças em Olinda – Cícero Dias.

02. (Enem–2009)

Texto I

O morcego

Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.
Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede:
Na bruta ardência orgânica da sede,
Morde-me a goela ígneo e escaldante molho.

"Vou mandar levantar outra parede..."
– Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho
E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho,
Circularmente sobre a minha rede!
Pego de um pau. Esforços faço. Chego
A tocá-lo. Minh'alma se concentra.
Que ventre produziu tão feio parto?!

A Consciência Humana é este morcego!
Por mais que a gente faça, à noite, ele entra
Imperceptivelmente em nosso quarto!

ANJOS, Augusto dos. O morcego. *Obra completa.* Rio de Janeiro: Aguilar, 1994.

Texto II

O lugar-comum em que se converteu a imagem de um poeta doentio, com o gosto do macabro e do horroroso, dificulta que se veja, na obra de Augusto dos Anjos, o olhar clínico, o comportamento analítico, até mesmo certa frieza, certa impessoalidade científica.

CUNHA, F. *Romantismo e modernidade na poesia*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1988 (Adaptação).

Em consonância com os comentários do texto II acerca da poética de Augusto dos Anjos, o poema "O morcego" apresenta-se, enquanto percepção de mundo, como forma estética capaz de

A) reencantar a vida pelo mistério com que os fatos banais são revestidos na poesia.
B) expressar o caráter doentio da sociedade moderna por meio do gosto pelo macabro.
C) representar realisticamente as dificuldades do cotidiano sem associá-lo a reflexões de cunho existencial.
D) abordar dilemas humanos universais a partir de um ponto de vista distanciado e analítico acerca do cotidiano.
E) conseguir a atenção do leitor pela inclusão de elementos das histórias de horror e suspense na estrutura lírica da poesia.

GABARITO

Fixação

01. A) O tupi-guarani representa a língua dos nativos, ou seja, uma língua sem influências estrangeiras.

B) ***Dedicar*** significa *estudar*, *pesquisar*, *descobrir*. Tais ideias ficam claras no trecho:

"Todas as manhãs, antes que a 'Aurora com seus dedos rosados abrisse caminho ao louro Febo', *ele se atracava até ao almoço com o Montoya, Arte y diccionario de la lengua guaraní ó más bien tupí*, e estudava o jargão caboclo com afinco e paixão".

Além disso, o uso do pretérito imperfeito revela que a ação era frequente, constante.

02. A) Vadio, preguiçoso.

B) É por meio de uma explicação médico-científica que Lobato, preocupado com a reprodução da força de trabalho improdutiva, muda a sua concepção do caboclo brasileiro. A ineficiência do Jeca não é mais uma questão de inferioridade racial, mas sim um problema médico-sanitário. O caipira é doente. Ele é pobre porque é doente e assim não produz. Essa mudança de concepção passava pela crença positiva de Lobato na ciência.

03. A) A precisão matemática pode ser observada no rigor formal que estrutura o poema: a forma clássica do soneto (14 versos, 2 quartetos, 2 tercetos); e métrica e rimas regulares (predominância de versos decassílabos; nos quartetos as rimas obedecem ao esquema "abba" – rimam as últimas palavras do primeiro e quarto versos e as do segundo e terceiro versos – e nos tercetos, o esquema é "aab").

B) O poema faz uso de palavras e expressões do campo semântico da matemática ("algarismos"; "silogismos"; "aritmética"; "progressão dos números inteiros"; "Pitágoras") e da biologia ("Tíbias, cérebros, crânios, rádios e úmeros"). O emprego de termos técnicos racionaliza a morte, tratada como realidade objetiva, quantificável, sem mistificação. Tal perspectiva contrasta com o sentimentalismo e subjetivismo da tradição romântica, que idealiza a morte como evento transcendental.

Propostos

01. C	04. A	07. C	10. E
02. B	05. D	08. E	
03. E	06. B	09. B	

Seção Enem

01. C   02. D

LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO 14 FRENTE B

Modernismo: 1ª fase

MODERNISMO – PRIMEIRA FASE (1922-1930)

O Modernismo brasileiro teve como marco histórico a Semana de Arte Moderna, ocorrida em 1922. Esse evento reuniu artistas de diversas áreas como a literatura, a pintura e a música em nome de um projeto estético que colocasse o país em diálogo direto com as vanguardas europeias, rompendo, assim, com o academicismo e a arte retórica e de "bom tom" da *Belle Époque*.

Catálogo da Exposição da Semana de Arte Moderna feito por Di Cavalcanti

Apropriando-se dos manifestos e das criações artísticas feitos pelos futuristas, expressionistas, dadaístas, cubistas e surrealistas, os intelectuais brasileiros passaram a elaborar uma arte baseada na inovação, na velocidade, na simultaneidade do mundo urbano. As artes deveriam captar todo o dinamismo e a fragmentação dos tempos modernos para se construírem como algo tão ousado como as próprias máquinas que surgiam.

Fillia

Bicicleta, fusão de paisagem (1924) – Fillia

Tendo como pressuposto a lógica moderna da ruptura com um passado retrógrado e convencional, os modernistas brasileiros assimilaram o discurso dessacralizador e agressivo das vanguardas para instaurar o Movimento Modernista de 22. Sem um projeto completamente definido e uma união entre os vários integrantes, os modernistas apenas tinham consciência da necessidade da mudança, ainda que não se soubesse, necessariamente, para que direção caminharia tal mudança, como salienta Aníbal Machado: "Não sabemos definir o que queremos, mas sabemos discernir o que não queremos". E o que não se queria era o apego à tradição, aos parnasianos, ao discurso academicista prolixo e verborrágico que governava o gosto burguês no Brasil. No poema-manifesto "Poética", Manuel Bandeira evidencia muito bem a aversão que os modernistas tinham à poesia convencional e "funcionária pública", "comedida" e de "bom tom" que se praticava no Brasil. Era necessário que uma outra poética se instaurasse, uma escrita mais libertária, próxima ao lirismo dos loucos, dos bêbados e dos *clowns*:

Poética

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto
[expediente protocolo e manifestações de apreço
[ao Sr. diretor.
Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no
[dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo.

Abaixo os puristas
Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja
[fora de si mesmo

De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de co-senos secretário do
[amante exemplar com cem modelos de cartas e
[as diferentes maneiras de agradar às mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos *clowns* de Shakespeare

– Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 16 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989. p. 98.

A crítica à poesia "bem comportada" foi também retratada por Bandeira em outro clássico poema que, inclusive, foi lido na Semana de Arte Moderna: "Os sapos". Esse texto é um poema sarcástico feito pelo modernista como resposta aos preceitos estéticos dos parnasianos, que são comparados aos sapos pelo discurso retórico, pelo deslumbramento com os mitos e com os valores clássicos que fazem questão de "ecoar". As obras parnasianas são consideradas arte de "papo", ou seja, permeadas por muita sonoridade discursiva e pouca inteligência de imagens e sentidos. Além do sarcasmo em relação à pretensão clássica dos parnasianos, o poema de Bandeira ataca também o ritmo constante e "martelado" dos versos desse estilo, o emprego das rimas, a redução da poesia a uma "forma", que, geralmente, é o soneto. Essa constância da mesma forma fixa, empregada e cultuada nos versos metalinguísticos dos parnasianos, leva Bandeira a, debochadamente, afirmar que não há mais poesia nos textos, mas apenas a receita de uma arte poética que é constantemente dada e seguida pelos mestres e discípulos, o que faz da poesia um brejo de ecos, no qual a "saparia" reproduz o mesmo som como se fosse um único "cancioneiro". Nessa poética da "arte pela arte", há muito culto à mesma forma e pouca criatividade, como, em tom de deboche, atacou Oswald de Andrade em seu "Manifesto da Poesia Pau-Brasil": "só não se inventou uma máquina de fazer versos" porque "já havia o poeta parnasiano". Leia o poema e tente perceber a sátira ao estilo dos parnasianos com seu ritmo "martelado". Observe como Bandeira constrói o poema de modo metrificado – redondilha menor – e todo rimado, para ridicularizar a sonoridade tão cultuada por eles; lembre-se de que, no poema de Olavo Bilac, a rima é comparada ao rubi:

Os sapos

Enfunando os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.
Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
– "Meu pai foi à guerra!"
– "Não foi!" – "Foi!" – "Não foi!".

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: – "Meu cancioneiro
É bem martelado.
Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos.
O meu verso é bom
Frumento sem joio.
Faço rimas com
Consoante de apoio.

Vai por cinqüenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A formas a forma.

Clame a saparia
Em críticas céticas:
Não há mais poesia,
Mas há artes poéticas..."
Urra o sapo-boi:
– "Meu pai foi rei!" –"Foi!"
– "Não foi!" – "Foi!" – "Não foi!".

Brada em um assomo
O sapo-tanoeiro:
– "A grande arte é como
Lavor de joalheiro.

Ou bem de estatuário.
Tudo quanto é belo,
Tudo quanto é vário,
Canta no martelo."

Outros, sapos-pipas
(Um mal em si cabe),
Falam pelas tripas:
– "Sei!" – "Não sabe!" – "Sabe!".

Longe dessa grita,
Lá onde mais adensa
A noite infinita
Verte a sombra imensa;

Lá, fugido ao mundo,
Sem glória, sem fé,
No perau profundo
E solitário, é

Que soluças tu,
Transido de frio,
Sapo cururu
Da beira do rio...

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 16 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989. p. 46.

Após retratar "a saparia parnasiana", o poeta irá descrever um outro "sapo", que humildemente vive na sombra, sem necessidade de pertencer a essa "gritaria estética": é o "sapo cururu" da beira do rio. Esse "sapo" representa a preocupação dos modernistas de trazer para a poesia não mais os mitos greco-romanos e a tradição clássica (como faziam os parnasianos), mas a cultura popular, o folclore, as lendas do Brasil. O "sapo cururu" é o poeta modernista que destoa do cancioneiro martelado e retórico dos demais parnasianos para pronunciar a sua poética autônoma, criativa, livre e coloquial:

O próprio Manuel Bandeira, em sua obra *Itinerário de Pasárgada*, comenta sobre a sua intenção ao construir o poema "Os sapos":

> A propósito desta sátira, devo dizer que a dirigi mais contra certos ridículos do pós-parnasianismo. É verdade que nos versos
>
> "A grande arte é como
>
> Lavor de joalheiro"
>
> parodiei o Bilac da "Profissão de fé" ("Imito o ourives quando escrevo...") Duas carapuças havia, endereçada uma ao Hermes Fontes, outra ao Goulart de Andrade. O poeta das *Apoteoses*, no prefácio ao livro, chamara a atenção do público para o fato de não haver nos seus versos rimas de palavras cognatas; Goulart de Andrade publicara uns poemas em que adotara a rima francesa com consoante de apoio (assim chamam os franceses a consoante que precede a vogal tônica da rima), mas nunca tendo ela sido usada em poesia de língua portuguesa, achou o poeta que devia alertar o leitor daquela inovação e pôs sob o título dos poemas a declaração entre aspas: "Obrigado à consoante de apoio." Goulart não se magoou com a minha brincadeira [...]
>
> BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. (Fragmento).

Mas se Bandeira foi um dos grandes mentores dessa luta contra o verso metrificado e rimado – embora reconhecesse que, em determinados poemas, a rima e a métrica pudessem ser empregadas sem prejuízo ao texto – a sua maior contribuição ao Modernismo se deu à exploração do cotidiano como um tema "nobre". O banal, o simples, o corriqueiro tornam-se protagonistas na poesia de Bandeira, que chega a afirmar: "a poesia está tanto no amor quanto nos chinelos". Nada mais adequado para retratar esse cotidiano que utilizar a própria linguagem do cotidiano, como exemplificam clássicos textos do autor, como "Madrigal tão

engraçadinho", "Poema tirado de uma notícia de jornal", "Infância" ,"Evocação do Recife" e tantos outros. Em todos eles, é possível reconhecer a preocupação de Bandeira e de toda a geração modernista de elaborar uma poética-prosaica, textos de caráter narrativo e de linguagem coloquial para representar os mitos do cotidiano, como se verifica nos exemplos seguintes:

Poema tirado de uma notícia de jornal

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no
[morro da Babilônia num barracão sem número

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou

Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 16 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

Madrigal tão engraçadinho

Teresa, você é a coisa mais bonita que eu vi até hoje na minha vida, inclusive o porquinho-da-índia que me deram quando eu tinha seis anos.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 16 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989. p. 112.

Até mesmo em seu clássico poema "Vou-me embora pra Pasárgada", o território ideal do autor é construído a partir de cenários do cotidiano:

Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser a contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
– Lá sou amigo do rei –
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada

BANDEIRA, Manuel. *Meus poemas preferidos.* 11 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. p. 59-60.

Cícero Dias

Manuel Bandeira, desenho a nanquim de Cícero Dias, Rio, 1930

A retratação do cotidiano com uma linguagem simples e coloquial não era apenas um projeto estético, mas também ideológico dentro do Modernismo brasileiro. Ela constituía uma preocupação da época em produzir uma arte que fosse a manifestação da identidade nacional. Romper com o português de Portugal era assumir a independência linguística e cultural. A ruptura com a tradição no Modernismo se traduziu, portanto, como uma negação em relação à arte e à linguagem eurocêntricas. Desse modo, compreende-se o duplo movimento constituído na arte nacional a partir da Semana de Arte Moderna: a busca pela liberdade de expressão no plano estético e a construção da "verdadeira" identidade nacional pela arte. Esses dois ideais fizeram com que vários autores e grupos estivessem inicialmente unidos, ainda que cada um possuísse as suas particularidades. Com isso, logo após a Semana de 22, já era possível discernir várias vertentes do Modernismo: o Pau-Brasil, que posteriormente se desdobrou na Antropofagia; o Verde-amarelo; a Anta; o grupo da revista *Verde* de Cataguases; o Leite Crioulo e inúmeros outros movimentos. Esses grupos modificavam-se na intensidade com que tratavam basicamente dois assuntos: a relação com a tradição e a construção da identidade nacional.

Dentre eles, destacam-se o Pau-Brasil e a Antropofagia, em sua postura extremamente crítica e sarcástica, em contraposição aos Verde-amarelos, ainda mais conservadores e de um nacionalismo mais idealizado, como o dos românticos.

O Movimento Pau-Brasil, elaborado por Oswald de Andrade, em 1924, foi apresentado tanto por meio de um manifesto como de uma obra poética. No texto teórico, é possível reconhecer as diretrizes do movimento:

Manifesto da poesia pau-brasil

A poesia existe nos fatos. [...]

O carnaval no Rio é o acontecimento religioso da raça. Pau-Brasil. [...]

A poesia para os poetas. Alegria dos que não sabem e descobrem. [...]

A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos. [...]

Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano. [...]

O trabalho contra o detalhe naturalista – pela síntese; contra a morbidez romântica – pelo equilíbrio geômetra e pelo acabamento técnico; contra a cópia, pela invenção e pela surpresa. [...]

Apenas brasileiros de nossa época.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeias e modernismo brasileiro.* 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 326-331.

Os poemas que formam o livro *Pau-Brasil* exemplificam a teorização de Oswald, como se observa nos textos:

Vício na fala

Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados.

ANDRADE, Oswald de. *Pau-Brasil*. 3 ed. São Paulo: Globo, 1990. p. 80

O capoeira

– Qué apanhá, sordado?
– O quê?
– Qué apanhá?
Pernas e cabeças na calçada

ANDRADE, Oswald de. *Pau-Brasil*. 3 ed. São Paulo: Globo, 1990. p. 87.

Relicário

No baile da Corte
Foi o Conde D'Eu quem disse
Pra Dona Bemvinda
Que farinha de Sururu
Pinga de Parati
Fumo de Baependi
É comê bebê pitá e caí.

ANDRADE, Oswald de. *Pau-Brasil*. 3 ed. São Paulo: Globo, 1990. p. 88.

Tarsila do Amaral

Capa e ilustração de Tarsila do Amaral para a primeira edição de Pau-Brasil

Pau-Brasil, de Oswald de Andrade, classificado pelo crítico Haroldo de Campos como uma "poética da radicalidade", foi uma obra de extrema ousadia estética responsável por promover, esteticamente, o diálogo entre o Brasil e as vanguardas europeias na representação da temática nacional. Isso possibilitou ao livro ser, simultaneamente, universal e nacional, proposta que era a base da ideologia do Modernismo brasileiro da Primeira Fase, também denominada "etapa heroica" da produção modernista.

Posteriormente ao trabalho do Movimento Pau-Brasil, Oswald de Andrade, em 1928, lançou o Movimento da Antropofagia, que levou ao extremo o pensamento sobre a cultura brasileira em relação dialógica e dialética com a tradição estrangeira. A origem da teoria antropofágica surgiu a partir do presente de aniversário pintado por Tarsila ofertado a Oswald de Andrade: a tela *Abaporu*. Impactado com a vitalidade primitivista da tela, Oswald a mostrou

ao amigo e escritor Raul Bopp. Os dois, juntamente a Tarsila, deram o nome ao quadro de *Abaporu* – palavra do tupi que significa "antropófago". A partir daí, surgiu a ideia de construir um movimento estético de cunho nacionalista que devorasse a cultura estrangeira e buscasse, de forma crítica, a construção da identidade brasileira.

Tarsila do Amaral

Abaporu (1928) – Tarsila

No "Manifesto antropófago", é possível reconhecer como a metáfora da devoração, criada por Oswald de Andrade, foi a sustentação ideológica para o autor discutir o nacionalismo:

Manifesto antropófago

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. [...]

Tupy *or not* tupy, *that is the question*. [...]

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago. [...]

Contra todos os importadores de consciência enlatada. [...]

Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem. [...]

Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade. [...]

A alegria é a prova dos nove no Matriarcado de Pindorama. [...]

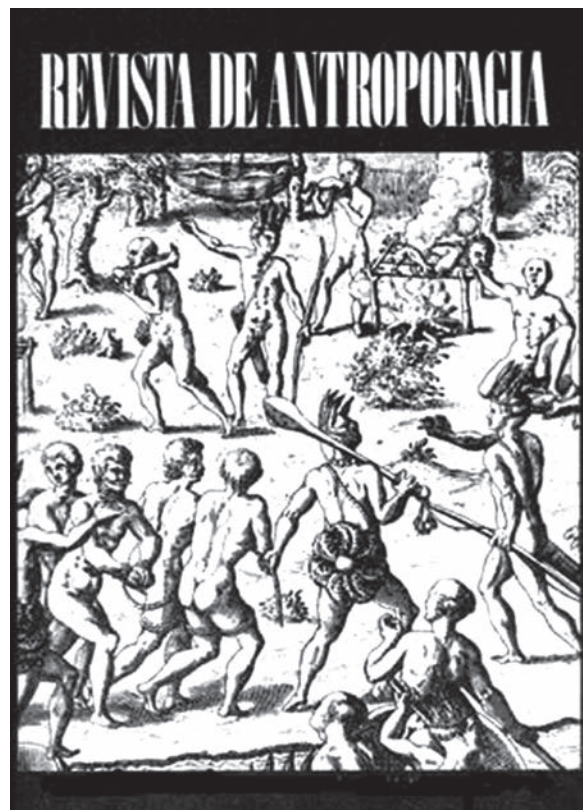
Contra a realidade social vestida e opressora cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do Matriarcado de Pindorama.

ANDRADE, Oswald de. *Do pau brasil à antropofagia e às utopias:* manifestos, teses de concursos e ensaios. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1972. (Fragmento).

Inicialmente, a Antropofagia foi estruturada a partir da visão antropológica na qual os ancestrais indígenas, em seus rituais antropofágicos, devoravam o inimigo valente para absorver as forças vitais da carne dele. Esse sentido passou a ser explorado a partir da década de 1920 por Oswald de Andrade, que o metaforizou de inúmeras formas, ampliando, cada vez mais, o que seria o "gesto antropofágico" que o brasileiro deveria praticar.

Por meio de uma paródia da imagem romântica do "Bom Selvagem" de Rousseau, Oswald de Andrade construiu a figura do "mau selvagem", que seria o brasileiro antropófago, capaz de inverter a relação entre o colonizador e o colonizado mantida desde 1500. De maneira sarcástica, Oswald apresenta os integrantes da sociedade brasileira como "canibais dos trópicos", que "comem" os europeus, como uma forma de vingança diante da exploração que se deu desde a época de Cabral. A Antropofagia pretendeu ser um movimento de releitura histórica e de retomada da identidade cultural do país, que, entregue à sedução estrangeira, estava até então, acostumado a "macaquear" (imitar) toda a tradição eurocêntrica. Em vez de se deixar "vestir" pelas influências europeias, o brasileiro antropófago deveria tirar as roupas e as máscaras do europeu, deixando-o nu, natural e biologicamente pronto para ser devorado.

A expressão "comer o outro" também foi utilizada como metáfora para a prática do "parricídio" cultural e literário, na qual o filho (vanguarda) devora o pai (tradição). Em tal concepção, a Europa não mais era copiada e exaltada, mas absorvida apenas naquilo que interessava à nação brasileira. Desse modo, a Antropofagia teve também uma acepção multicultural e intertextual em que devorar o outro significava assimilar criticamente os costumes e a tradição literária estrangeira para a construção da "saúde" nacional. Dentro dessa ótica, "devorar" essa cultura é apropriar-se de seus textos, é metabolizá-los e colocá-los como produto de exportação brasileira. Novamente ocorre uma inversão de papéis: o Brasil deixa de ser consumidor de "cultura enlatada" para se tornar um fornecedor de "matéria-prima", um produtor de "poesia de exportação".

Divulgação

Capa da Revista de Antropofagia *reeditada em 1975*

As obras *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e *Cobra Norato*, de Raul Bopp, foram as duas produções literárias que, poeticamente, exemplificaram a teoria antropofágica de Oswald de Andrade.

Macunaíma é uma rapsódia sobre a formação da cultura brasileira. O termo "rapsódia" apresenta dois significados que, unidos, correspondem ao projeto literário de Mário de Andrade. Inicialmente, é o nome dado aos fragmentos de cantos épicos, mas também é a terminologia que se emprega para denominar uma composição musical formada de diversos cantos populares. *Macunaíma* é justamente uma narrativa épica estilhaçada tanto na estrutura dos capítulos, quanto na montagem polifônica da obra, propiciada pelas inúmeras cantigas e provérbios populares, assim como pelas infindáveis intertextualidades com a literatura brasileira. O início do livro já é uma retomada paródica do romance indianista *Iracema*, de José de Alencar:

Início de Macunaíma

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. 22 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986. p. 9.

Na apresentação do herói Macunaíma, é possível reconhecer a paródia em relação ao "Bom selvagem" do Romantismo e à figura idealizada de Iracema, como a descreve José de Alencar:

Início do segundo capítulo de Iracema

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo-da-jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara.

ALENCAR, José de. *Romances ilustrados de José de Alencar*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL. 1977. p. 254.

Macunaíma em ilustração de Carybé

Macunaíma, o "herói sem nenhum caráter", é o representante da brasilidade, da fusão de valores étnicos, religiosos, culturais e sociais que formam o Brasil. Por isso, ele não tem um caráter definido, mas transitório, múltiplo, plural e contraditório, que se manifesta em suas atitudes de coragem e covardia, solidariedade e egoísmo, bondade e maldade, erotismo e sacralidade, determinação e preguiça. A própria imagem de Macunaíma e de seus familiares espelha a identidade nacional, como exemplifica a clássica passagem do livro em que Mário de Andrade, debochadamente, traça uma explicação mítica e cômica para a miscigenação do povo brasileiro, a partir da fusão das três etnias – a branca (que é figurada por Macunaíma, metamorfoseado de europeu), a indígena, cor de bronze (representada por Jiguê), e a negra (simbolizada por Maanape):

Uma feita a Sol cobrira os três manos duma escaminha de suor e Macunaíma se lembrou de tomar banho. [...] Então Macunaíma enxergou numa lapa bem no meio do rio uma cova cheia d'água. E a cova era que nem a marca dum pé gigante. Abicaram. O herói depois de muitos gritos por causa do frio da água entrou na cova e se lavou inteirinho. Mas a água era encantada porque naquele buraco na lapa era marca do pezão do sumé, do tempo em que andava pregando o evangelho de Jesus pra indiada brasileira. Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele. E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo retinta dos Tapanhumas.

Nem bem Jiguê percebeu o milagre, se atirou na marca do pezão do Sumé. Porém, a água já estava muito suja da negrura do herói e por mais que Jiguê esfregasse feito maluco atirando água pra todos os lados só conseguiu ficar da cor do bronze novo. Macunaíma teve dó e consolou:

– Olhe, mano Jiguê, branco você ficou não, porém pretume foi-se e antes fanho que sem nariz.

Maanape então é que foi se lavar, mas Jiguê esborrifara toda a água encantada pra fora da cova. Tinha só um bocado lá no fundo e Maanape conseguiu molhar só a palma dos pés e das mãos. Por isso ficou negro bem filho da tribo dos Tapanhumas. Só que as palmas das mãos e dos pés dele são vermelhas por terem se limpado na água santa. Macunaíma teve dó e consolou:

– Não se avexe, mano Maanape, não se avexe não, mais sofreu nosso tio Judas!

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. 22 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986. p. 30.

Cena do filme Macunaíma, *de Joaquim Pedro de Andrade, produzido em 1969, em que Grande Otelo representa o "herói sem nenhum caráter", de Mário de Andrade.*

Em contrapartida à postura paródica e antropofágica de Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Raul Bopp, os integrantes do Movimento Verde-amarelo apresentavam uma visão conciliadora e pacífica em relação à formação da identidade nacional e ao vínculo com a cultura estrangeira. Os integrantes de tal vertente modernista, entre eles Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e Plínio Salgado, tinham uma postura mais ingênua e ufanista em alguns de seus trabalhos. No "Manifesto Verde-amarelo", é possível notar a tendência mais pacifista e utópica dos autores, bem como a falta de senso crítico mais apurado no que se refere à formação histórica do Brasil e de sua tradição cultural:

Manifesto nhengaçu verde-amarelo

A nação é uma resultante de agentes históricos. O índio, o negro, o espadachim, o jesuíta, o tropeiro, o poeta, o fazendeiro, o político, o holandês, o português, o índio, o francês, os rios, as montanhas, a mineração, a pecuária, a agricultura, o sol, as léguas imensas, o Cruzeiro do Sul, o café, a literatura francesa, as políticas inglesa e americana, os oito milhões de quilômetros quadrados... Temos de aceitar todos esses fatores, ou destruir a nacionalidade...

Não há entre nós preconceitos de raças. Quando foi o 13 de Maio, havia negros ocupando já altas posições no país. E antes, como depois disso, os filhos de estrangeiros de todas as procedências nunca viram seus passos tolhidos.

Como aceitar todos esses fatores? Não concedendo predominância a nenhum.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. 12.ed. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 363-364.

Como exemplificação dessa tendência da Primeira Fase do Modernismo, destacam-se duas epopeias líricas: *Martim Cererê*, de Cassiano Ricardo; e *Juca Mulato*, de Menotti Del Picchia. Em ambas, é possível notar o ufanismo ingênuo dos integrantes do Verdeamarelismo. Nos versos seguintes, retirados de *Martim Cererê*, é possível reconhecer a visão épica e idealizada da história do Brasil, que marcou as obras de tais autores:

Ladainha

Por se tratar de uma ilha deram-lhe o nome de
[Ilha de Vera Cruz.
Ilha cheia de graça
Ilha cheia de pássaros
Ilha cheia de luz.

Ilha verde onde havia
mulheres morenas e nuas
anhangás a sonhar com histórias de luas
e cantos bárbaros de pajés em poracés
[batendo os pés.

Depois mudaram-lhe o nome pra Terra de Santa Cruz.
Terra cheia graça
Terra cheia de pássaros
Terra cheia de luz.
A grande Terra girassol onde havia guerreiros de tanga
e onças ruivas deitadas à sombra das árvores
[mosqueadas de sol.

Mas como houvesse, em abundância,
certa madeira cor de sangue cor de brasa
e como o fogo da manhã selvagem
fosse um brasido no carvão noturno da paisagem,
e como a terra fosse de árvores vermelhas
e se houvesse mostrado assaz gentil,
deram-lhe o nome de Brasil.

Brasil cheio de graça
Brasil cheio de pássaros
Brasil cheio de luz.

RICARDO, Cassiano. *Martim Cererê*. 15 ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 1981. p. 33.

RELEITURAS

Conforme se viu, os adeptos da Primeira Fase do Modernismo tinham a preocupação de inaugurar uma arte que fosse genuinamente brasileira, que não fosse mera cópia do modelo artístico europeu, padrão que prevalecera até então e que era herança de um longo passado colonial, comportamento típico da província, sempre desejosa de imitar a metrópole. Por outro lado, alguns dos membros do Movimento Modernista (os que compunham o Movimento Pau-Brasil e o Movimento Antropofágico) tampouco desejavam produzir uma arte caricata, que só entendesse como produto legitimamente nacional aquilo o que fosse livre de qualquer influência externa; para eles, isso significaria reproduzir o erro dos românticos indianistas, que exageravam na "cor local" e retratavam um Brasil primitivo e irreal. Oswald de Andrade classificava essa produção artística xenófoba e estereotipada – tal como a defendiam os da escola da Anta – de "macumba para turista". A alternativa proposta pelo grupo de Oswald era a de deglutição cultural: elementos da cultura popular e genuinamente brasileira deveriam ser resgatados, mas a eles deveriam ser incorporadas também as novidades europeias, depois de criticamente selecionadas e reinterpretadas à luz da realidade nacional:

A Antropofagia constituiu-se, assim, a partir de um duplo olhar: um para dentro do país, outro para fora – um preocupava-se em resgatar o folclore, as comidas típicas e as variantes lingüísticas [...]; o outro, instigado com as discussões estéticas divulgadas pelas vanguardas européias, observava as ousadias dos impressionistas, dadaístas, cubistas e surrealistas para, posteriormente, reelaborá-las dentro de um projeto nacional. O primeiro olhar [...] buscou *kodacar* o país, desde o processo de colonização até o início do século XX [...]; já o segundo se deu através de um prisma estético, de uma perspectiva futurista ansiosa por trazer a Modernidade para a nação.

BITARÃES NETTO, Adriano. *Antropofagia oswaldiana*: um receituário estético e científico. São Paulo: Annablume, 2004. p. 16.

A partir dos anos 60 do século XX, os princípios que orientaram a criação dos movimentos Pau-Brasil e Antropofagia foram retomados por artistas de diversos estilos, em especial por aqueles que fundariam o Tropicalismo. Caetano Veloso, Gilberto Gil, Torquato Neto, alguns nomes do movimento, surgiram com a proposta de inovar o cenário musical brasileiro, à época muito vinculado à MPB, que, assim como o Movimento Verde-amarelo, era resistente à influência estrangeira, estreitando o conceito do que representava ser "nacional". Os tropicalistas, tal como os artistas antropofágicos, propunham uma arte sincrética, em que tradição e modernidade, local e universal dialogassem. Essa proposta de reunir os mais diversos elementos caracterizadores da história e da cultura nacionais foi bem representada pela imagem da "geleia geral brasileira", capaz de comportar, ao mesmo tempo, "a mulata brasileira" e o "LP do Sinatra":

Geléia Geral

Um poeta desfolha a bandeira
E a manhã tropical se inicia
Resplandente, cadente, fagueira
Num calor girassol com alegria
Na geléia geral brasileira
Que o "Jornal do Brasil" anuncia

Ê, bumba-yê-yê-boi
Ano que vem, mês que foi
Ê, bumba-yê-yê-yê
É a mesma dança, meu boi

A alegria é a prova dos nove
E a tristeza é teu porto seguro
Minha terra é onde o sol é mais limpo
E Mangueira é onde o samba é mais puro
Tumbadora na selva-selvagem
Pindorama, país do futuro

Ê, bumba-yê-yê-boi
Ano que vem, mês que foi
Ê, bumba-yê-yê-yê
É a mesma dança, meu boi

É a mesma dança na sala
No Canecão, na TV
E quem não dança não fala
Assiste a tudo e se cala
Não vê no meio da sala
As relíquias do Brasil:
Doce mulata malvada
Um LP de Sinatra
Maracujá, mês de abril
Santo barroco baiano
Superpoder de paisano
Formiplac e céu de anil
Três destaques da Portela
Carne-seca na janela
Alguém que chora por mim
Um carnaval de verdade
Hospitaleira amizade
Brutalidade jardim

Ê, bumba-yê-yê-boi
Ano que vem, mês que foi
Ê, bumba-yê-yê-yê
É a mesma dança, meu boi

Plurialva, contente e brejeira
Miss linda Brasil diz "bom dia"
E outra moça também Carolina
Da janela examina a folia
Salve o lindo pendão dos seus olhos
E a saúde que o olhar irradia

Ê, bumba-yê-yê-boi
Ano que vem, mês que foi
Ê, bumba-yê-yê-yê
É a mesma dança, meu boi

Um poeta desfolha a bandeira
E eu me sinto melhor colorido
Pego um jato, viajo, arrebento
Com o roteiro do sexto sentido
Voz do morro, pilão de concreto
Tropicália, bananas ao vento

Ê, bumba-yê-yê-boi
Ano que vem, mês que foi
Ê, bumba-yê-yê-yê
É a mesma dança, meu boi

GIL, Gilberto; NETO, Torquato. Geléia geral. Disponível em: <http://www.gilbertogil.com.br/sec_musica.php?page=3>. Acesso em 28. fev.2011.

Nessa canção, fica evidente o apelo à "cor local" e à cultura popular, expresso em diversas imagens (carne-seca na janela, Bumba-meu-boi, bananas ao vento, santo barroco baiano, mulata, Portela e Mangueira, entre outros), mas também há a presença de elementos da cultura de massa, da modernidade e da industrialização (TV, LP do Sinatra, jato, formiplac), afinal "o Pindorama ['terra das palmeiras', antiga designação do Brasil] é o país do futuro". A referência a Oswald de Andrade ocorre de forma explícita, pois o verso "A alegria é a prova dos nove" é uma citação retirada do Manifesto Antropofágico, bem como "Brutalidade jardim" é uma citação de *Serafim Ponte Grande*. Também a ideia de "kodacar", isto é, fotografar o Brasil, mencionada pelo crítico Adriano Bitarães Netto, é recuperada na canção de Gil e Torquato. As "relíquias do Brasil" são apresentadas como um grande mosaico de cenas justapostas, *takes* extraídos do cotidiano, uma técnica de composição de influência cubista muito praticada por Oswald. Segundo Caetano Veloso, em depoimento extraído da obra de Augusto de Campos:

> Atualmente componho depois de ter visto *O rei da vela* [texto de Oswald reencenado em 1967] acho a obra de Oswald enormemente significativa. Fico apaixonado por sentir dentro da obra de Oswald um movimento que tem a violência que eu gostaria de ter contra as coisas de estagnação, contra a seriedade... Todas aquelas idéias dele sobre poesia pau-brasil, antropofagismo realmente oferecem argumentos atualíssimos que são novos mesmo diante daquilo que se estabeleceu como novo... O Tropicalismo é um neo-antropofagismo.
>
> VELOSO, Caetano. In: CAMPOS, Augusto de *et al*. *Balanço da bossa e outras bossas*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1974. p.204-207.

Outras características modernistas, tais como o emprego da linguagem coloquial, o deboche, a observação irônica da realidade, a linguagem concisa – e, por vezes, agressiva – bem como o poema-minuto, serão as linhas mestras da Poesia Marginal da década de 1970. Observe o poema de Chacal e tente perceber esses traços, semelhantes aos das obras de poetas como o já citado Oswald e também Murilo Mendes:

Papo de índio

Veiu uns ómi de saia preta
cheiu di caixinha e pó branco
qui eles disserum qui chamava açúcri.
aí eles falarum e nós fechamu a cara.
depois eles arrepetirum e nós fechamu o corpo.
aí eles insistirum e nós comemu eles.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). *26 poetas hoje*. 6. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007. p.219

O Tropicalismo e a Poesia Marginal serão estudados de forma mais aprofundada no último módulo desta coleção.

OUTRAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

As vanguardas europeias tiveram grande repercussão em território brasileiro. Conforme já foi dito, os artistas plásticos da Primeira Fase do Modernismo incorporaram as inovações técnicas recém-surgidas no Velho Mundo e as adaptaram para melhor retratar a realidade nacional. Nas obras de Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Lasar Segall, Ismael Nery, Cícero Dias, só para citar alguns nomes, encontram-se facilmente os traços estilísticos das novas escolas, tais como a postura antiacademicista, a ruptura com a tradição e a concepção de arte não mimética (que não é cópia da realidade):

> Belo da arte: arbitrário convencional, transitório – questão de moda. Belo da natureza: imutável, objetivo, natural – tem a eternidade que a natureza tiver. Arte não consegue reproduzir natureza, nem este é seu fim. Todos os grandes artistas, ora conscientes (Rafael das Madonas, Rodin de Balzac, Beethoven da Pastoral, Machado de Assis do Braz Cubas) ora inconscientes (a grande maioria) foram deformadores da natureza. Donde infiro que o belo artístico será tanto mais artístico, tanto mais subjetivo quanto mais se afastar do belo natural. Outros infiram o que quiserem. Pouco me importa.
>
> ANDRADE, Mário. Prefácio interessantíssimo. In: *Paulicéia desvairada.* Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. (Fragmento).

A pintora Anita Malfatti, cuja obra apresenta claras influências expressionistas e cubistas, foi uma das pioneiras do Modernismo no Brasil. Em 1917, antes mesmo da Semana de Arte Moderna, Anita realizou uma exposição que chocou crítica e público, os quais, conservadores, receberam a obra da artista como uma deturpação doentia da realidade. Monteiro Lobato, em artigo intitulado "Paranóia ou mistificação?", chega a comparar as pinturas de Anita aos desenhos dos loucos dos manicômios.

Anita Malfatti

Anita Malfatti

O homem amarelo e *A estudante* – de Anita Malfatti

No plano do conteúdo, seguindo uma tendência já apontada na literatura, as artes plásticas também procuraram retratar as cenas cotidianas e a cultura popular. Nesse sentido, ganha relevo a obra de Di Cavalcanti, o idealizador da Semana de Arte Moderna. O crítico Antônio Bento assim descreve a sua obra:

Apesar de suas ligações com a Escola de Paris e o Cubismo, é um pintor profundamente carioca e brasileiro. A sua obra reflete como nenhuma outra, pela extensão no tempo, a vida do nosso povo. O carnaval, o ritmo e a ginga dos sambistas, as baianas, as mulatas capitosas, as mulheres da vida, os passistas, os malandros, os seresteiros, os bailes de gafieira, os trabalhadores, a paisagem, enfim a própria vida do País está presente em sua pintura, que é sempre vigorosa. A sensualidade brasileira está nas linhas, formas e cores expressionistas de suas telas.

BENTO, Antônio. Disponível em: <www.dicavalcanti.art.br>. Acesso: 13 mar. 2011.

Di Cavalcanti

Baile popular – Di Cavalcanti

Di Cavalcanti

Painel para o Teatro João Caetano – Di Cavalcanti.

Outra artista de grande importância do Modernismo é Tarsila do Amaral. Além da tela O *Abaporu*, tomada como o grande ícone do movimento antropofágico, Tarsila pintou diversas outras telas em que retratou, sempre em cores fortes, as paisagens nacionais, do meio rural, do meio urbano, da nossa flora, da nossa fauna e nosso folclore, descobertas durante uma viagem feita em 1924 pelo grupo modernista às cidades históricas de Minas Gerais: "Encontrei em Minas as cores que adorava em criança. Ensinaram-me depois que eram feias e caipiras. Mas depois vinguei-me da opressão, passando-as para as minhas telas: o azul puríssimo, rosa violáceo, amarelo vivo, verde cantante".

Tarsila do Amaral

Lagoa Santa (1925)

Tarsila do Amaral

A gare (1925)

Tarsila do Amaral

O mamoeiro (1925)

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (UFG-GO–2009) Leia o texto.

TARSILA – Seu presente de aniversário.

OSWALD – Mas que coisa extraordinária! Eu vou telefonar para o Raul Bopp e pedir que ele venha imediatamente!

TARSILA – Afinal, você gostou ou não gostou?

OSWALD – É a melhor coisa que você fez na vida! Parece um selvagem, uma criatura do mato, um /

TARSILA – (*Emenda*) Um antropófago?

OSWALD – É isso aí! Como vamos chamá-lo?

TARSILA – (*Abre o dicionário de Montoya*) *Abaporu*, na língua dos índios, é o homem que come carne humana.

OSWALD – Então pronto. Está batizado.

FOCO EM MÁRIO.

MÁRIO – Abaporu?!

TARSILA – Você gosta? O Raul Bopp achou esquisito, mas gostou muito.

MÁRIO – Eu também gosto muito. Como é que chegou a isso?

TARSILA – Também me pergunto! Esse pé, essa mão, essa cabecinha de alfinete, o cactos ao fundo! Parece personagem de história de assombração...

MÁRIO – Eu sou contra as palavras que literatizam o quadro prejudicando a sensação estética puramente plástica. Mas esse indígena tem cheiro forte de terra brasileira...

OSWALD – O índio é que era feliz! Vivia sem leis e sem reis. Não tinha polícia, recalques, nem Freud, nem vergonha de ficar pelado! Que tal se a gente voltasse a comer tudo de novo? O que você acha de lançar um movimento, hein, Mário?

MÁRIO – Outro movimento?

OSWALD – Um movimento nativista como nunca se viu! Contra o europeu que chegou trazendo a gramática, a catequese e a ideia do pecado! Foi isso que acabou com o Brasil, Mário!

MÁRIO E TARSILA RIEM.

OSWALD – Vamos nos tornar antropofágicos e lançar oficialmente a Antropofagia Brasileira de Letras! [...]

OSWALD – Vocês não compreendem que é necessário vir tudo abaixo! Não atinaram para a ação nefanda da catequese e da submissão à cultura européia! Eles não têm nada pra dar pra gente!

TARSILA – Mas você se expressa na língua deles para dizer isso! E tem mais uma coisa: a primeira pessoa que falou de antropofagia foi o Mário!

OSWALD – O quê???!!!

TARSILA – "Vamos tratar de engolir a Europa! O que não der pra digerir a gente cospe fora!" Quem disse que o Brasil devia funcionar como um grande estômago quatro anos atrás!?!

AMARAL, Maria Adelaide. *Tarsila*. São Paulo: Globo, 2004. p. 46-50.

Analise as imagens a seguir.

A negra (1923)

Antropofagia (1929)

A tela *Abaporu* (1928), referida no texto, inspirou o Movimento Antropofágico. O diálogo entre as personagens na peça *Tarsila* caracteriza esse movimento por meio da descrição do *Abaporu*. A tela *A negra* (1923) é precursora da fase antropofágica. Observando os temas, as formas e a composição das imagens, **EXPLIQUE** por que a tela *Antropofagia* (1929) dá continuidade ao movimento lançado em 1928.

02. (PUC Rio)

Texto I

A um poeta

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica mas sóbria, como um templo grego.

Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E, natural, o efeito agrade,
Sem lembrar os andaimes do edifício:

Porque a Beleza, gêmea da Verdade,
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.

BILAC, Olavo. *Antologia de poesia brasileira* – Realismo e Parnasianismo. São Paulo: Ática, 1998. p. 48.

Texto II

Evocação do Recife

Recife
Não a Veneza americana
Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais
Não o Recife dos Mascates
Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois
– Recife das revoluções libertárias
Mas o Recife sem história nem literatura
Recife sem mais nada
Recife da minha infância
[...]
Rua da União onde todas as tardes passava a preta das [bananas
Com o xale vistoso de pano da Costa
E o vendedor de roletes de cana
O de amendoim
que se chamava midubim e não era torrado era cozido
Me lembro de todos os pregões:
Ovos frescos e baratos
Dez ovos por uma pataca
Foi há muito tempo...

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 114-116. (Fragmento).

A comparação entre os dois poemas acentua diferenças formais e temáticas que marcam momentos distintos da literatura brasileira: o Parnasianismo e o Modernismo.

Tomando por base os trechos selecionados, **JUSTIFIQUE** a afirmação anterior.

03. (PUC Rio)

Texto I

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como o seu sorriso; nem a baunilha rescendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

ALENCAR, José de. *Iracema*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1965. p. 16.

Texto II

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava: "Ai! que preguiça!..." e não dizia mais nada. Ficava no canto da maloca, trepado no jirau da paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanape já velhinho e Jiguê na força de homem. O divertimento dele era decepar cabeça de saúva. Vivia deitado, mas, si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintém.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978. p. 7.

Iracema e Macunaíma podem ser considerados personagens representativos de dois momentos fundamentais de construção da identidade da literatura brasileira: o Romantismo e o Modernismo. Tomando por base os fragmentos selecionados, **JUSTIFIQUE** a afirmação.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

01. (UFES)

A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafrão e de ocre nos verdes da favela sob azul cabralino são fatos estéticos. [...]

A língua sem arcaísmo, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos. [...]

Uma única luta – a luta pelo caminho. Dividamos: poesia de importação. E a poesia Pau-Brasil de exportação. [...]

O trabalho contra o detalhe naturalista – pela síntese; contra a morbidez romântica – pelo equilíbrio geômetra e pelo acabamento técnico; contra a cópia, pela invenção e pela surpresa. [...]

O trabalho da geração futurista foi ciclópico. Acertar o relógio império da literatura nacional. [...]

Temos a base dupla e presente – a floresta e a escola. A raça crédula e dualista e a geometria, a álgebra e a química logo depois da mamadeira e do chá de erva-doce. Um misto de dorme nenê que o bicho vem pegá e de equações.

Nos trechos selecionados, o "Manifesto da Poesia Pau-Brasil"(1924), de Oswald de Andrade,

A) apregoa a importância de o homem brasileiro estudar poesia para tornar-se mais erudito, fazendo o Brasil alcançar a Europa como país elevado culturalmente.
B) apresenta modelos para a produção de artes plásticas, pois explicita as luzes e as cores da natureza brasileira.
C) assinala que o ensino brasileiro carece de um maior incentivo por parte do Estado, porque investe pouco na formação de especialistas.
D) exprime novas bases para se pensar e fazer poesia, contrapondo a importância das situações comuns e populares a uma forma estagnada de tradição acadêmica.
E) problematiza a condição da nacionalidade ao indicar que o homem brasileiro deveria se subjugar ao europeu.

02. (UFOP-MG) Considerando a obra de Mário de Andrade, *Macunaíma*, é **CORRETO** afirmar que

A) o autor se preocupou em agrupar os mitos e lendas do Brasil numa narrativa que não analisa a situação real do índio brasileiro no início do século.
B) trata-se de uma narrativa que recupera lendas, mitos e histórias populares, que compõe um panorama cultural do Brasil do início do século, na visão crítica do autor.
C) trata-se de um romance polifônico que toma de empréstimo a estrutura musical da rapsódia por valorizar mitos e lendas da região Sul do Brasil.
D) trata-se de um romance que se constrói sob a perspectiva do indianismo, criticando suas características e mostrando a transformação do negro durante a modernização do Brasil.
E) trata-se de uma narrativa que reintroduz o tema do indianismo no panorama das experimentações dramáticas e musicais do Modernismo brasileiro.

03. (ITA-SP) Leia os textos a seguir, de Oswald de Andrade, extraídos de *Poesias reunidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978:

Vício na fala

Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da nação brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

Esses poemas

I. mostram claramente a preocupação dos modernistas com a construção de uma literatura que levasse em conta o português brasileiro.
II. mostram que as variantes linguísticas, ligadas a diferenças socioeconômicas, são todas válidas.
III. expõem a maneira cômica com que os modernistas, por vezes, tratavam de assuntos sérios.
IV. possuem uma preocupação nacionalista, ainda que não propriamente romântica.

Estão **CORRETAS**

A) I e IV.
B) I, II e III.
C) I, II e IV.
D) I, III e IV.
E) todas.

04. (PUC-SP) O título da obra *Macunaíma* é especificado com "Herói sem nenhum caráter". A alternativa que **NÃO** é verdadeira em relação à especificação é:

A) O caráter do herói é ele não ter caráter definido.
B) O protagonista assume várias esferas de ação, daí ser simultaneamente herói e anti-herói.
C) A fragilidade de caráter do protagonista faz com que este perca, no decorrer da obra, sua característica de herói.
D) O herói se configura com suas qualidades paradoxais: ele é ao mesmo tempo preguiçoso e esperto, irreverente e simpático, valente e covarde.
E) O caráter do herói é contraditório, pois ele se caracteriza como um "sonso-sabido".

05. (VUNESP-SP) Leia atentamente o texto de Antonio Candido e assinale a alternativa que julgar **INCORRETA**.

Na literatura brasileira, há dois momentos decisivos que mudam os rumos e vitalizam toda a inteligência: o Romantismo, no século XIX (1836-1870) e o ainda chamado Modernismo, no presente século (1922-1945). Ambos representam fases culminantes de particularismo literário na dialética do local e do cosmopolita; ambos se inspiram, não obstante, no exemplo europeu. Mas enquanto o primeiro procura superar a influência portuguesa e afirmar contra ela a peculiaridade literária do Brasil, o segundo já desconhece Portugal, pura e simplesmente: o diálogo perdera o mordente e não ia além da conversa de salão. Um fato capital se torna deste modo claro na história da nossa cultura; a velha mãe pátria deixara de existir para nós como termo a ser enfrentado e superado.

O particularismo se afirma agora contra todo academismo, inclusive o de casa, que se consolidara no primeiro quartel do século XX, quando chegaram ao máximo o amaciamento do diálogo e a consequente atenuação da rebeldia.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Ed. Nacional, 1975. p. 112.

A) Na dialética do local e do cosmopolita, o Romantismo e o Modernismo são os movimentos da história literária brasileira que mais enfatizaram a expressão dos dados locais.

B) Embora decisivos, tanto o Romantismo quanto o Modernismo inspiraram-se no exemplo europeu.

C) Uma diferença marcante entre o Romantismo e o Modernismo brasileiro é que, ao procurar afirmar a peculiaridade literária do Brasil, o Romantismo desconhece Portugal, enquanto o Modernismo retoma o velho diálogo.

D) O Modernismo marca uma ruptura fundamental na história da nossa cultura: a velha mãe pátria deixa de existir para nós como termo a ser enfrentado e superado.

E) O particularismo romântico diferencia-se do Modernismo porque este movimento se volta principalmente contra o academicismo que se manifesta em nossa literatura.

06. (Fatec-SP / Adaptado) Leia atentamente as características literárias que se seguem.

( ) Visão de mundo centrada no indivíduo; liberdade de criação; sentimentalismo; evasão no tempo, no espaço e na morte; "Mal do Século"; eleição de heróis grandiosos; subjetividade; supervalorização do amor.

( ) Concepção mística da vida; ênfase na imaginação e na fantasia; conteúdo relacionado com o espiritual, o místico, o subconsciente e o inconsciente.

( ) Quanto à poesia: utilização de versos livres, livre associação de ideias, valorização de fatos e coisas do cotidiano, humor; quanto à prosa: emprego de períodos curtos, utilização da fala coloquial, preocupação com a realidade.

( ) Objetividade; semelhanças das personagens com o homem comum; condicionamento das personagens ao meio físico e social; detalhismo; crítica ao presente; valorização da inteligência e da razão.

Essas características gerais referem-se, respectivamente, aos estilos

A) árcade; barroco; parnasiano; romântico.

B) barroco; modernista; realista / naturalista; simbolista.

C) parnasiano; romântico; árcade; modernista.

D) romântico; simbolista; modernista; realista / naturalista.

E) romântico; barroco; modernista; simbolista.

07. (UFOP-MG) Leia atentamente o poema de Manuel Bandeira:

Pneumotórax

Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.
Mandou chamar o médico:
– Diga trinta e três.
– Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
– Respire.
....
– O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
– Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
– Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. p. 214.

Com relação ao texto do poeta pernambucano, é **INCORRETO** afirmar que

A) trata-se de um ótimo exemplo de poema modernista, dada a ausência de rima e de métrica regular, o que faz com que este texto possa ser lido como um diálogo prosaico, num tom coloquial, de fácil apreensão e compreensão.

B) o poema não se refere explicitamente a uma situação comum a qualquer ser humano, mas pode ser lido como um desabafo irônico do poeta, uma vez que ele mesmo se ressentiu dos achaques da tuberculose, o que pode ser, implicitamente, percebido aqui.

C) a ironia de Manuel Bandeira encontra, nesse poema, um exemplo rico e instigante, uma vez que associa dados da biografia do autor e uma situação corriqueira na vida de qualquer pessoa acometida de tuberculose.

D) o "tango argentino" é o elemento que faz o leitor perceber o traço irônico de Manuel Bandeira, característica não apenas de sua poesia, como da produção poética modernista no Brasil, no início do século XX.

08. (UFF-RJ)

Pero Vaz Caminha

A descoberta

Seguimos nosso caminho por este mar de longo
Até a oitava da Páscoa
Topamos aves
E houvemos vista de terra

Os selvagens

Mostraram-lhes uma galinha
Quase haviam medo dela
E não queriam pôr a mão
E depois a tomaram como espantados

Primeiro chá

Depois de dançarem
Diogo Dias
Fez o salto real

As meninas da gare

Eram três ou quatro moças bem moças e bem gentis
Com cabelos mui pretos pelas espáduas
E suas vergonhas tão altas e tão saradinhas
Que de nós as muito olharmos
Não tínhamos nenhuma vergonha

ANDRADE, Oswald. *Poesias reunidas*.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 80.

O procedimento poético empregado por Oswald de Andrade no texto é

A) reconhecer e adotar a métrica parnasiana, criando estrofes simétricas e com títulos.
B) recortar e recriar em versos trechos da *Carta de Caminha*, dando-lhes novos títulos.
C) imitar e refazer em prosa a *Carta de Caminha*, criando títulos para as várias seções.
D) reconhecer e retomar a prática romântica, dando títulos nacionalistas às estrofes.
E) identificar e recusar os processos de colagem modernistas, dando-lhes títulos novos.

09. (UFAC–2010) Observe o trecho abaixo:

Então Macunaíma enxergou numa lapa bem no meio do rio uma cova cheia d'água. E a cova era que nem marca dum pé gigante. Abicaram. O herói depois de muitos gritos por causa do frio da água entrou na cova e se lavou inteirinho. Mas a água era encantada porque aquele buraco na lapa era marca do pezão de Sumé, do tempo em que andava pregando o evangelho de Jesus pra indiada brasileira. Quando o herói saiu do banho estava louro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele. E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo retinta dos Tapanhumas.

ANDRADE, M. *Macunaíma*: o herói sem nenhum
caráter. 22. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986. p. 29-30.

Na passagem acima, Mário de Andrade retoma uma tradição de contar histórias, onde Macunaíma, o herói da nossa gente, representa uma espécie de símbolo de afirmação da nossa mestiçagem que até então, antes do Modernismo, era vista como sinal de inferioridade. Ao sair da água encantada, porém, ele consegue ficar branco, enquanto seus dois irmãos, mais adiante, continuam com os traços indígenas e negroides. Essa metáfora compõe, junto com a forma de contar histórias,

A) o pobre cenário de nossa relação com o passado.
B) o irremediável apego a uma tradição narrativa, sem mais sentido para a época.
C) o mergulho nas nossas raízes e o desafio de compreendê-las na sua complexidade.
D) uma discussão que confirma, apenas, a falta de sentido de nossa malandragem, como marca da nossa identidade.
E) a abertura para todos os ufanismos e exageros nacionalistas que marcariam a nossa trajetória de desembaraço de contradições.

10. (PUC RS–2010) Para responder à questão, ler o trecho *Memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade.

A costa brasileira depois de um pulo de farol sumiu como um peixe. O mar era um oleado azul. O sol afogado queimava arranha-céus de nuvens. Dois pontos sujaram o horizonte faiscando longínquos bons dias sem fio.

Os olhos hipócritas dos viajantes andavam longe dos livros – agora polichinelos sentados nas cadeiras vazias.

A aproximação do texto literário à prosa cinematográfica, caracterizada pela __________, permite afirmar que o fragmento acima, de autoria de Oswald de Andrade, enquadra-se na estética __________.

A) simultaneidade de imagens - modernista
B) exaltação de objetos - romântica
C) presença da ironia - realista
D) idealização da paisagem - pós-moderna
E) exploração do local - simbolista

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2007)

Sobre a exposição de Anita Malfatti, em 1917, que muito influenciaria a Semana de Arte Moderna, Monteiro Lobato escreveu, em artigo intitulado "Paranóia ou Mistificação":

> Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que veem as coisas e em consequência fazem arte pura, guardados os eternos ritmos da vida, e adotados, para a concretização das emoções estéticas, os processos clássicos dos grandes mestres. [...] A outra espécie é formada dos que vêem anormalmente a natureza e a interpretam à luz das teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica das escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. [...] Estas considerações são provocadas pela exposição da sra. Malfatti, onde se notam acentuadíssimas tendências para uma atitude estética forçada no sentido das extravagâncias de Picasso & cia.
>
> **O Diário de São Paulo**, dez. 1917.

Em qual das obras seguintes identifica-se o estilo de Anita Malfatti criticado por Monteiro Lobato no artigo?

A)

Acesso a Monte Serrat – Santos

B)

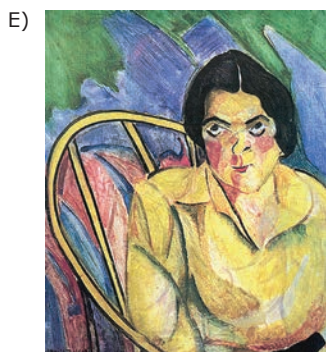
Vaso de Flores

C)

A Santa Ceia

D)

Nossa Senhora Auxiliadora e Dom Bosco

E)

A Boba

02. (Enem–2007)

Texto I

O canto do guerreiro

Aqui na floresta
Dos ventos batida,
Façanhas de bravos
Não geram escravos,
Que estimem a vida
Sem guerra e lidar.
— Ouvi-me, Guerreiros,
— Ouvi meu cantar.

Valente na guerra,
Quem há, como eu sou?
Quem vibra o tacape
Com mais valentia?
Quem golpes daria
Fatais, como eu dou?
— Guerreiros, ouvi-me;
— Quem há, como eu sou?

Gonçalves Dias

Texto II

Macunaíma

(Epílogo)

Acabou-se a história e morreu a vitória. Não havia mais ninguém lá. Dera tangolomângolo na tribo Tapanhumas e os filhos dela se acabaram de um em um. Não havia mais ninguém lá. Aqueles lugares, aqueles campos, furos puxadouros arrastadouros meios-barrancos, aqueles matos misteriosos, tudo era solidão do deserto [...] Um silêncio imenso dormia à beira do rio Uraricoera. Nenhum conhecido sobre a terra não sabia nem falar da tribo nem contar aqueles casos tão pançudos. Quem podia saber do Herói?

Mário de Andrade

A leitura comparativa dos dois textos anteriores indica que

A) ambos têm como tema a figura do indígena brasileiro apresentada de forma realista e heroica, como símbolo máximo do nacionalismo romântico.

B) a abordagem da temática adotada no texto escrito em versos é discriminatória em relação aos povos indígenas do Brasil.

C) as perguntas "— Quem há, como eu sou?" (Texto I) e "Quem podia saber do Herói?" (Texto II) expressam diferentes visões da realidade indígena brasileira.

D) o texto romântico, assim como o modernista, aborda o extermínio dos povos indígenas como resultado do processo de colonização no Brasil.

E) os versos em primeira pessoa revelam que os indígenas podiam expressar-se poeticamente, mas foram silenciados pela colonização, como demonstra a presença do narrador, no segundo texto.

03. (Enem–2006)

Namorados

O rapaz chegou-se para junto da moça e disse:

— Antônia, ainda não me acostumei com o seu

[corpo, com a sua cara.

A moça olhou de lado e esperou.

— Você não sabe quando a gente é criança e de

[repente vê uma lagarta listrada?

A moça se lembrava:

— A gente fica olhando...

A meninice brincou de novo nos olhos dela.

O rapaz prosseguiu com muita doçura:

— Antônia, você parece uma lagarta listrada.

A moça arregalou os olhos, fez exclamações.

O rapaz concluiu:

— Antônia, você é engraçada! Você parece louca.

BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa & prosa.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

No poema de Bandeira, importante representante da poesia modernista, destaca-se como característica da escola literária dessa época

A) a reiteração de palavras como recurso de construção de rimas ricas.

B) a utilização expressiva da linguagem falada em situações do cotidiano.

C) criativa simetria de versos para reproduzir o ritmo do tema abordado.

D) a escolha do tema do amor romântico, caracterizador do estilo literário dessa época.

E) o recurso ao diálogo, gênero discursivo típico do Realismo.

GABARITO

Fixação

01. A tela *Antropofagia* dá continuidade ao movimento lançado em 1928 por apresentar, como paisagem de fundo, uma vegetação da flora brasileira e por trazer a junção de *Abaporu* e *A negra*, personagens de telas anteriores, o que acentua a brasilidade do tema da tela em questão. Nas obras, o índio e a negra representam a formação da sociedade brasileira; o europeu, entretanto, foi suprimido, como propõe o Movimento Antropofágico.

02. **Texto I**

    Preocupação formal; métrica regular, esquema simétrico de rimas; valorização da "arte pela arte" (v. 1); objetivismo e impassibilidade; defesa de uma arte de tradição exclusivamente erudita (v. 1 e 2); aproximação da cultura clássica (v. 7 e 8).

    Texto II

    Liberdade de pesquisa e criação estética; uso de versos livres e brancos; aproximação entre língua falada e língua escrita pelo uso do registro coloquial; valorização da cultura popular; crítica à dependência cultural.

03. Iracema materializa o desejo romântico de representação do índio como símbolo idealizado do herói brasileiro, identificado com a natureza local, corajoso e guerrreiro. Já Macunaíma representa uma visão crítica do nacionalismo romântico, uma leitura irônica do modelo de herói idealizado pelo romantismo, um verdadeiro "anti-herói" que rompe com procedimentos estéticos e ideológicos da literatura no século XIX.

Propostos

01. D
02. B
03. E
04. C
05. C
06. D
07. B
08. B
09. C
10. A

Seção Enem

01. E
02. C
03. B

LÍNGUA PORTUGUESA

Modernismo: 2ª fase

MÓDULO 15 FRENTE B

MODERNISMO – SEGUNDA FASE (1930-1945)

A década de 30 foi marcada por uma crise mundial de âmbito econômico, que se instaurou com o *crack* da bolsa de Nova Iorque em 1929. Além das questões sociais advindas de tal crise, o mundo assistia também ao surgimento das ideologias nazista e fascista, que culminariam com a Segunda Guerra Mundial em 1939. Todas essas questões de ordem premente em relação ao futuro de uma humanidade – que se abalava cada vez mais pelo modo de vida capitalista e que apontava, como solução, o socialismo – refletiram na produção artística dos anos 30 e 40. A Segunda Fase do Modernismo privilegiou as questões universais em detrimento da questão nacionalista. A preocupação não era mais a construção de uma identidade nacional, mas a reflexão sobre o ser humano cada vez mais desumanizado por uma sociedade desigual e mecanicista. Em nome da retratação de tais problemáticas de cunho social, os autores da Segunda Fase do Modernismo se empenharam em produzir uma arte de conscientização e mobilização social, o que gerou uma produção engajada. O engajamento é a produção de cunho ideológico-político feita para contestar as estruturas sociais hierárquicas, segregadoras e excludentes do mundo capitalista. A exploração de várias classes que viviam em condições sub-humanas é denunciada na arte em geral: poesia, prosa, teatro, cinema e pintura.

Diante desse cenário mundial, o escritor brasileiro também se viu na obrigação de retratar as questões sociais do país, a realidade opressora dos centros urbanos e a injustiça do interior oriunda da concentração da renda e das terras em uma política marcada pelo coronelismo. Tendo em vista tais temáticas e posturas vinculadas ao cotidiano do homem em seu meio social, a Segunda Fase do Modernismo foi denominada neorrealista, pois os autores, de forma análoga aos escritores do século XIX, voltaram os seus olhos para a realidade, descrevendo-a em seus aspectos geográficos e sociais. Desse modo, foi importante a contribuição da Primeira Fase, que soube valorizar a cultura popular, a linguagem coloquial. Os autores da Segunda Fase também se apropriaram da liberdade estética já proporcionada por seus antecessores para criar, tanto na poesia quanto na prosa, os seus tipos sociais, as suas cenas do cotidiano, acrescentando-lhes uma forte carga de denúncia política.

Os romances dos autores nordestinos dos anos 30 são a grande marca na prosa nacional que exemplifica essa postura sociológica da literatura neorrealista, embora a produção de Erico Verissimo, no sul do país, seja exemplar da caracterização do brasileiro envolvido no contexto de formação da sociedade. Contudo, coube mesmo à força dos escritores nordestinos legitimarem uma literatura de caráter regionalista capaz de demonstrar e denunciar o processo desumano no qual vários brasileiros sobreviviam devido à seca, à injusta distribuição de renda e à exploração da sociedade capitalista. Obras como *A bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida; *O quinze* (1930), de Raquel de Queiroz; *O país de carnaval* (1931), *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Mar morto* (1936) e *Capitães da areia* (1937), de Jorge Amado; *Menino de Engenho* (1932), de José Lins do Rego; *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos, são os maiores exemplos da literatura regionalista do neorrealismo dos anos 30.

José Américo de Almeida, no romance *A bagaceira*, faz uma denúncia social dos dois nordestes: o árido e interiorano, duramente marcado pela miséria da seca, e o litorâneo, em que há a água, mas a monocultura da cana de açúcar mantém os homens em condições animalescas de existência. O próprio livro sintetiza a sua temática na expressão: "Há uma miséria maior do que morrer de fome no deserto: é morrer de fome na terra de Canaã."

Assim como os personagens de *A bagaceira*, os de vários outros romances nordestinos encontram-se na mesma condição: a de flagelados humanos que lutam pela sobrevivência apesar das adversidades climáticas, sociais e econômicas.

O trabalho mais significativo em termos estéticos da Segunda Fase é o conjunto da obra de Graciliano Ramos. O seu estilo conciso e "árido" como a própria realidade em que os personagens vivem fez de sua produção um marco na história da literatura brasileira. Graciliano Ramos é considerado pela crítica literária um dos maiores prosadores da língua portuguesa. O próprio autor, em uma entrevista, explicou como as palavras devem ser empregadas de forma cuidadosa e contida, sem exageros, rodeios, adjetivações desnecessárias e advérbios supérfluos:

"Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer."

Graciliano Ramos, em entrevista concedida em 1948.
Disponível em: www.graciliano.com.br.
Acesso em: 25 abr. 2011.

O livro mais significativo de Graciliano Ramos para denunciar a miséria do nordestino é *Vidas secas*. O protagonista Fabiano é descrito como um homem zoomorfizado tanto pelo sertão quanto pela exploração de que é vítima. No seguinte fragmento do romance, o próprio personagem reconhece a sua condição de "bicho":

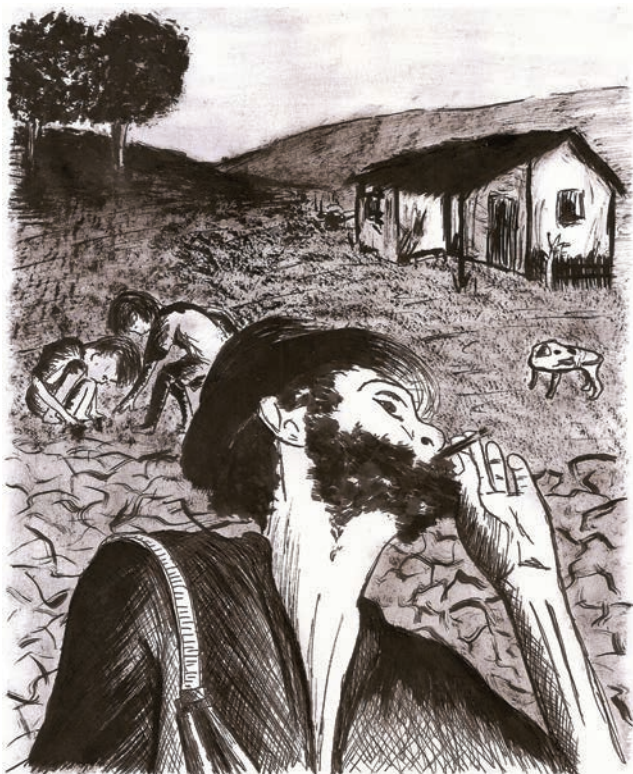
"– Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

– Você é um bicho, Fabiano. [...]

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se agüentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopéias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas."

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 32.ed.
São Paulo: Martins, 1974. p.53-55 (Fragmento).

Viviane Fonseca

O menino mais novo, o menino mais velho, Fabiano e Baleia.

Além da produção regionalista mencionada, de caráter mais engajado e de denúncia social, houve também na Segunda Fase do Modernismo as narrativas psicológicas ou os chamados romances introspectivos da década de 30. As obras *O amanuense Belmiro* (1937), de Cyro dos Anjos; *Fronteira* (1936) e *Dois romances de Nico Horta* (1939), de Cornélio Pena; *Maleita* (1934) e *Salgueiro* (1935), de Lúcio Cardoso – embora o seu grande trabalho tenha sido *Crônica da casa assassinada*, de 1959, um dos mais belos romances brasileiros do século XX – são exemplos de tal vertente do Modernismo dos anos 30.

No que diz respeito à produção poética desse período, houve um equilíbrio entre as inovações estéticas conquistadas pelos autores da Primeira Fase (principalmente os versos livres, brancos e bárbaros) e uma retomada da tradição e da forma fixa. O soneto, tão satirizado na Primeira Fase, volta a ser escrito e cultuado, bem como temáticas mais subjetivas, emotivas, religiosas e espiritualistas voltaram a aparecer. Dentre os novos nomes que se consagraram, destacam-se os de Murilo Mendes, Henriqueta Lisboa, Cecília Meireles, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade e Mario Quintana.

A poética de Murilo Mendes, inicialmente paródica como era típico na Primeira Fase Modernista, bem dentro das construções dos poemas-piadas, das imagens surreais e dos textos de denúncia, teve, a partir dos primeiros anos da década de 30, uma profunda alteração. O poeta parte em busca de uma linguagem mais religiosa, mística, transcendental e inclusive simbolista, como se tornou comum entre os autores do período. Contudo, foram os seus escritos paródicos da Primeira Fase que o imortalizaram na história da literatura nacional, principalmente os seus livros: *Poemas*, de 1929; *Bumba-meu-poeta*, de 1930-1931; e *História do Brasil*, de 1932.

Henriqueta Lisboa, que já havia publicado algumas obras nos anos trinta, só veio a se firmar com o lançamento de *O menino poeta*, em 1943, e principalmente com *Flor da morte*, de 1949, seu trabalho mais denso e consistente. Dotado de uma precisão e concisão vocabular que denunciam a consciência estética da autora, o seu estilo permite ao texto explorar a polissemia e o interdito.

O Mistério

Na morte, não. Na vida.
Está na vida o mistério.
Em cada afirmação ou
abstinência.
Na malícia
das plausíveis revelações,
no suborno
das silenciosas palavras.

Tu que estás morto /esgotaste o mistério.

[...] Agora estás poderoso
de indiferença, de equilíbrio.
Completo em ti mesmo, forro
de seduções e amarras.
Nada te açula ou tolhe.
És todo e és um, apenas.
A plenitude da água,
da pedra, tens.

LISBOA, Henriqueta. *Flor da morte*.
Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p.10-11 (Fragmento).

Com os livros *Viagem* (1939) e *Vaga música* (1942), Cecília Meireles marcou a sua presença na poesia de língua portuguesa, mostrando-se como uma autora erudita, capaz de dialogar com inúmeras tradições literárias de diferentes épocas e regiões do mundo para criar as "raízes espirituais" de sua arte.

Esse espiritualismo já se encontrava desde os primeiros livros da escritora, que desenvolviam uma produção parnaso-simbolista de tendência mais tradicional e apresentavam uma arte mais espiritual e universal em oposição ao nacionalismo e à postura paródica de algumas obras da fase heroica do Modernismo. A obra de Cecília representa uma apreciação pelo passado, um respeito pela tradição, um resgate da poesia simbolista brasileira e francesa. Entretanto, o teor espiritual e transcendental dos poemas de Cecília não se encontra estritamente vinculado ao Simbolismo, pois grande é a relevância das artes indiana, chinesa e japonesa em seus versos, tanto que Andrade Muricy definiu-a como a "enamorada do oriente".

Esse "enamoramento" verifica-se nos inúmeros estudos críticos feitos pela autora sobre arte oriental, em suas traduções para o português de obras de Bashô e Li Po, nas aulas e conferências sobre literatura oriental que ministrava e, principalmente, em seus versos, repletos de filosofia espiritual, de um aprendizado budista que assimila os ensinamentos da existência a partir da reflexão silenciosa e da apreciação da natureza. A natureza, em certos poemas de *Viagem*, mostra-se como um exercício de ensinamento para os homens. Nesse sentido, ela não é apenas símbolo, metáfora, mas é imagem física repleta de efemeridade, transcendência, como o próprio homem. Os epigramas de *Viagem* são exemplares nesse sentido.

Epigrama nº 09

O vento voa,

a noite toda se atordoa,

a folha cai.

Haverá mesmo algum pensamento

sobre essa noite? Sobre esse vento?

Sobre essa folha que se vai?

MEIRELES, Cecília. *Viagem & Vaga música*.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

Além do reconhecimento de Cecília Meireles como a maior representante feminina da poesia brasileira do século XX, o nome de Carlos Drummond de Andrade também se destaca nesse período como um dos maiores escritores de língua portuguesa de todos os tempos. Durante o período cronológico da Segunda Fase do Modernismo, Drummond, que já tinha alguns poemas publicados em revistas modernistas da Primeira Fase, se consagra com o lançamento de *Alguma poesia*, em 1930; *Brejo das almas*, em 1934; *Sentimento do mundo*, em 1940; *José*, em 1942; e *A rosa do povo*, em 1945: obras que exibem a consciência estética e ideológica do autor.

Na obra *Antologia poética*, publicada em 1962, o próprio Drummond seleciona os poemas para a composição do livro e elabora um prefácio no qual justifica as "faces" de sua obra, os grandes temas de sua escrita. O leitor encontrará, assim, como pontos de partida ou matéria de poesia: 1) O indivíduo; 2) A terra natal; 3) A família; 4) Amigos; 5) O choque social; 6) O conhecimento amoroso; 7) A própria poesia; 8) Exercícios lúdicos; 9) Uma visão, ou tentativa de, da existência.

Os poemas que constituem as partes "Indivíduo" e "Uma visão, ou tentativa de, da existência" evidenciam o caráter filosófico, existencialista e reflexivo da poética de Drummond. O exemplo maior dessa vertente é o primeiro poema de sua primeira obra, o "Poema de sete faces", publicado em *Alguma poesia*. Nesse texto, assim como em vários outros de toda a sua trajetória, Drummond constrói uma voz poética que lamenta sobre a sua condição falível de ser humano, sobre a impotência do homem diante da própria existência. O sujeito "retorcido", "torto", "*gauche*" e "enrodilhado", "que vive na sombra", é alguém que olha o mundo e que reflete não só sobre o que vê, mas também sobre o seu próprio comportamento e sobre as suas reações diante do que é visto.

Poema de sete faces

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.
O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.
Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983. p. 70.

Já na obra *Sentimento do mundo*, de 1942, a visão particular do sujeito e o seu estar-no-mundo ultrapassam o plano individual para atingir um caráter universal de teor socialista. Assim como na prosa da Segunda Fase, houve uma arte preocupada com as questões da injustiça social e com o mundo capitalista em crise, na poesia, essa mesma vertente engajada também se manifestou nas produções de Drummond, que conseguiu conciliar uma forte poesia de aspecto social com uma apurada qualidade técnica. Poemas como "Os ombros suportam o mundo", "A noite dissolve os homens", "Sentimento do mundo", "Elegia 1938", "Mundo grande" e "Mãos dadas" são exemplos da qualidade poética de Drummond para abordar questões políticas e realizar uma arte engajada dotada de grande sensibilidade e valor estético.

Mãos Dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.

Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens
[presentes, a vida presente.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983. p.132.

No poema, a voz poética reitera a preocupação da época em fazer uma arte que reflita sobre o seu papel no contexto em que é produzida e lida. Desse modo, a reflexão metalinguística aparece vinculada ao caráter engajado da produção poética. Não cabe à poesia tematizar sonhos distantes e ter uma postura escapista como fizeram os românticos, mas cantar o "tempo presente" e se envolver com os problemas que assolavam o século XX. A poesia não deve ser válvula de escape, mas arma para combater os conflitos mundiais que se instauravam.

Além dessa voz coletiva que versa sobre os problemas urbanos e universais, a poética de Drummond também retratou o universo autobiográfico do autor, vivenciado no interior de Minas Gerais. Assim, parte de sua obra reflete sobre a família, a vida interiorana e o papel da memória ao reconstruir tudo isso.

Outro nome que surge ainda na Segunda Fase do Modernismo brasileiro é o de Mario Quintana que, em 1940, lança seu livro de sonetos, *A rua dos cataventos,* e, a partir de 1943, inicia a publicação do *Caderno H*, na Revista *Província de São Pedro*, obra que sairia publicada em livro apenas em 1973. O estilo coloquial e bem-humorado de Quintana o tornou mestre da ironia na literatura brasileira, o que lhe rendeu não só o sucesso de crítica, mas de público. É um dos mais aclamados poetas brasileiros pelas suas composições muitas vezes breves, mas densas de significados, como exemplifica o seu clássico "Poeminho do contra".

Poeminho do contra

Todos esses que aí estão
Atravancando o meu caminho,
eles passarão...
eu passarinho!

QUINTANA, Mario. Caderno H. In: *Poesia completa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005. p. 257.

Tendo em vista a diversidade e a qualidade de autores, bem como os inúmeros direcionamentos estéticos e temáticos que cada um deles atravessou em suas experiências poéticas, é possível reconhecer a riqueza que esse período literário teve na literatura brasileira, abrindo a possibilidade para que a arte não se aprisionasse nem na forma fixa, nem na obrigatoriedade do verso livre. A escolha criativa e a preocupação social pontuaram a trajetória dos autores da Segunda Fase quer seja na prosa, quer seja na poesia. Foi esse o caminho que os autores a partir de 1945 também seguiram, inovando ainda mais.

RELEITURAS

Conforme foi visto, uma dos poemas mais famosos de Drummond é o "Poema de sete faces", que inaugurou uma série de releituras. A imagem do anjo mensageiro que aparece na hora do nascimento para ditar uma profecia de vida tornou-se um verdadeiro mote na tradição poética brasileira. Observe o seguinte poema, de autoria da escritora mineira Adélia Prado:

Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.
Minha tristeza não tem *pedigree*,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.

PRADO, Adélia. *Bagagem*. 22. ed.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 19.

O tom assumido pelo poema de Adélia é bastante diverso daquele presente no texto de Drummond, o que fica evidente já de início: enquanto o anjo de Drummond é torto, o de Adélia é esbelto e toca trombeta e, embora seu prognóstico não seja propriamente positivo, o eu lírico consegue superá-lo. É interessante observar que a poeta rompe com um estereótipo de mulher, geralmente vista como sinônimo de fragilidade, impotência e submissão.

Em "Com licença poética", é exatamente a condição feminina que propicia ao eu lírico a maleabilidade necessária para romper com a sua sina ("mulher é desdobrável"). Os homens, desprovidos dessa habilidade em lidar com os problemas, são condenados à maldição de continuarem "coxos" – uma brincadeira que a poeta faz a partir da semelhança sonora entre esse termo e o termo *gauche*, utilizado por Drummond. Enquanto no poema original, a sensação que predomina é de desesperança, frustração e abandono, na releitura de Adélia, a ideia principal é de superação, afinal, a dor existe, mas não precisa se converter em amargura, pois "a vontade de alegria" pode ser maior.

Outra versão bastante conhecida do "Poema de sete faces" foi feita por Chico Buarque:

Até o fim

Quando nasci veio um anjo safado
O chato do querubim
E decretou que eu estava predestinado
A ser errado assim
Já de saída a minha estrada entortou
Mas vou até o fim
"inda" garoto deixei de ir à escola
Cassaram meu boletim
Não sou ladrão, eu não sou bom de bola
Nem posso ouvir clarim
Um bom futuro é o que jamais me esperou
Mas vou até o fim
Eu bem que tenho ensaiado um progresso
Virei cantor de festim
Mamãe contou que eu faço um bruto sucesso
Em Quixeramobim
Não sei como o maracatu começou
Mas vou até o fim
Por conta de umas questões paralelas
Quebraram meu bandolim
Não querem mais ouvir as minhas mazelas
E a minha voz chinfrim
Criei barriga, a minha mula empacou
Mas vou até o fim
Não tem cigarro acabou minha renda
Deu praga no meu capim
Minha mulher fugiu com o dono da venda
O que será de mim?
Eu já nem lembro "pronde" mesmo que eu vou
Mas vou até o fim
Como já disse era um anjo safado
O chato dum querubim
Que decretou que eu estava predestinado
A ser todo ruim
Já de saída a minha estrada entortou
Mas vou até o fim

BUARQUE, Chico. Até o fim.
Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/construção/mestre.asp?pg=ateofim_78.htm>. Acesso em: 14 mar. 2011.

A figura do anjo na canção de Chico Buarque não possui a elegância daquele retratado no poema de Adélia Prado e tampouco é torto. Trata-se de um anjo safado e chato, que transmite a impressão de ser zombeteiro, inconveniente, uma figura quase cômica. Assim como acontece no poema de Drummond, na canção de Chico, a profecia negativa se cumpre, e tudo na vida do eu lírico parece sair errado; seus fracassos, no entanto, dizem respeito a uma dimensão muito cotidiana da vida (criar barriga, não ser bom de bola, ter a mula empacada ou o bandolim quebrado), não se relacionam aos grandes dilemas metafísicos do eu lírico de Drummond, o que confere à releitura de Chico um tom leve e bem-humorado. Apesar de nem sempre (ou melhor, quase nunca) conseguir transpor as adversidades, como o eu lírico feminino da versão de Adélia, o eu lírico de Chico caracteriza-se pela obstinação, expressa pela frase sempre reiterada "eu vou até o fim". Nesse aspecto, ele distancia-se do eu poético de Drummond, que é mais negativo e derrotista.

OUTRAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

A preocupação com os grupos socialmente excluídos ou marginalizados da sociedade, tão bem representada pelo romance regionalista da década de 30 nas obras de Jorge Amado e Graciliano Ramos, por exemplo, encontra um correspondente na pintura por meio da obra de Candido Portinari. Filho de imigrantes italianos que vieram para o Brasil para trabalhar na lavoura, Portinari teve uma infância humilde e seus estudos limitaram-se à educação primária, atual ensino básico. A convivência próxima com a pobreza e com a realidade dura do trabalhador no país foi de extrema importância para a formação de sua personalidade como indivíduo e também como artista: "Vim da terra vermelha e do cafezal. As almas penadas, os brejos e as matas virgens acompanham-me como o espantalho, que é o meu autorretrato. Todas as coisas frágeis e pobres se parecem comigo". Observe os seguintes quadros:

Candido Portinari

Mulher e criança – Portinari

Lavrador de café – Portinari

Na obra de Portinari, é comum a presença de figuras populares, trabalhadores do meio urbano ou rural: lavadeiras, camponeses, estivadores, pescadores, jangadeiros, metalúrgicos e operários. O pintor ressalta-lhes as formas robustas e, por vezes, os pés e as mãos, para enfatizar a força física necessária à realização dos trabalhos braçais. Contrastando com a robustez dos trabalhadores, nas telas dos retirantes, predominam as formas esquálidas:

Criança morta – Portinari

Nos quadros que retratam a seca, figuram as famílias numerosas, compostas por formas cadavéricas, semimortas. As expressões dos rostos são vazias e desesperançadas. Não é raro as crianças apresentarem o ventre avantajado, indício de verminoses e outras doenças decorrentes das condições sanitárias precárias. Segundo o senador Inácio Arruda, "[...] através de sua obra, Portinari lutou tenaz e corajosamente em favor da paz e contra todas as formas de injustiça".

Portinari também retratou temas religiosos, festas populares, natureza morta, tipos humanos, entre outros. Note que, como modernista, o pintor apresentava uma preocupação em retratar as coisas da terra, os elementos da cultura e do folclore nacionais, mas também havia incorporado à sua técnica as inovações trazidas pela geração anterior, que se espelhara nas novidades das Vanguardas Europeias. Na obra de Portinari, os traços dos movimentos vanguardistas, sobretudo do Cubismo, são evidentes. Veja a tela a seguir e perceba a semelhança com a obra de Picasso:

Ressurreição de Lázaro – Portinari

Guernica – Picasso

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (PUC-Rio)

Família

Três meninos e duas meninas,
sendo uma ainda de colo.
A cozinheira preta, a copeira mulata,
o papagaio, o gato, o cachorro,
as galinhas gordas no palmo de horta
e a mulher que trata de tudo.
A espreguiçadeira, a cama, a gangorra,
o cigarro, o trabalho, a reza,
a goiabada na sobremesa de domingo,
o palito nos dentes contentes,
o gramofone rouco toda noite
e a mulher que trata de tudo.
O agiota, o leiteiro, o turco,
o médico uma vez por mês,
o bilhete todas as semanas
branco! mas a esperança sempre verde.
A mulher que trata de tudo
e a felicidade.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 58.

O poema de Carlos Drummond de Andrade, publicado em seu livro de estreia, em 1930, apresenta aspectos que ainda mantêm uma relação direta com a primeira fase do Modernismo. **CITE** duas características do texto que reafirmam valores e procedimentos do projeto modernista brasileiro.

02. (UFMG) No capítulo "Fabiano", de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, ocorrem, a breves intervalos, os seguintes trechos:

Pisou com firmeza no chão gretado, puxou a faca de ponta, esgaravatou as unhas sujas. Tirou do aió um pedaço de fumo, picou-o, fez um cigarro com palha de milho, acendeu-o ao binga, pôs-se a fumar regalado.

– Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só.

[...]

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

– Você é um bicho, Fabiano.

[...]

Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado. Olhou as quipás, os mandacarus e os xiquexiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas. Ele, sinha Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados à terra.

[...]

Fabiano, uma coisa da fazenda, um traste, seria despedido quando menos esperasse.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*.
Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 17-25 (Fragmento).

A) **REDIJA** um texto, identificando as etapas dessa gradação.

B) **REDIJA** um texto, explicando o papel dessa caracterização da personagem na obra *Vidas secas*.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

01. (FCC-BA) Do período literário que se inicia em 1928 ao período imediatamente anterior, podemos dizer que

A) a década de 30 é continuação natural do Movimento de 22, acrescentando-lhe tom anárquico e a atitude aventureira.

B) o segundo momento do Modernismo abandonou a atitude destruidora, buscando uma recomposição de valores e a configuração de nova ordem estética.

C) a década de 20 representa uma desagregação das ideias e dos temas tradicionais; e a de 30 destrói as formas ortodoxas de expressão.

D) as propostas literárias da década de 20 só se veriam postas em prática no decênio seguinte.

E) o segundo momento do Modernismo assumiu como armas de combate o deboche, a piada, o escândalo e a agitação.

02. (PUC-SP)

Quem me fez assim foi minha gente e minha terra
e eu gosto bem de ter nascido com essa tara.
Para mim, de todas as burrices a maior é suspirar pela Europa.
[...]
Aqui ao menos a gente sabe que passam a perna na gente.
O francês, o italiano, o judeu falam uma língua de farrapos.
Aqui ao menos a gente sabe que tudo é uma canalha só,
lê o seu jornal, mete a língua no governo,
queixa-se da vida (a vida está tão cara)
e no fim dá certo.
Se meu verso não deu certo, foi seu ouvido que entortou.
Eu não disse ao senhor que não sou senão poeta?

Carlos Drummond de Andrade

Estão presentes nos versos anteriores as seguintes características da poesia de Carlos Drummond de Andrade:

A) desintegração da palavra tom prosaico; negação da subjetividade.

B) presença de neologismos; predominância da frase nominal; desorganização dos padrões métricos.

C) atitude irônica para com as teorias poéticas; utilização dos recursos da poesia concreta; negação da subjetividade.

D) uso de palavras consideradas tradicionalmente como não poéticas; presença da ironia; sintonia com o homem e o mundo de seu tempo.

E) poesia objetiva; tom prosaico; presença da ironia.

03. (UFPE)

Texto I

Leve é o pássaro;
e a sua sombra voante,
mais leve
[...]
E o desejo rápido
desse antigo instante,
mais leve.
E a figura invisível
do amargo passante,
mais leve.

Cecília Meireles

Texto II

Mais claro e fino do que as finas pratas
O som da sua voz deliciava..
Na dolência velada das sonatas
Como um perfume a tudo perfumava.

Cruz e Sousa

Qual a semelhança ou o ponto de convergência entre a poesia neossimbolista de Cecília Meireles e a de Cruz e Souza?

A) A objetividade e o materialismo marcantes no estilo parnasiano.

B) A realidade focalizada de maneira vaga, em versos que exploram a sonoridade das palavras.

C) A preocupação formal e a presença de rimas ricas.

D) O erotismo e o bucolismo como tema recorrente.

E) A impassibilidade dos elementos da natureza e a presença da própria poesia como musa.

04. (UFG / Adaptado) Um poema pode oferecer inúmeras possibilidades de leitura e interpretação. Considere o que segue:

Os Materiais da Vida

Drls? Faço meu amor em vidrotil
nossos coitos são de modernfold
até que a lança de interflex
vipax nos separe
em clavilux
camabel camabel o vale ecoa
sobre o vazio de ondalit
a noite asfáltica
plkx

ADRADE, Carlos Drummond de.
Antologia poética. 48.ed.
Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 259.

A respeito da seleção lexical que estrutura o poema, **NÃO** se pode afirmar o seguinte:

A) O poema foi elaborado com neologismos que lembram marcas de produtos, revelando a intenção do autor de ironizar a profusão dessas marcas (paviflex, poliéster, por exemplo) que integram as sociedades industrializadas.

B) Processos de construção de palavras, como a prefixação e a sufixação, ocorrem em vidrotil e ondalit, indicando não só o dinamismo da língua mas também um processo de empréstimos linguísticos.

C) Ao juntar letras em drls e plkx, o autor explora dois traços da poesia contemporânea: o gráfico e o visual, o que antecipa no poema experiências estilísticas de vanguarda.

D) No poema, a forma de muitas palavras adquire maior relevância do que o seu conteúdo, revelando a intenção humorística do autor.

(FUVEST-SP–2011)

Instrução: Texto para as questões de **05** a **07**

A Rosa de Hiroxima

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroxima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A antirrosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada.

Vinicius de Moraes

05. Neste poema,

A) a referência a um acontecimento histórico, ao privilegiar a objetividade, suprime o teor lírico do texto.

B) parte da força poética do texto provém da associação da imagem tradicionalmente positiva da rosa a atributos negativos, ligados à ideia de destruição.

C) o caráter politicamente engajado do texto é responsável pela sua despreocupação com a elaboração formal.

D) o paralelismo da construção sintática revela que o texto foi escrito originalmente como letra de canção popular.

E) o predomínio das metonímias sobre as metáforas responde, em boa medida, pelo caráter concreto do texto e pelo vigor de sua mensagem.

06. Dentre os recursos expressivos presentes no poema, podem-se apontar a sinestesia e a aliteração, respectivamente, nos versos

A) 2 e 17.
B) 1 e 5.
C) 8 e 15.
D) 9 e 18.
E) 14 e 3.

07. Os aspectos expressivo e exortativo do texto conjugam-se, de modo mais evidente, no verso:

A) "Mudas telepáticas". (V. 2)
B) "Mas oh não se esqueçam". (V. 9)
C) "Da rosa da rosa". (V. 10)
D) "Estúpida e inválida". (V. 14)
E) "A antirrosa atômica". (V. 16)

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2007)

Texto I

Agora Fabiano conseguia arranjar as idéias. O que o segurava era a família. Vivia preso como um novilho amarrado ao mourão, suportando ferro quente. Se não fosse isso, um soldado amarelo não lhe pisava o pé não. [...] Tinha aqueles cambões pendurados ao pescoço. Deveria continuar a arrastá-los? Sinha Vitória dormia mal na cama de varas. Os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. São Paulo: Martins, 23. ed., 1969. p. 75 (Fragmento).

Texto II

Para Graciliano, o roceiro pobre é um outro, enigmático, impermeável. Não há solução fácil para uma tentativa de incorporação dessa figura no campo da ficção. É lidando com o impasse, ao invés de fáceis soluções, que Graciliano vai criar Vidas Secas, elaborando uma linguagem, uma estrutura romanesca, uma constituição de narrador em que narrador e criaturas se tocam, mas não se identificam. Em grande medida, o debate acontece porque, para a intelectualidade brasileira naquele momento, o pobre, a despeito de aparecer idealizado em certos aspectos, ainda é visto como um ser humano de segunda categoria, simples demais, incapaz de ter pensamentos demasiadamente complexos. O que *Vidas secas* faz é, com pretenso não envolvimento da voz que controla a narrativa, dar conta de uma riqueza humana de que essas pessoas seriam plenamente capazes.

BUENO, Luís. Guimarães, Clarice e antes. In: *Teresa*. São Paulo: USP, 2001 n.º 2. p. 254 (Fragmento).

A partir do trecho de *Vidas secas* (texto I) e das informações do texto II, relativas às concepções artísticas do romance social de 1930, avalie as seguintes afirmativas.

I. O pobre, antes tratado de forma exótica e folclórica pelo regionalismo pitoresco, transforma-se em protagonista privilegiado do romance social de 30.

II. A incorporação do pobre e de outros marginalizados indica a tendência da ficção brasileira da década de 30 de tentar superar a grande distância entre o intelectual e as camadas populares.

III. Graciliano Ramos e os demais autores da década de 30 conseguiram, com suas obras, modificar a posição social do sertanejo na realidade nacional.

É **CORRETO** apenas o que se afirma em

A) I.
B) II.
C) III.
D) I e II.
E) II e III.

02. (Enem–2009)

Confidência do Itabirano

Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e
[comunicação.
A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e
[sem horizontes.
E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.
De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil,
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...
Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

Carlos Drummond de Andrade é um dos expoentes do Movimento Modernista brasileiro. Com seus poemas, penetrou fundo na alma do Brasil e trabalhou poeticamente as inquietudes e os dilemas humanos. Sua poesia é feita de uma relação tensa entre o universal e o particular, como se percebe claramente na construção do poema "Confidência do Itabirano". Tendo em vista os procedimentos de construção do texto literário e as concepções artísticas modernistas, conclui-se que o poema anterior

A) representa a fase heroica do modernismo, devido ao tom contestatório e à utilização de expressões e usos linguísticos típicos da oralidade.

B) apresenta uma característica importante do gênero lírico, que é a apresentação objetiva de fatos e dados históricos.

C) evidencia uma tensão histórica entre o "eu" e a sua comunidade, por intermédio de imagens que representam a forma como a sociedade e o mundo colaboram para a constituição do indivíduo.

D) critica, por meio de um discurso irônico, a posição de inutilidade do poeta e da poesia em comparação com as prendas resgatadas de Itabira.

E) apresenta influências românticas, uma vez que trata da individualidade, da saudade da infância e do amor pela terra natal, por meio de recursos retóricos pomposos.

03. (Enem–2005) Candido Portinari (1903-1962), um dos mais importantes artistas brasileiros do século XX, tratou de diferentes aspectos da nossa realidade em seus quadros:

1

2

3

4

Sobre a temática dos "Retirantes", Portinari também escreveu o seguinte poema:

[...]
Os retirantes vêm vindo com trouxas e embrulhos
Vêm das terras secas e escuras; pedregulhos
Doloridos como fagulhas de carvão aceso
Corpos disformes, uns panos sujos,
Rasgados e sem cor, dependurados

Homens de enorme ventre bojudo
Mulheres com trouxas caídas para o lado
Pançudas, carregando ao colo um garoto
Choramingando, remelento
[...]

PORTINARI, Candido. *Poemas*.
Rio de Janeiro:J. Olympio, 1964 (Fragmento).

Das quatro obras reproduzidas, assinale aquelas que abordam a problemática que é tema do poema.

A) 1 e 2
B) 1 e 3
C) 2 e 3
D) 3 e 4
E) 2 e 4

GABARITO

Fixação

01. Poderiam ser citados os seguintes aspectos: matéria poética extraída do cotidiano, construção sintática simples, linguagem coloquial, versos brancos e livres.

02. A) No primeiro trecho, Fabiano declara ser um homem ("Fabiano, você é um homem"); no segundo, Fabiano reconhece-se como animal ("Você é um bicho, Fabiano"); no terceiro, o personagem se compara às plantas típicas da caatinga (quipás, mandacarus, xiquexiques, catingueiras e baraúnas) e, por fim, no quarto, Fabiano percebe-se como objeto ("uma coisa da fazenda, um traste").

B) A modesta proposperidade vivida pelo vaqueiro o leva a recuperar momentaneamente sua hombridade e, portanto, e a sentir-se um homem. No entanto, o período da "bonança" é passageiro, logo Fabiano e sua família voltam à situação de miséria imposta pela seca e também à exploração e à humilhação a que os sujeita o poder local (representado pelo patrão e pelo soldado amarelo, por exemplo). Essas condições degradantes vividas permanentemente desumanizam os personagens, de modo que eles são zoomorfizados (rebaixados à condição de animais) até chegarem a um ponto de serem reificados (rebaixados ao nível de "coisa"). Além disso, há também a comparação entre os personagens e a vegetação da caatinga, feita no intuito de mostrar o apego do sertanejo à terra de origem (apesar de todas as dificuldades, eles desejam "criar raízes") e também de demonstrar sua resistência (somente brutalizando-se e tornando-se parte da paisagem árida é possível sobreviver em ambiente tão hostil).

Propostos

01. B
02. D
03. B
04. C
05. B
06. C
07. B

Seção Enem

01. D
02. C
03. C

LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO 13 FRENTE C

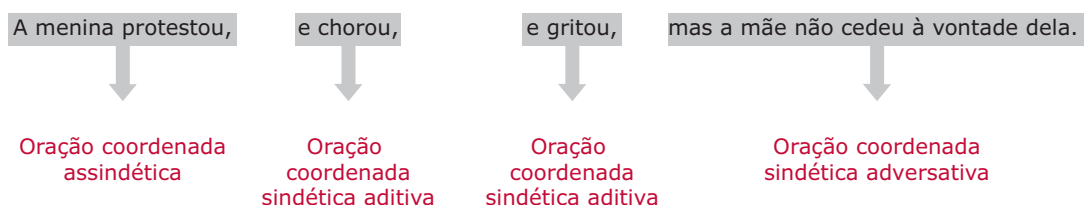
Período composto por coordenação

Anteriormente, estudamos a constituição do período simples e conhecemos as principais funções sintáticas que participam de sua estrutura. Como já foi visto, entende-se por período simples a oração que possui um único verbo ou locução verbal. A partir deste módulo, iniciaremos o estudo do período composto, ou seja, a oração que possui dois ou mais verbos e / ou locuções verbais. Você verá que existem dois processos distintos na elaboração de um período composto: a coordenação e a subordinação.

No processo de coordenação, existe dependência semântica entre as orações no período, o que significa dizer que cada uma delas têm estrutura sintática completa e independente. Por outro lado, no processo de subordinação, as orações são sintaticamente dependentes. Neste último caso, diz-se que há uma oração principal e uma segunda oração que lhe é subordinada. Em outras palavras, a subordinada funciona como um termo da oração principal, podendo ser sujeito, objeto direto, adjunto adnominal, adjunto adverbial, etc. Estudaremos o processo de subordinação de forma mais detalhada posteriormente.

Antes disso, conheceremos, neste módulo, o processo mais simples de composição de período: a coordenação.

PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO

Coordenação é o processo pelo qual se unem duas ou mais orações que não dependem sintaticamente uma da outra. Dessa forma, em um período composto por coordenação, as orações são independentes, no que diz respeito a suas estruturas sintáticas. A concatenação das orações que compõe os períodos ocorre por meio de conjunções coordenativas ou apenas através da justaposição das orações, sem conectivo que as relacione. Observe o exemplo a seguir:

É possível perceber, nas orações apresentadas no exemplo anterior, a independência sintática característica da coordenação. As três primeiras possuem sujeito simples e um verbo intransitivo, e a última possui sujeito simples, adjunto adverbial de negação, verbo transitivo indireto e complemento verbal. Nenhuma das orações funciona como termo integrante de outra. Entretanto, a independência sintática não implica independência semântica. Dessa forma, as orações que compõem o período são interdependentes quanto ao sentido.

No processo de subordinação, que será visto posteriormente, as orações possuem relações de dependência sintática, ou seja, funcionam como termos integrantes de uma oração principal.

TIPOS DE ORAÇÕES COORDENADAS

Assindéticas

Quando não possuem conjunção que as ligue às demais orações do período.

Exemplos:

- *Andei lentamente até a poltrona, sentei-me, deixei-me ficar ali até o anoitecer.*
- *O policial armou o revólver, mirou o alvo, atirou sem dó.*

Sindéticas

Quando possuem conjunção que as articule às demais orações do período. As orações sindéticas são classificadas de acordo com a relação de sentido que estabelecem com as demais orações do período. Podem ser de cinco tipos: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

Orações coordenadas aditivas

São aquelas que indicam adição de ideias, o que se dá pela sucessão de fatos, acontecimentos ou processos dispostos em uma sequência linear. A articulação das orações é feita por meio de conjunções aditivas (*e, também, além disso, nem, bem como*).

Exemplos:

- *Saí muito cedo de casa* ***e cheguei muito tarde***.
- *Ela não varreu o quintal* ***nem aguou o jardim***.
- *Ele me ajudou muito,* ***bem como amou-me de verdade***.
- ***Além de ter feito uma bela recepção,*** *foi extremamente amável com os convidados.*

Orações coordenadas adversativas

São orações que expressam ideia de oposição, contraste, adversidade, em relação à oração anterior. São ligadas por conjunções adversativas ou locuções conjuntivas adversativas (*mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto*).

Exemplos:

- *Tentava ser uma boa pessoa,* ***mas a péssima educação familiar sempre falava mais alto****.*
- *Conte com a compreensão de seus superiores,* ***porém nunca abuse da confiança deles****.*
- *Esteve aqui o dia todo,* ***entretanto não conversou com ninguém****.*
- *Ele é um ótimo profissional,* ***no entanto sua índole é questionável****.*

Orações coordenadas alternativas

São orações que exprimem ideia de opção, de escolha, de alternância. Iniciam-se por conjunções coordenativas alternativas ou por locuções conjuntivas (*ou, ou ... ou, ora ... ora, quer ... quer).*

Exemplos:

- *Durma bastante,* ***ou não se sairá bem na competição amanhã***.
- ***Quer esteja aqui amanhã, quer tenha ido embora****, reclamarei de seus serviços.*
- ***Ora sinto-me feliz, ora caio em depressão profunda***.
- *Você quer* ***ou não quer o prêmio***?

Orações coordenadas conclusivas

São orações que exprimem uma conclusão da ideia contida na oração assindética; o fechamento ou síntese de um pensamento. São iniciadas por conjunções coordenativas conclusivas, ou por locuções conjuntivas (*logo*, *portanto*, *por isso*, *por conseguinte*, *pois* – quando estiver após o verbo ou entre vírgulas).

Exemplos:

- *Esforçou-se muito durante todo ano,* ***por isso foi promovido***.
- *Se todo humano é racional, e se Sócrates é humano,* ***logo***, ***Sócrates é racional****.*
- *Todos já chegaram;* ***vamos, pois***, ***dar início à reunião****.*
- *Cristina é uma imprestável,* ***portanto, não conte com ela****.*

Orações coordenadas explicativas

São orações que exprimem uma explicação, esclarecimento, razão, motivo, em relação à outra oração. São iniciadas por conjunções coordenativas explicativas ou por locuções conjuntivas (*porque*, *que*, *pois*, *devido a*, *pelo fato de*, etc.).

Exemplos:

- *Não atormente o cão,* ***pois ele pode morder você****.*
- *Espere um pouco mais* ***que o doutor vai atendê-lo logo****.*
- ***Pelo fato de estar sangrando***, com certeza havia brigado.
- *Não fique triste,* ***porque ela não merece suas lágrimas****.*

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (FASEH-MG–2007) "**Contudo** [...] nós temos um sentimento de propriedade muito arraigado no que se refere aos nossos corpos."

É **CORRETO** afirmar que a conjunção destacada nessa frase **NÃO** pode ser substituída por

A) entretanto.
C) portanto.
B) porém.
D) todavia.

02. (FJP-MG–2006) "Isso, **no entanto**, seria reduzir a pátria à intimidade de alguns quilômetros quadrados."

É **CORRETO** afirmar que a locução assinalada nessa frase pode ser adequadamente substituída por

A) conquanto.
C) portanto.
B) entretanto.
D) porquanto.

03. (UFC) Identifique o valor semântico da conjunção **e** nos períodos a seguir.

I. O poeta nasceu ao final das duas primeiras décadas deste século **e** ainda continua perplexo dentro deste mundo atormentado.

II. As pessoas conviviam com personalidades de todos os matizes **e** aprendiam a lidar com gente boa e gente má.

III. Por amar Fortaleza, o poeta fez-lhe um canto de amor **e** o leu ao receber o título de "Cidadão de Fortaleza".

Assinale a alternativa cuja sequência corresponde à relação existente entre as orações dos períodos I, II e III.

A) Adição – conclusão – consequência
B) Oposição – oposição – adição
C) Adição – conclusão – finalidade
D) Oposição – conclusão – finalidade
E) Adição – consequência – explicação

04. (PUC-SP–2006) O conectivo **e**, em geral, coordena orações ou termos de mesmo valor sintático, estabelecendo sentido aditivo entre eles. Isso se confirma em todas as alternativas a seguir, **EXCETO** em:

A) "[...] um país entra em transe emocional **e** algumas pessoas se convencem de que basta uma torcida muito forte [...]."

B) "[...] se pode vencer um inimigo poderoso, o crime violento, apenas pela repetição de mantras **e** mediante sinais feitos com as mãos imitando o voo da pomba branca da paz."

C) "[...] continuará intacto **e** movimentado o principal caminho que elas percorrem das forjas do metal até as mãos dos bandidos."

D) "Depois raspam sua numeração **e** a vendem."

E) "[...] podem ser organizados milhares de referendos **e** o problema do crime continuará do mesmo tamanho."

05. (Mackenzie-SP) Hoje se reconhece cada vez mais a importância do tato durante toda a vida do homem. Os animais de estimação permitem às pessoas que precisam desse estímulo sensorial exercitarem-no. O simples fato de tocar um animal reduz a ansiedade e a tensão. Acariciá-los é não só um modo de expressar afeto, como também exerce um efeito benéfico sobre o sistema cardiovascular do dono.

Erika Friedmann

Observe as afirmações seguintes:

I. O sujeito da primeira oração é indeterminado, uma vez que qualquer pessoa pode fazer o reconhecimento citado.

II. Na terceira oração, a palavra "que" é, morfologicamente, um pronome relativo, cujo antecedente é "pessoas" e, sintaticamente, exerce a função de sujeito do verbo "precisar".

III. A última oração classifica-se como coordenada sindética aditiva.

Assinale,

A) se II e III estão corretas.
B) se todas estão corretas.
C) se apenas I está correta.
D) se todas estão incorretas.
E) se apenas II está correta.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

(FURG-RS–2010)

Instrução: As questões de **01** a **03** referem-se aos textos da coluna Batalha dos Leitores, da revista *Superinteressante*.

Texto I

É certo tratar cães como humanos?

Com o meu *dog*, meu amado samoiedo Theodoro, faço o que quiser. Nem quero saber se ele gosta de ser chamado de filho, ou se gosta que eu o persiga o tempo todo pedindo abraços e beijos. Só o ser humano tem essa noia de querer racionalizar as coisas desse jeito.

Ana Rosa, no *site.*

Texto II

Gosto de cachorros, mas tratá-los como filhos é demais. Há tantas crianças nas ruas e nos orfanatos – e as pessoas preocupadas com futilidades. Não consigo entender isso. Deveriam levar o carinho, o amor e o dinheiro gasto com um cachorro para uma criança carente.

Daniel Rosso, Criciúma, SC
Superinteressante, abril de 2009, p. 08.

01. Analise as seguintes afirmativas sobre o emprego do pronome demonstrativo.

I. O pronome **essa** (texto I) retoma o substantivo ***noia***.

II. O pronome **isso** (texto II) resume o que foi dito anteriormente.

III. O pronome **isso** (texto II) refere-se a **Deveriam levar o carinho, o amor e o dinheiro gasto com um cachorro para uma criança carente**.

IV. O pronome **essa** (texto I) refere-se ao substantivo ***noia***.

V. Tanto **essa** (texto I) quanto **isso** (texto II) retomam referentes no texto.

Assinale a alternativa que contém as afirmativas **CORRETAS**.

A) II – V

B) II – IV

C) I – III

D) III – IV

E) I – V

02. Analise a alternativa que identifica **CORRETAMENTE** relações nos textos.

A) Pode-se afirmar que há uma gradação na frase **Deveriam levar o carinho, o amor e o dinheiro gasto com um cachorro para uma criança carente** (texto II, linhas 4 – 5).

B) **Ele** (texto I, linha 2) retoma **filho** (texto I, linha 3).

C) É possível afirmar que **o** desempenha a mesma função antes de **persiga** e de **tempo** (texto I, linha 3).

D) **Mas** em **mas tratá-los como filhos**, no texto II (linha 1), estabelece oposição às ideias de Ana Rosa.

E) **É demais** (texto II, linha 1) refere-se a **tratá-los como filhos** (texto II, linha 1).

03. Nos textos I e II, embora os leitores se manifestem sobre a mesma pergunta, percebe-se que eles apresentam opiniões opostas. Marque a alternativa que **MELHOR** representa a posição defendida pelos autores.

A) Embora apresentem argumentos diferentes, ambos manifestam o seu apreço por cães.

B) Daniel defende que apenas as crianças devem ser bem tratadas, enquanto Ana Rosa argumenta que os cães devem ser tão bem tratados quanto os humanos.

C) Ana Rosa acredita que os cães devem ser tratados tal qual aos filhos, enquanto Daniel não se manifesta a esse respeito.

D) Para Ana Rosa os seres humanos são neuróticos, pois tratam os cachorros como filhos. Ela argumenta que é preciso racionalizar a questão.

E) Daniel concorda que os cães devem ser bem tratados, contanto que não nos descuidemos dos nossos filhos.

(FURG-RS–2010)

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões **04** e **05**.

A Moda do Futuro

01 Ninguém pode prever se vamos continuar a usar jeans ou se vai aparecer uma nova moda viral por aí. Mas dá para apostar que as roupas do futuro vão ser funcionais. É possível que as calças jeans não tenham
05 mais tamanhos pré-definidos. A empresa londrina Bodymetrics já escaneia o corpo do cliente e faz o jeans perfeito para ele. Sua calça também poderá esquentar sozinha quando estiver frio. Ou realizar truques tecnológicos. Quer um exemplo? Japoneses
10 já lançaram um tecido que transforma você em um homem invisível. A ideia até que é simples. Do lado de trás, ele é feito de microcâmeras. Na frente, é uma tela. As câmeras enviam a imagem que está atrás da pessoa para a tela que está na frente, tornando-a
15 "transparente". Quem sabe a invisibilidade se torne o novo pretinho básico.

Superinteressante, julho de 2009, p. 83.

04. Segundo o texto, afirma-se a respeito da moda que

A) as novas tecnologias irão interferir no nosso modo de vestir.

B) as roupas do futuro serão feitas de *jeans*.

C) no futuro todas as roupas, segundo tecnologia desenvolvida pelos japoneses, serão invisíveis.

D) os truques tecnológicos permitirão que você construa sua própria roupa.

E) a moda será adequada aos costumes do futuro.

05. Analise as seguintes afirmativas:

I. **Vão ser** (linha 3) no lugar de **serão** torna o tom do texto menos formal.

II. **Pretinho básico** (linha 16) é uma expressão que pode ser interpretada como um tipo de roupa que todo mundo usa.

III. **A ideia** (linha 11) refere-se à expressão **truques tecnológicos** (linha 9).

IV. **Do lado de trás** e **na frente** (linhas 11 e 12) referem-se respectivamente a **tecido** (linha 10) e a **microcâmeras** (linha 12).

V. **Também** (linha 7) pressupõe uma qualidade a mais para o *jeans* fabricado pela empresa Bodymetrics.

Assinale a alternativa que contém as afirmativas **CORRETAS**.

A) II – IV

B) I – III

C) I – II

D) III – V

E) II – III

(FURG-RS–2010)

Instrução: As questões **06** a **10** referem-se ao texto a seguir.

Exercite sua cuca

Atividades físicas ativam a memória, reduzem a ansiedade, dão prazer e aliviam a tensão do seu cérebro.

01 Se, quando alguém fala em exercício para a cabeça, você logo pensa em se jogar no sofá com uma revistinha de palavras cruzadas, ler um livro cabeçudo ou encarar uma partida de xadrez, está na hora de
05 se levantar, colocar um tênis confortável e encarar uma corrida para conhecer o que a atividade física é capaz de fazer por sua mente.

Que a prática de esportes faz bem para o corpo, tonifica os músculos e melhora a capacidade
10 respiratória, todo mundo já sabe. Mas os cientistas descobriram que, muito além dos benefícios para o corpo, os exercícios são ótimos para a saúde do cérebro. Não é novidade, por exemplo, que fazer artes marciais, dança, natação, esportes coletivos – e até
15 jogar peteca – favorece o bombeamento de sangue, o que indica mais oxigênio pelo corpo, inclusive para as células da massa cinzenta. Isso significa que quem faz exercícios físicos regularmente tem risco menor de sofrer pequenos e grandes AVCs (acidentes
20 vasculares cerebrais), que colocam a mente e a vida em perigo.

Mas a grande novidade é que os exercícios aeróbicos estimulam a criação de novos neurônios, o que era impensável até o fim dos anos 90, quando se
25 acreditava que nascíamos com uma quantidade certa de neurônios (cerca de 86 milhões) e que esse número só diminuiria com o passar dos anos. O que mostra que a mente pode estar em constante renovação – e bem mais atlética.

TONON, Rafael. Exercite sua vida. *Vida Simples*, julho de 2009.

06. Assinale a alternativa em que o **se** apresenta a mesma função sintática expressa na frase **está na hora de se levantar** (linhas 4 – 5).

A) "Se jogar peteca faz bem para o cérebro, é preciso investir mais nessa atividade."

B) "As pessoas não sabem se os exercícios aeróbicos estimulam a criação de novos neurônios."

C) "Se praticarmos esportes, estaremos ativando nossa memória."

D) "Jogar-se no sofá com uma revistinha de palavras cruzadas não é a única possibilidade de exercitar a sua mente."

E) "O seu cérebro estará bem tonificado se você exercitar o seu corpo."

07. Escolha a alternativa que expressa a associação **CORRETA** tendo em vista o emprego da palavra **que**.

A) "[...] **que** a atividade física [...]" (linha 6) – refere-se a **conhecer**.

B) "[...] **que** fazer artes marciais, dança, natação, esportes coletivos [...]" (linha 13 e 14) – complementa o sentido da expressão **artes marciais**.

C) "[...] **que** colocam a mente e a vida em perigo [...]" (linhas 20 e 21) – refere-se à **mente** e à **vida em perigo**.

D) "[...] **que** os exercícios aeróbicos estimulam a criação de novos neurônios [...]" (linhas 22 e 23) – refere-se à **criação de novos neurônios**.

E) "**Que** a prática de esportes faz bem para o corpo [...]" (linha 8) – introduz um complemento para a oração **todo mundo já sabe** (linha 10).

08. As palavras **até** (linha 14) e **inclusive** (linha 16) pressupõem para o leitor que

A) jogar peteca é mais fácil que dançar, e que o oxigênio é importante para o nosso cérebro.

B) jogar peteca é considerada uma atividade menos importante do que fazer artes marciais, dança, natação e esportes coletivos, e que praticar exercícios também é importante para as células de massa cinzenta.

C) jogar peteca não favorece o bombeamento de sangue, e as células de massa cinzenta precisam de mais oxigênio.

D) jogar peteca indica mais oxigênio pelo corpo e que praticar exercícios também é importante para as células de massa cinzenta.

E) não é novidade o que os cientistas descobriram.

09. Observe as afirmativas a respeito da prática de esportes.

I. Ao jogar xadrez você está praticando exercícios físicos.

II. Correr é uma atividade física que ajuda sua mente.

III. Jogar peteca ou ler um livro faz bem para a mente.

IV. O exercício físico previne acidentes vasculares cerebrais.

V. A dança, a natação e jogar-se no sofá não favorecem o bombeamento de sangue para o cérebro.

Assinale a alternativa **CORRETA**.

A) II – III – V

B) I – II – IV

C) II – III – IV

D) II – IV – V

E) I – II – III

10. Pela leitura global do texto, é possível concluir que

A) a prática de exercícios físicos, além de fazer bem para o corpo, é ótima para a saúde do cérebro, estimulando a criação de novos neurônios.

B) o autor pressupõe um conhecimento prévio do leitor a respeito dos benefícios dos exercícios para o cérebro.

C) os exercícios físicos são tão importantes para o corpo quanto ler e fazer palavras cruzadas.

D) o autor pressupõe um conhecimento prévio do leitor a respeito dos benefícios dos exercícios para o corpo.

E) quem faz exercícios físicos regularmente tem risco de sofrer pequenos e grandes AVCs.

11. (FGV-SP–2006) O trabalho é bom para o homem _______ distrai-o da própria vida _______ desvia-o da visão assustadora de si mesmo; _______, impede-o de olhar esse outro que é ele e que lhe torna a solidão horrível.

Assinale a alternativa em que o emprego de elementos de ligação sintática e de sentido nas lacunas mostra-se, pela ordem, **ADEQUADO** ao contexto.

A) porque; portanto; no entanto

B) pois; e ; assim

C) portanto; desde que; todavia

D) por que; também; por isso

E) visto que; entretanto; logo

(UFAL)

Instrução: Leia atentamente o texto para responder à questão de número **12**.

Alagoas

O estado de Alagoas situa-se a leste da região Nordeste. É o sexto estado mais populoso da região, com um total de quase 3 000 000 de habitantes. Apresenta a quinta maior média de crescimento anual da região: cerca de 1,20%. Em quatro anos, a população cresceu em torno de 140 000 habitantes nos 102 municípios. O mais populoso deles é Maceió, com cerca de 885 000 habitantes, ocupando uma área de aproximadamente 500 km^2. Dentre as Unidades de Conservação Federais, a maior é a Área de Proteção Ambiental Costa dos Corais, com 413 563 hectares (1 ha = 10^4 m^2).

O nome Maceió é de origem tupi; provém de Maçayó ou Maçaio-k e significa "aquele que tapa o alagadiço", devendo-se, provavelmente, à abundância de águas da região e à constante movimentação das marés. O povoado que deu origem a Maceió surgiu de um engenho de cana-de-açúcar, por volta de 1609. O Nordeste teve uma breve expansão econômica, baseada no açúcar, cultura que se tornou sua principal fonte de renda.

Dos alagadiços de ontem à cidade de hoje muitas águas rolaram. O povoamento europeu da região data do século XVII, quando os navios chegaram à enseada de Jaraguá, ancoradouro natural para onde eram levados os carregamentos de madeira das florestas litorâneas. Depois viria a escoar por Jaraguá a produção do açúcar.

O relevo é modesto, em geral abaixo dos 300 metros. São Francisco, Mundaú e Paraíba do Meio são os rios mais importantes, inclusive como meios de transporte.

Localizado entre os dois maiores centros açucareiros do Nordeste – Pernambuco e Bahia –, o estado desenvolveu e consolidou sua economia com base nos engenhos de açúcar e na criação de gado, valendo-se do trabalho escravo de negros e mestiços. Para manter o domínio do território e defender-se de invasões estrangeiras, os colonizadores entraram em choque com os nativos e dizimaram tribos indígenas hostis, como os caetés. Alagoas e Pernambuco sediaram o mais importante centro de resistência dos negros, o Quilombo dos Palmares, constituído por escravos fugidos e dizimado em 1694.

Têm ocorrido, nos últimos anos, visíveis alterações na situação do estado. Estão sendo revertidos os baixos índices de desenvolvimento e verifica-se acentuada queda nas taxas de mortalidade infantil, além de redução do analfabetismo e de doenças. Incentivos fiscais foram importantes para a expansão do polo multifabril de Marechal Deodoro e para maiores investimentos nas áreas do turismo e do transporte.

Com a expansão da cultura do fumo em Arapiraca, a partir da década de 1920, cresceu também a necessidade de mão de obra, tendo convergido para essa região trabalhadores de várias regiões do Nordeste. A tradicional feira livre de Arapiraca atrai gente desde o Rio São Francisco, na divisa com Sergipe, Penedo e Palmeira dos Índios, até Serinhaém, na fronteira com Pernambuco. É feira em que há de tudo: carnes, verduras, frutas, peixes. O artesanato é rústico e utilitário: colheres de pau, raladores, amarradores de palha para vassouras. Mas o ponto forte da feira é o fumo: lá vão se encontrar produtores e compradores do país e do estrangeiro, para experimentar e negociar tabaco.

Ultimamente, o turismo tem sido a atividade mais próspera e promissora da economia de Alagoas. É uma pena que uma das praias de Maceió, que já foi "cartão-postal" – a praia da Avenida –, tenha sido seriamente afetada pela poluição dos esgotos do Rio Salgadinho, encontrando-se imprópria para banhos.

Já nas proximidades da praia do Gunga, chama a atenção a vasta plantação de coqueiros-anões que, além da nutritiva água de coco, fornecem fibras que são largamente utilizadas em artesanato e até mesmo na indústria automobilística. As atividades químicas industriais, hoje bem mais controladas em todo o país, também fazem parte do cenário alagoano. Em Maceió encontra-se a maior produção de soda cáustica da América Latina: 460 mil toneladas por ano.

Em Alagoas nasceu um dos nossos maiores escritores: Graciliano Ramos. Além de grande ficcionista, foi um zeloso e honesto administrador. Quando prefeito de Palmeira dos Índios, compôs um notável relatório, no qual se lê este trecho: "Durante meses mataram-me o bicho do ouvido com reclamações de toda ordem contra o abandono em que deixava a melhor estrada para a cidade. Chegaram lá pedreiros, outras reclamações surgiram, porque as obras irão custar um horror de contos de réis, dizem. Custarão alguns, provavelmente. Não tanto quanto as pirâmides do Egito, contudo. O que a Prefeitura arrecada basta para que nos resignemos às modestas tarefas de varrer as ruas e matar cachorros. Há descontentamento. Se a minha estada por estes dois anos dependesse de um plebiscito, talvez eu não obtivesse dez votos". Tal relatório, pelo estilo direto e pelo posicionamento franco de seu autor, não é modelar para a História Nacional?

NOVA ENCICLOPÉDIA ILUSTRADA FOLHA.
São Paulo: Empresa Folha da Manhã, v. I, p. 26;
Feiras e mercados brasileiros. São Paulo: Fólio, 2005.

12. Considerando-se o contexto, existe uma relação de causa (I) e efeito (II) entre os seguintes segmentos:

A) O povoamento europeu da região data do século XVII (I), quando os navios chegaram à enseada do Jaraguá (II).

B) Ultimamente, o turismo tem sido (I) a atividade mais próspera e promissora da economia de Alagoas (II).

C) Com a expansão da cultura do fumo em Arapiraca [...] (I), cresceu também a necessidade de mão de obra (II).

D) O estado desenvolveu e consolidou sua economia (I) com base nos engenhos de açúcar e na criação de gado (II).

E) Alagoas e Pernambuco sediaram (I) o mais importante centro de resistência dos negros, o Quilombo dos Palmares (II).

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2001)

O mundo é grande

O mundo é grande e cabe

Nesta janela sobre o mar.

O mar é grande e cabe

Na cama e no colchão de amar.

O amor é grande e cabe

No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de.
Poesia e prosa. Rio de Janeiro:
Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de

A) oposição.

B) comparação.

C) conclusão.

D) alternância.

E) finalidade.

02. As conjunções coordenativas aditivas expressam adição, acréscimo, sucessividade. Contudo, conforme o contexto em que são utilizadas, podem, também, indicar simultaneidade, correspondendo a conjunções temporais e / ou proporcionais. Percebe-se essa simultaneidade em:

A) O professor aplicou e corrigiu todas as provas.

B) Ele ouviu o telefone tocar, e não atendeu.

C) Não só o motorista mas também os passageiros estavam preocupados com o temporal daquele final de tarde.

D) Ela estudava e ouvia música, sem que o próprio desempenho fosse prejudicado.

E) Ela perguntou e ouviu o que não queria.

03. **Contos em letras garrafais**

Todos os dias esvaziava

uma garrafa, colocava

dentro sua mensagem, e a

entregava ao mar.

Nunca recebeu resposta.

Mas tornou-se alcoólatra.

COLASANTI, Marina. *Contos de amor rasgados*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

O último verso do poema inicia-se com a conjunção adversativa **mas**, negando, parcialmente ou totalmente, uma ideia contida na oração anterior. As ideias em oposição são

A) nunca – mas.

B) resposta – alcoólatra.

C) recebeu – mas.

D) recebeu – tornou-se.

E) nunca – resposta.

04. Estilisticamente, é recorrente na linguagem o fato de um sinal de pontuação substituir elementos conectivos.

Aos patrões tudo cabe. Disseram apreciar meu trabalho: estava demitido.

No trecho acima, os dois pontos poderiam ser substituídos, sem prejuízo de sentido, pela conjunção

A) e.

B) portanto.

C) ainda que.

D) pois.

E) contudo.

05. **Menos obra, menos ensino**

Uma escola estadual da cidade de São Paulo (Carlos Maximiliano) estava com vários andares ociosos e estava ameaçada de ser fechada por falta de alunos. No ano passado, porém, decidiu-se ocupar as salas vazias para dar aulas de cursos técnicos, que só não se expandiam por falta de prédios. Uma ideia simples, óbvia, acabou produzindo o que pode ser encarado como milagre na administração pública.

Gilberto Dimenstein. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/gilbertodimenstein/ult508u493641.shtml> (Adaptação).

Pode ser afirmado em relação aos aspectos estruturais do texto que

A) a palavra "ociosos", na linha 2, pode ser substituída pela palavra "desnecessários" sem que haja comprometimento de sentido no texto.

B) a palavra "porém", na linha 4, estabelece, com a frase anterior, ideia de conclusão.

C) o uso da palavra "simples", na linha 6, demonstra uma visão pejorativa sobre o projeto em questão.

D) uma escrita na 3ª pessoa não anula a subjetividade de quem fala, pois o uso de adjetivos, por exemplo, sinaliza o posicionamento do autor.

E) o título "Menos obra, mais ensino" demonstra a discordância do autor em relação à finalidade destinada às salas vazias da escola em questão.

GABARITO

Fixação

01. C
02. B
03. D
04. E
05. A

Propostos

01. B
02. E
03. A
04. A
05. C
06. D
07. E
08. B
09. C
10. A
11. B
12. C

Seção Enem

01. A
02. D
03. B
04. E
05. D

LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO 14 FRENTE C

Período composto por subordinação – orações subordinadas substantivas e adjetivas

SUBORDINAÇÃO

As orações subordinadas diferenciam-se das coordenadas (estudadas no módulo anterior) devido à dependência sintática. Por definição, orações subordinadas funcionam como termos de outra oração, chamada principal. O processo de subordinação é caracterizado pela ausência de autonomia gramatical das orações em um período, tal como definem alguns gramáticos.

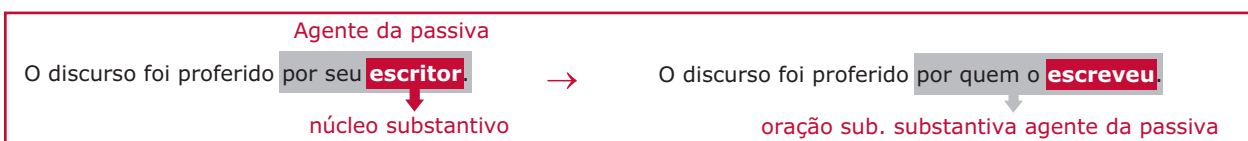
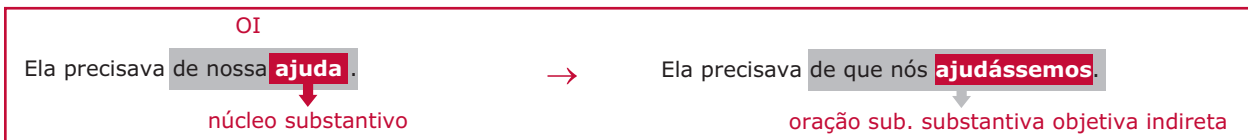
As orações subordinadas são divididas em três grupos, de acordo com a natureza da função sintática que desempenham. São classificadas como **substantivas** quando desempenham uma função própria de substantivos, como a de sujeito, a de complemento verbal e nominal, etc.; são **adjetivas** quando exercem, à maneira do adjetivo, a função de explicar, qualificar ou especificar um nome. São, por fim, **adverbiais** quando expressam circunstâncias relacionadas à ideia apresentada na oração principal. O quadro a seguir apresenta todos os tipos de orações subordinadas, relacionando-as ao tipo de conectivo por que são introduzidas.

<table>
<tr><th>Natureza</th><th>Tipos</th><th>Função sintática</th><th>Introduzida por</th></tr>
<tr><td rowspan="7">Substantiva</td><td>Subjetiva</td><td>Sujeito</td><td rowspan="7">Conjunções integrantes QUE e SE</td></tr>
<tr><td>Objetiva direta</td><td>Objeto direto</td></tr>
<tr><td>Objetiva indireta</td><td>Objeto indireto</td></tr>
<tr><td>Completiva nominal</td><td>Complemento nominal</td></tr>
<tr><td>Predicativa</td><td>Predicativo</td></tr>
<tr><td>Apositiva</td><td>Aposto</td></tr>
<tr><td>Agente da passiva*</td><td>Agente da passiva</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Adjetiva</td><td>Restritiva</td><td>Adjunto adnominal</td><td rowspan="2">Pronomes relativos QUE, O(S) QUAL(IS), A(S) QUAL(IS), ONDE, CUJO, QUANTO E COMO</td></tr>
<tr><td>Explicativa</td><td>Aposto</td></tr>
<tr><td rowspan="10">Adverbial</td><td>Temporal</td><td rowspan="10">Adjuntos adverbiais</td><td rowspan="10">Conjunções subordinativas</td></tr>
<tr><td>Causal</td></tr>
<tr><td>Condicional</td></tr>
<tr><td>Conformativa</td></tr>
<tr><td>Final</td></tr>
<tr><td>Concessiva</td></tr>
<tr><td>Consecutiva</td></tr>
<tr><td>Proporcional</td></tr>
<tr><td>Comparativa</td></tr>
<tr><td>Modal*</td></tr>
</table>

* Tipos de oração subordinada não reconhecidos pela NBG (Nomenclatura Gramatical Brasileira).

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

Sabe-se que o substantivo, de acordo com o critério sintático de definição, é o núcleo de um grupo nominal. Conforme foi visto anteriormente, os complementos verbais e o complemento nominal, o sujeito e o predicativo do sujeito, o aposto e também o agente da passiva são termos da oração cujo núcleo é uma palavra de natureza nominal. Sendo assim, todas as vezes em que uma oração subordinada desempenhar no período a função de um desses termos, ela será classificada como oração subordinada substantiva.

Nos exemplos a seguir, ocorre a transformação de períodos simples (à esquerda) em períodos compostos por subordinação (à direita). Observe como cada uma das orações subordinadas ocupa o lugar de um termo cujo núcleo tem natureza nominal.

A partir desses exemplos, percebe-se que as orações subordinadas não são completas mas dependentes umas das outras, nos períodos compostos.

As partículas que unem as orações substantivas são chamadas de **conjunções subordinativas integrantes** e não desempenham nenhuma função sintática na oração. Tais partículas são ou não precedidas de preposição de acordo com a função sintática da oração que introduzem. Veja os exemplos:

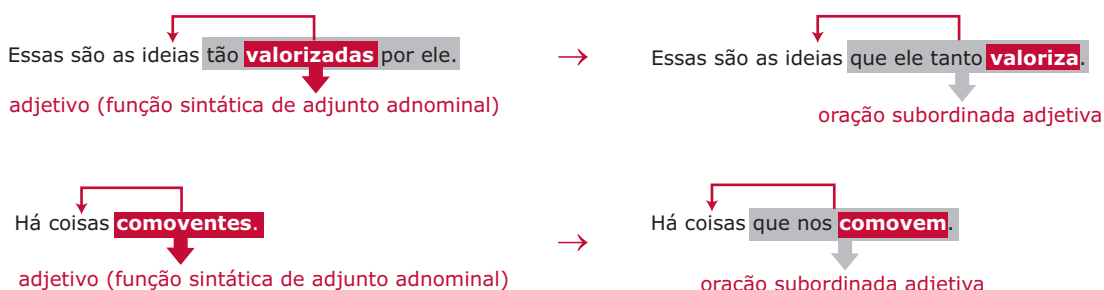
– *A criança perguntou ao pai **se** Deus existia de verdade.*
– *Acredito **que** você e eu poderemos nos tornar bons amigos.*
– *Tinha esperança **de que** o noivo regressasse algum dia.*

Observação:

As três possíveis construções a seguir são exemplos de orações substantivas, mas apenas a primeira delas possui uma conjunção integrante, o "se". "Quando" e "por que", embora estejam unindo as orações, são classificados como advérbios.

– *Não sei* { ***se** vou sair.*
***quando** vou sair.*
***por que** vou sair.* }

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Orações subordinadas adjetivas, tal como os termos de valor adjetivo, restringem, delimitam e determinam o sentido de um nome antecedente. Observe os enunciados a seguir:

As orações adjetivas são apenas de dois tipos e são sempre introduzidas, quando desenvolvidas, por pronomes relativos (*que*, *o qual*, *cujo*, etc.), que recebem esse nome por unirem duas orações, relacionando-as de diferentes maneiras. O pronome "cujo", por exemplo, transmite a ideia de posse, e o pronome "onde" indica a circunstância de lugar. Este último também é chamado pela Gramática de advérbio relativo, uma vez que, além de desempenhar a função de adjunto ligado ao nome, exprime certo valor adverbial.

Se o pronome relativo é separado de seu antecedente por uma vírgula ou por qualquer outro sinal de pontuação, o que, portanto, exige uma pausa na leitura, a oração é classificada como **adjetiva explicativa**. Nesse caso, a oração desempenha a função de **aposto** e pode, inclusive, ser retirada do período caso o contexto o permita. Se, entretanto, nenhum sinal de pontuação separa o pronome de seu antecedente, classifica-se a oração como **adjetiva restritiva**, cuja função é delimitar "qualitativamente" ou "quantitativamente" o termo antecedente, desempenhando, nesse caso, a função sintática de **adjunto adnominal**.

Exemplos:

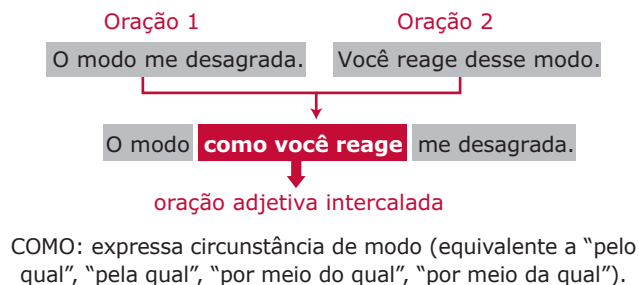
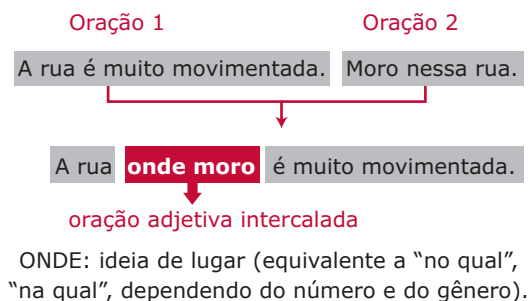
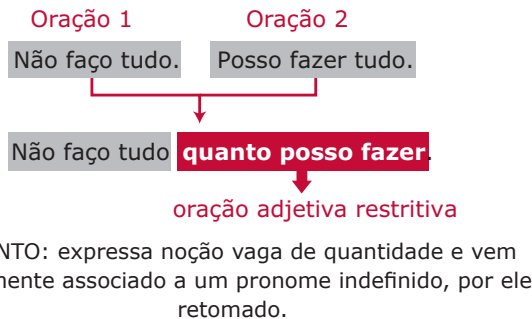
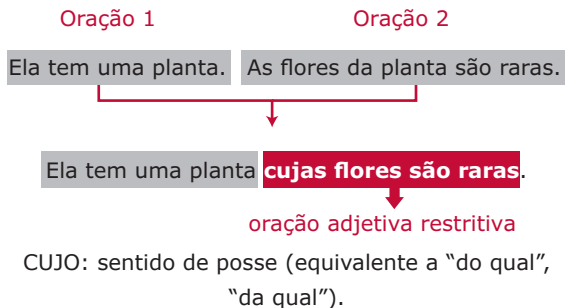
– *Telefonei para minha irmã,* **que mora na França***.*
Adjetiva explicativa (o enunciador possui apenas uma irmã)
– *Telefonei para minha irmã* **que mora na França***.*
Adjetiva restritiva (o enunciador possui mais de uma irmã)
– *Todos os balões,* **que eram brancos***, subiram.*
Adjetiva explicativa (todos os balões eram brancos e todos subiram)
– *Todos os balões* **que eram brancos** *subiram.*
Adjetiva restritiva (entre balões de diversas cores, aqueles que eram brancos subiram)

A utilização de uma oração adjetiva em um período evita a repetição do termo antecedente. Observe a seguir os mecanismos de estruturação das orações adjetivas, bem como a restrição de sentido que conferem ao nome:

CUJO: sentido de posse (equivalente a "do qual", "da qual").

ONDE: ideia de lugar (equivalente a "no qual", "na qual", dependendo do número e do gênero).

QUANTO: expressa noção vaga de quantidade e vem geralmente associado a um pronome indefinido, por ele retomado.

COMO: expressa circunstância de modo (equivalente a "pelo qual", "pela qual", "por meio do qual", "por meio da qual").

TOME NOTA!

- Nem sempre é possível desmembrar a oração adjetiva da principal.
- Nem sempre existe um adjetivo correspondente ao verbo da oração adjetiva.
- O pronome "cujo" já agrega o artigo em sua estrutura (cuj**o**, cuj**a**). Por isso, não é necessário sua repetição, como em "cujo o", "cuja a".

Pronome relativo e regência verbal

Em nome da clareza e da coesão da frase, o pronome relativo será sempre antecedido de preposição se a oração adjetiva possuir um verbo transitivo indireto, transitivo adverbial, ou qualquer verbo que exija uma preposição. Veja os exemplos seguintes:

- *Esta é a vida* ***a*** *que* ***aspiro****.*
  O verbo "aspirar" rege a preposição "a".
- *Eis as frutas* ***de*** *que tanto* ***gostas****.*
  O verbo "gostar" rege a preposição "de".
- *As colegas* ***com*** *quem* ***estudo*** *são ótimas.*
  O verbo "estudar" rege a preposição "com".
- *Havia ali pessoas* **por** *quem eu não* esperava ***ser visto****.*
  A locução "ser visto" rege a preposição "por".
- *Recorro a Deus,* ***em*** *cujas mãos* ***está*** *a nossa vida.*
  O verbo "estar" rege a preposição "em".
- *O espetáculo* ***a*** *que* ***assistíamos*** *é péssimo.*
  O verbo "assistir" rege a preposição "a".

Funções sintáticas dos pronomes relativos

Os pronomes relativos, além de ligarem a oração subordinada adjetiva à principal, podem desempenhar diversas funções sintáticas dentro da subordinada. Para facilitar sua compreensão, veja o quadro a seguir:

Período composto	Termo retomado	Oração adjetiva desmembrada	Função sintática do pronome relativo
O menino / **que estuda** / aprende.	menino	**O menino** estuda.	Sujeito
O livro / **que lemos** / é instrutivo.	livro	Nós lemos **o livro**.	Objeto direto
Somos o / **que somos**.	o = aquilo	Nós somos **aquilo (o)**.	Predicativo do sujeito
Os filmes / **de que gostamos** / são muitos.	filmes	Nós gostamos **dos filmes**.	Objeto indireto
A escola / **em que estudas** / é grande.	escola	Tu estudas **na escola**.	Adjunto adverbial
Este é o escritor / **por quem foi escrito o livro**.	escritor	O livro foi escrito **pelo escritor**.	Agente da passiva
O livro / **a que fizeram referência** / foi premiado.	livro	Fizeram referência **ao livro**.	Complemento nominal
O filme / **cujo artista foi premiado** / não fez sucesso.	filme	O artista **do filme** foi premiado.	Adjunto adnominal

TOME NOTA!

Como foi possível perceber, o termo "que" pode desempenhar tanto a função de conjunção integrante quanto a de pronome relativo. Saber identificar a função desse termo em um e em outro caso é essencial para que não haja problemas ao se classificar uma oração subordinada. Portanto, fique atento e lembre-se:

QUE – conjunção integrante

- Não desempenha nenhuma função sintática, apenas liga as orações.
- Não possui antecedente, ou seja, não retoma nem substitui um termo já mencionado.
- Introduz oração subordinada substantiva que pode ser inteiramente substituída pelo termo "isso".

QUE – pronome relativo

- Sempre desempenha uma função sintática na oração subordinada que introduz.
- Sempre possui um antecedente, ou seja, retoma um termo constituinte da oração principal e o substitui, na oração subordinada.
- Pode ser sempre substituído pelo relativo "o qual" ou por uma de suas variações.

ORAÇÕES REDUZIDAS

Orações reduzidas são aquelas cujo verbo se encontra em uma das três formas nominais, isto é, na forma de **gerúndio**, **infinitivo** ou **particípio**. Essas formas são chamadas de nominais pelo fato de perderem a característica essencial de temporalidade, própria dos verbos. Veja um exemplo e acompanhe a classificação dessas orações:

Orações subordinadas de qualquer natureza podem ocorrer em sua forma reduzida. Como neste módulo foram estudadas apenas as de natureza substantiva e adjetiva, a seguir, há exemplos de orações reduzidas desses dois tipos. As de natureza adverbial serão apresentadas no próximo módulo.

Substantivas

Subjetivas

– *Importa **prevenir os acidentes**.*

– *Não convém **procederes assim**.*

Objetivas diretas

– *Dizem **ter pressa**.*

– *Eles acreditam **ser os mais ilustres da festa**.*

Objetivas indiretas

– *Nada me impede **de ir agora**.*

– *Acusavam-no **de traficar pedras preciosas**.*

Predicativas

– *O essencial é **salvarmos a nossa alma**.*

– *Sua vontade foi sempre **ser um grande atacante**.*

Completivas nominais

– *Tinha ânsia **de chegar lá**.*

– *Estou disposto **a ir sozinho**.*

Apositivas

– *Só te falta uma coisa: **seres mais humilde**.*

– *E chegava aos cinquenta e cinco anos com apenas dois problemas: **fumar e comer em excesso**.*

Adjetivas

– *Não sou homem de **inventar coisas**.*
[= que inventa]
reduzida de infinitivo

– *Passaram guardas **conduzindo presos**.*
[= que conduziam]
reduzida de gerúndio

– *Esta é a notícia **divulgada pela imprensa**.*
[= que foi divulgada]
reduzida de particípio

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (UFF-RJ)

> Adjunto adnominal é o termo de valor adjetivo que serve para especificar ou delimitar o significado de um substantivo, qualquer que seja a função deste.
>
> CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley.
> *Nova gramática do português contemporâneo*.
> Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 145.

Assinale a opção em que o termo em destaque **NÃO** exerce a função de adjunto adnominal.

A) "Muitos deles ou quase a maior parte dos **que andavam ali** traziam aqueles bicos de osso nos beiços."

B) "E alguns **que andavam sem eles** tinham os beiços furados e nos buracos uns espelhos de pau, que pareciam espelhos de borracha."

C) "Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos **que nos parecia muito longa**."

D) "Nela, até agora, não pudemos saber **que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro**; nem lho vimos."

E) "E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo por bem das águas **que tem**."

02. (UFAM–2009) Assinale a alternativa em que o pronome relativo, que se encontra em destaque, funciona como sujeito.

A) Trabalhava sempre com toda a força de **que** era capaz.

B) Ingrato que era, costumava cuspir no prato em **que** comia.

C) Há pessoas **cuja** ventura única consiste em parecer aos outros venturosa.

D) No passado, o homem **que** dourava e iluminava a cidade era o acendedor de lampiões.

E) Obrigado! Mas não é este o remédio de **que** preciso.

03. (UFU-MG) Na frase "Argumentei **que** não é justo **que** o padeiro ganhe festas", as orações introduzidas pela conjunção **que** são, respectivamente,

A) ambas subordinadas substantivas objetivas diretas.

B) ambas subordinadas subjetivas.

C) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva subjetiva.

D) subordinada objetiva direta e coordenada assindética.

E) subordinada substantiva objetiva e subordinada substantiva predicativa.

04. (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas são designadas de acordo com a função que exercem na oração principal. Assinale a alternativa em que o substantivo destacado e a oração substantiva sublinhada têm a mesma função.

A) Um dia o **Gerson** me disse que ia fazer uma experiência.

B) Mais do que nunca me vem **a sensação** de que é alguém idêntica a mim...

C) Chego a ter **a impressão** de sentir o calor da palma da mão dele contra a minha.

D) Quando volto a olhar **Fernando** no rosto, vejo assombrado que ele continua a sorrir.

E) [...] a **lei** do mundo dos espelhos proíbe terminantemente que a gente venha ao mundo de vocês.

05. (UFSM-RS–2006) Observe a relação entre a primeira e a segunda oração do período:

"É interessante **que isso aconteça** para que professores e crianças discutam e argumentem".

Em qual dos períodos a seguir a oração iniciada pelo conectivo "que" apresenta, em relação à oração principal, função sintática idêntica à destacada no exemplo?

A) Esse exercício forma crianças que sabem questionar.

B) O professor pediu que ele registrasse muitas coisas.

C) O objetivo do exercício é que a criança aprenda a raciocinar.

D) Diz-se que a decoreba não tem valor.

E) A professora quer somente isto: que os alunos raciocinem.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

(UFOP-MG–2007)

Instrução: Leia o texto seguinte para responder às questões **01**, **02** e **03**.

Enfim, um acendão aéreo:
Esta estrela vai voltar a brilhar.

01 Esta é a notícia que todo brasileiro queria ouvir: a Varig vai voltar a ser grande e importante. A Gol acaba de adquirir a Varig. De hoje em diante, serão novos tempos. Com um modelo de gestão mais moderno
05 e eficiente, maior produtividade operacional e mais ousadia. Além da retomada de importantes destinos internacionais. Vai gerar novos empregos, será mais competitiva e terá capacidade para crescer. Tudo para que a Varig continue sendo 100% brasileira e, ao mesmo
10 tempo, a mais internacional das nossas companhias aéreas. E com a simpatia e o carinho que os brasileiros sempre tiveram por ela, aqui e lá fora. Varig. A estrela brasileira vai voltar a brilhar.

01. O termo **acendão** na chamada da propaganda da Varig é um(a)

A) prosopopeia.
B) neologismo.
C) verbete.
D) interjeição.

02. Veja o trecho:

"Esta é a notícia que todo brasileiro queria ouvir: a Varig vai voltar a ser grande e importante. A Gol acaba de adquirir a Varig." (linhas 01, 02 e 03)

A linguagem publicitária é sintética e direta. Por isso, as informações, no trecho anterior, são adicionadas umas às outras sem uso de conectivos e evitando-se o uso de pronomes oblíquos.

A seguir, assinale a alternativa em que um conectivo e um pronome foram acrescentados **CORRETAMENTE**, sem alterar o sentido do texto.

A) Esta é a notícia que todo brasileiro queria ouvir: a Varig vai voltar a ser grande e importante, por isso a Gol acaba de a adquirir.

B) Esta é a notícia que todo brasileiro queria ouvir: a Varig vai voltar a ser grande e importante, portanto a Gol acaba de adquirir ela.

C) Esta é a notícia que todo brasileiro queria ouvir: a Varig vai voltar a ser grande e importante, pois a Gol acaba de adquiri-la.

D) Esta é a notícia que todo brasileiro queria ouvir: a Varig vai voltar a ser grande e importante, onde a Gol acaba de adquiri-la.

03. A expressão **acendão aéreo** faz uma referência, por antítese,

A) à crise financeira e gerencial da Varig e ao apagão aéreo.

B) à greve dos controladores de voo e ao apagão de energia elétrica.

C) à ineficiência do governo e ao apagão moral no congresso nacional.

D) às más notícias nos jornais e ao apagão de boas notícias.

Instrução: Leia o texto seguinte para responder às questões de **04** a **07**.

A Terra ameaçada

01 Claro que não cremos em fantasmas, mas sabemos seguramente que eles existem. Precatemo-nos, pois. Estas duas linhas iniciais servem apenas para entrar no assunto da moda – biocombustíveis.

05 Depois de muitas décadas, descobriu-se que, de fato, o petróleo vai acabar, que o seu consumo é causador de impactos sobre a Terra, e que, em consequência, cumpre buscar outras matrizes energéticas.

Uma conclusão que veio atrasada, mas não
10 tardiamente. Há decênios, pesquisadores, cientistas e homens de experiência no trato da terra, sabiam que este seria o caminho. Mas foi procrastinado, adiado; surgiu o Proálcool, que faleceu no vendaval de erros, embora demonstrando cabalmente que cumpria achar solução
15 outra – ou outras – para o problema da energia, para substituir o ouro negro.

Depois que se chegou à conclusão de que a Terra está ameaçada, que sua temperatura poderá aumentar em até quatro graus neste século, em consequência do
20 crescimento da concentração de dióxido de carbono na atmosfera, sobretudo por causa do uso de combustíveis fósseis, despertou-se a atenção para um problema que é de cada homem e de todos os homens.

É imprescindível mudar-se a matriz energética, eis
25 o fato. Sílvia Ribeiro, pesquisadora do Grupo ETC, em artigo, raciocina que a lógica de fundo não é abandonar o petróleo, nem mudar os padrões de consumo geradores do aquecimento global. O que se pretende, diz Sílvia, é aproveitar a situação para criar novas fontes de
30 negócios, promovendo e subsidiando a produção industrial de cultivos para esses fins.

Há aspectos a considerar. Um reside em conter o colapso ambiental do planeta; outro está em oferecer uma alternativa para a agricultura camponesa. Mas há
35 ainda de se evitar que a sobrevida ao agronegócio produza impactos ambientais graves.

SANTOS, Manuel Hygino dos. A Terra ameaçada. *Hoje em dia*, 09 abr. 2007. p.2

04. Na expressão "precatemo-nos, pois", do primeiro parágrafo do texto "A Terra ameaçada", o verbo **precatar** significa

A) acatar.

B) apregoar.

C) admoestar.

D) acautelar.

05. "Uma conclusão que veio atrasada, mas não tardiamente". (linhas 09 – 10)

Essa expressão faz referência à conclusão de que

A) a temperatura poderá aumentar até quatro graus, por isso a Terra está ameaçada.

B) a questão energética é de cada homem e de todos os homens.

C) o petróleo vai acabar e cumpre buscar outras matrizes energéticas.

D) a lógica não é abandonar o petróleo, mas promover a produção industrial.

06. Leia o trecho:

"Mas foi procrastinado, adiado; surgiu o Proálcool, **que faleceu no vendaval de erros**, embora demonstrando cabalmente **que cumpria achar solução outra – ou outras – para o problema da energia**, para substituir o ouro negro". (linhas 12 – 16)

As orações destacadas são, respectivamente,

A) subordinada adjetiva explicativa / subordinada substantiva objetiva direta.

B) coordenada sindética explicativa / subordinada adjetiva explicativa.

C) subordinada substantiva objetiva direta / subordinada substantiva objetiva direta.

D) coordenada sindética explicativa / subordinada substantiva objetiva direta.

07. Leia o trecho:

> Depois que se chegou à conclusão de que a Terra está ameaçada, que sua temperatura poderá aumentar em até quatro graus neste século, em consequência do crescimento da concentração de dióxido de carbono na atmosfera, sobretudo por causa do uso de combustíveis fósseis, despertou-se a atenção para um problema que é de cada homem e de todos os homens. (linhas 17 – 23)

Assinale a alternativa que apresenta **CORRETAMENTE** a oração principal do período.

A) "Depois que se chegou à conclusão [...]"

B) "[...] despertou-se a atenção para um problema [...]"

C) "[...] que é de cada homem e de todos os homens."

D) "[...] de que a Terra está ameaçada [...]"

08. (UFSM-RS–2006) Em "As marcas, palitinhos, pauzinhos não são eficientes nesse caso, pois seriam muitos", a segunda oração justifica a primeira. Se a questão da **eficiência** das marcas, palitinhos, pauzinhos fosse redigida em forma de oração adjetiva, e o fato de **serem muitos**, em forma de oração principal, o período seria:

A) As marcas, palitinhos, pauzinhos, que não são eficientes nesse caso, seriam muitos.

B) Não seriam eficientes, nesse caso, as muitas marcas, palitinhos, pauzinhos.

C) Seriam muitos, nesse caso, as marcas, palitinhos, pauzinhos.

D) As marcas, palitinhos, pauzinhos, que seriam muitos, não seriam eficientes nesse caso.

E) Seriam muitos as marcas, palitinhos, pauzinhos; logo, não seriam eficientes.

09. (FATEC-SP–2010) Considere o trecho seguinte:

Há o lado policial, ou de guerra, com os Estados Unidos **construindo** muros e **fortalecendo** a repressão em suas linhas de junção com o território mexicano. E há o lado político e econômico: o da imigração. Um homem mexicano de 35 anos, com nove de instrução, pode ganhar 132% a mais trabalhando nos Estados Unidos.

As orações em cujo interior estão os verbos **construindo** e **fortalecendo**, destacados no trecho do texto, equivalem a orações subordinadas adjetivas (reduzidas de gerúndio). Assinale a alternativa em que essas orações encontram-se desenvolvidas **ADEQUADAMENTE**.

A) [...] Estados Unidos ainda que construam muros e que fortaleçam a repressão [...]

B) [...] Estados Unidos, onde se constroem muros e se fortalecem a repressão [...]

C) [...] Estados Unidos, que constroem muros e que fortalecem a repressão [...]

D) [...] Estados Unidos logo que constroem muros e fortalecem a repressão [...]

E) [...] Estados Unidos no qual constroem muros que fortalecem a repressão [...]

(UFAL–2010)

Instrução: Leia o texto a seguir para responder à questão **10**.

Mentira e Verdade

Alguns estudiosos afirmam que a mercadoria mais importante do mundo moderno é a informação. Pensando bem, foi sempre mais ou menos assim. Quem detinha a informação era poderoso – daí que a mídia foi elevada a quarto poder, tese contra a qual sempre me manifestei, achando que a mídia é uma força, mas não o poder.

Com a chegada da Internet, suas imensas e inesperadas oportunidades, o monopólio da informação pulverizou-se. Os jornais, creio eu, foram os primeiros a sentir o golpe, os livros logo em seguida, havendo até a previsão de que ele acabará na medida em que se limitar ao seu atual desenho gráfico, que vem de Gutenberg.

Acontece que, mais cedo ou mais tarde, a mídia impressa ficará dependente não dos seus quadros profissionais, de sua estrutura de captação das informações. Qualquer pessoa, a qualquer hora do dia ou da noite, acessando blogs e *sites* individualizados, ficará por dentro do que acontece ou acontecerá.

Na atual crise que o país atravessa, a imprensa em muitas ocasiões foi caudatária do que os blogs informavam duas, três vezes ao dia. Em termos de amplidão, eles sempre ganharão de goleada da imprensa escrita e falada.

O gigantismo da Internet tem, porém, pés de barro. Se ganha no alcance, perde no poder de concentração e análise. Qualquer pessoa, medianamente informada ou sem informação alguma, pode manter uma fonte de notícias ou comentários com responsabilidade zero, credibilidade zero, coerência zero.

O mercado da informação, que formaria o poder no mundo moderno, em breve estará tão poluído que dificilmente saberemos o que ainda não sabemos: o que é mentira e o que é verdade.

CONY, Carlos Heitor. Mentira e Verdade.
Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult505u241.shtml>. Acesso em: 12 out. 2009.

10. Acerca de relações interoracionais presentes no texto, analise as proposições a seguir.

1. O trecho "Alguns estudiosos afirmam que a mercadoria mais importante do mundo moderno é a informação." exemplifica um caso em que o complemento de um verbo está na forma de uma oração.
2. Ao afirmar que "O gigantismo da Internet tem, porém, pés de barro.", o autor opera uma mudança na direção argumentativa do texto.
3. No trecho "Quem detinha a informação era poderoso.", temos um caso em que o sujeito está codificado na forma de uma oração.
4. No trecho "Na atual crise que o país atravessa", o autor utiliza duas formas com função adjetiva em relação ao substantivo "crise": "atual" e "que o país atravessa".

Estão **CORRETAS**

A) 1, 2, 3 e 4.

B) 1, 2 e 3, apenas.

C) 1, 2 e 4, apenas.

D) 1, 3 e 4, apenas.

E) 2, 3 e 4, apenas.

11. (FMC-RJ–2011) Analise o fragmento.

"Uma antiga lenda maia diz **que** o mundo se acabará no ano da graça de 2012."

Identifique a opção em que o termo em negrito exerça a mesma função daquela observada no trecho em destaque.

A) "... e é o homem **que** tem na mão, agora e já, o destino do mundo."

B) "Destino **que** passa inexoravelmente pela relação entre ele, o homem, e a Natureza."

C) "Anunciaram e garantiram **que** o mundo ia se acabar / por causa disso minha gente lá em casa começou a rezar ...

D) "Há muita gente **que** acredita que o aquecimento global é lorota, conversa de país rico pra boi de país pobre dormir."

LÍNGUA PORTUGUESA

SEÇÃO ENEM

01.

Disponível em: <http://blogamargo.files.wordpress.com/2007/07/mastercard.jpg>. Acesso em: 06 jun. 2010.

A palavra "que" tem a mesma classificação morfológica nas três primeiras frases dessa publicidade. Essa palavra tem classificação idêntica no *slogan*

A) CINEMARK – É mais que cinema. É Cinemark.

B) BANCO REAL – O banco que faz mais por seus clientes.

C) ESTADÃO – A diferença é que o Estadão funciona.

D) FININVEST – Quem disse que não dá? Na Fininvest dá.

E) HSBC – Pode entrar que o mundo é seu.

Instrução: Texto para as questões **02** e **03**

Bom conselho

Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança

Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

Corro atrás do tempo
Vim de não sei onde
Devagar é que não se vai longe
Eu semeio vento na minha cidade
Vou pra rua e bebo a tempestade

BUARQUE, Chico. Bom conselho
Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/letras/bomcons_72.htm>. Acesso em: 01 abr. 2011

02. Nessa canção, Chico Buarque desconstrói provérbios, também conhecidos como ditados populares. O único que tem seu sentido respeitado na música é:

A) Devagar se vai ao longe.

B) Faz o que te digo e não o que faço.

C) Quem espera sempre alcança.

D) Se conselho fosse bom, não se dava, vendia-se.

E) Esperar sentado, que em pé cansa.

03. A palavra "que" desempenha a mesma função sintática que tem no segundo verso da música de Chico Buarque em:

A) Não gostei do evento a que fui ontem porque estava muito cheio.

B) A moça de que gosto sequer sabe de minha existência.

C) O carro que ela queria comprar lhe custaria um ano de trabalho árduo.

D) Foi ele que contou às crianças sobre o fatídico acidente de seus pais.

E) No dia em que ocorreu o grande terremoto, eu estava bastante apreensivo.

GABARITO

Fixação

01. D
02. D
03. C
04. D
05. D

Propostos

01. B
02. C
03. A
04. D
05. C
06. A
07. B
08. A
09. C
10. A
11. C

Seção Enem

01. B
02. E
03. C

LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO **15** FRENTE **C**

Período composto por subordinação – orações subordinadas adverbiais

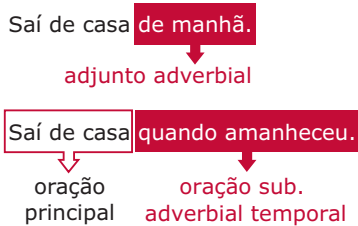
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Conforme visto anteriormente, as orações subordinadas adverbiais, por definição, funcionam como adjuntos adverbiais da oração principal, à qual se ligam, exceto em alguns casos, por uma conjunção subordinativa. De acordo com o contexto da frase e com o correto uso da conjunção, identifica-se a circunstância expressa pela oração.

TIPOS DE ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Temporais

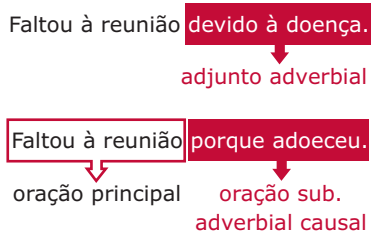
Indicam a circunstância de tempo em que ocorre o evento contido na oração principal.

Saí de casa **de manhã.**
↓
adjunto adverbial

- *Saí de casa **assim que** **amanheceu**.*
- ***Tão logo** **amanheceu**, saí de casa.*

Causais

Expressam causa, motivo, razão, da ideia contida na oração principal.

Faltou à reunião **devido à doença.**
↓
adjunto adverbial

Faltou à reunião | **porque adoeceu.**
↓ oração principal | ↓ oração sub. adverbial causal

- *Faltou à reunião **visto que** **estava doente**.*
- *Faltou à reunião **uma vez que** **estava doente**.*
- ***Dado que** **estava doente**, faltou à reunião.*

TOME NOTA!

É preciso estar atento para o uso da conjunção "pois", que pode indicar causa, explicação ou conclusão. Veja os exemplos:

- *Tinha caído um temporal, **pois a varanda e a sala estavam completamente encharcadas**.*

↓

ORAÇÃO COORDENADA SINDÉTICA EXPLICATIVA

Nesse caso, a oração coordenada sindética introduzida pela conjunção "pois" indica um evento posterior ao apresentado na oração assindética.

- *A varanda e a sala estavam completamente encharcadas, **pois tinha caído um temporal**.*

↓

ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL CAUSAL

Nesse caso, a oração subordinada adverbial introduzida pela conjunção "pois" indica um evento anterior ao apresentado na oração principal.

- *Tinha caído um temporal; **a varanda e a sala estavam, pois, encharcadas**.*

↓

ORAÇÃO COORDENADA SINDÉTICA CONCLUSIVA

Nesse caso, a conjunção "pois" aparece sempre após o verbo da oração coordenada sindética.

Condicionais

Expressam condição ou hipótese em relação à oração principal.

Sem muito estudo, não será bom médico.

adjunto adverbial

Se não estudar muito, não será bom médico.

oração sub. adverbial condicional — oração principal

– *Será bom médico, **contanto que** **estude muito**.*
– ***Caso** **estude muito**, será bom médico.*
– ***Desde que** **estude muito**, será bom médico.*
– *Não será bom médico, **exceto se** **estudar muito**.*
– *Não será bom médico, **a menos que** **estude muito**.*

Conformativas

Exprimem acordo ou conformidade de um fato relativo à oração principal.

– ***Segundo** **informou a previsão**, não choverá amanhã.*
– ***De acordo** **com o que informou a previsão**, não choverá amanhã.*

Finais

Expressam finalidade, objetivo, do fato expresso na oração principal.

– *Eles vieram aqui **com o objetivo de** **estudar Português**.*
– *Eles vieram aqui **a fim de** **estudar Português**.*
– *Eles vieram aqui **com a pretensão de** **estudar Português**.*
– *Fiz-lhe sinal **que** **se calasse**.*
– *O futuro se nos oculta **para que** **nós o imaginemos**.*

Modais

Expressam modo, maneira, em relação à oração principal.

Aqui viverás em paz, sem incômodo.

adjunto adverbial de modo

Aqui viverás em paz, sem que ninguém o incomode.

oração principal — oração sub. adverbial modal

– *Aqui viverás em paz, **de forma que** **ninguém o incomode**.*
– *Entrou na sala **sem que** **nos cumprimentasse**.*

Concessivas

Exprimem um fato que se opõe à oração principal, porém, não a inviabiliza.

Apesar dos gritos, não fui ouvido.

adjunto adverbial de concessão

Apesar de ter gritado, não fui ouvido.

oração sub. adverbial concessiva — oração principal

– ***Embora** **tenha gritado**, não fui ouvido.*
– ***Por mais que** **gritasse**, não seria ouvido.*
– *Não fui ouvido, **se bem que** **tenha gritado**.*

TOME NOTA!

Como foi visto, tanto as orações coordenadas sindéticas adversativas quanto as orações subordinadas adverbiais concessivas indicam oposição de ideias e, para diferenciá-las e classificá-las, é necessário conhecer as conjunções que as introduzem.

A fim de entender mais claramente a diferença semântica entre elas, saiba que as conjunções adversativas sempre introduzem uma informação mais importante que a da oração assindética. As conjunções concessivas, por sua vez, introduzem uma informação menos relevante que a da oração principal. Atente-se para os exemplos:

– *Ronaldo Fenômeno é um bom jogador, **mas** sempre se envolve em escândalos.*
– *Ronaldo Fenômeno é um bom jogador, **embora** sempre se envolva em escândalos.*

No primeiro exemplo, o fato de Ronaldo envolver-se em escândalos está em evidência e se sobrepõe ao fato de ele ser um bom jogador. No segundo, o fato de Ronaldo envolver-se em escândalos não lhe tira o mérito de ser um bom jogador, que, nesse caso, é a informação mais importante.

Para resolver uma questão objetiva sobre esse conteúdo, a melhor estratégia é identificar as conjunções de um e de outro tipo. Ao redigir um texto, entretanto, o conhecimento das diferenças semânticas entre adversativas e concessivas pode ser útil para criar diferentes efeitos de sentido, destacando a informação que melhor atende às suas intenções comunicativas.

Consecutivas

Exprimem a consequência ou o resultado decorrente do evento indicado na oração principal.

- *__Tamanha__ era a perfeição da obra, __que__ **foi premiado**.*
- *Executou a obra com __tanta__ perfeição, __que__ **acabou sendo premiado**.*
- *Falou com uma calma __que__ **todos ficaram atônitos**.*
- *Ainda assim, não andei __tão__ depressa __que__ **amarrotasse as calças**.*

Proporcionais

Denotam a ideia de proporcionalidade em relação à oração principal.

- ***Quanto mais* se vive**, *mais se aprende.*
- ***À proporção que* se vive**, *mais se aprende.*
- ***Quanto menos* te esforçares**, *mais te arrependerás.*
- *A situação de Mendonça,* ***ao passo que* se tornara mais clara**, *estava mais difícil que antes.*

TOME NOTA!

As locuções conjuntivas "à medida que" e "na medida em que", embora sejam formalmente semelhantes, exprimem ideias distintas: esta indica causalidade e aquela, proporcionalidade. As orações em que aparecem não são, portanto, classificadas da mesma forma. Veja os exemplos:

- ***À medida que* o auditório se enchia**, *o barulho aumentava.*

  ↓

  ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL PROPORCIONAL

- ***Na medida em que* o auditório estava lotado**, *o barulho era insuportável.*

  ↓

  ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL CAUSAL

"Na medida em que" não é uma locução conjuntiva aceita pela Gramática Normativa, embora seu uso seja cada vez mais comum na fala e na escrita. Sendo assim, em textos com alto grau de formalidade, evite usar essa expressão.

Comparativas

Exprimem comparação.

- *A preguiça gasta a vida* ***como* a ferrugem consome o ferro**.
- *Parou perplexo* ***como* se esperasse um guia**.

ORAÇÕES ADVERBIAIS REDUZIDAS

Temporais

- *Pense bem* ***antes de falar***.
- *Você,* ***varrendo o quarto***, *não terá encontrado algumas moedas?*
- ***Abertas as portas***, *entraram as visitas.*

Causais

- ***Por estar doente***, *faltou à reunião.*
- ***Surpreendidos por repentina chuva***, *pusemo-nos a correr.*
- ***Prevendo uma resposta indelicada***, *não o interroguei.*

Condicionais

- *Não sairá* ***sem antes me avisar***.
- ***Ficando aí***, *nada verás.*
- ***Aceita a força por fundamento jurídico***, *o mundo seria uma arena de feras.*

Conformativa

- ***Seguindo o velho hábito***, *ele e a esposa iam juntos ao culto divino na igreja da paróquia.*

Finais

- *Os hóspedes deixaram o hotel* ***a fim de visitar o centro histórico***.

Modais

- *Retirei-me discretamente,* ***sem ser percebido***.
- *Aprende-se um ofício* ***praticando-o***.

Concessivas

- *Ofendi-os* ***sem querer***.
- ***Mesmo correndo***, *não o alcançou.*
- ***Sitiada por um inimigo implacável***, *a cidade não se rendeu.*

Consecutivas

– *Aquele filme o impressionou tanto, **a ponto de tirar-lhe o sono**.*

Observações:

– Algumas orações se apresentam mais frequentemente na forma reduzida, ao passo que outras nem sequer a possuem.

– Nem sempre as subordinadas adverbiais têm um adjunto adverbial correspondente.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (FASEH-MG–2006) "Todo aquele [...] que usa drogas **para** imitar, **para** fazer parte, **para** relaxar, **para** fugir de problemas que não são tragédias [...] empurrou [...] **para** a sua tristíssima e imerecida morte aqueles meninos e meninas [...]"

Considerando-se as cinco palavras destacadas, nesse período, é **CORRETO** afirmar que introduzem oração

A) apenas duas delas.
B) apenas três delas.
C) apenas quatro delas.
D) todas elas.

02. (UFAM-2009) Assinale a alternativa em que está **INCORRETA** a classificação da oração em destaque.

A) A estrela brilhava no eterno azul **como uma vela**. (subordinada adverbial comparativa)
B) A Lua dizia **que a claridade do Sol resumia toda a luz**. (subordinada substantiva objetiva direta)
C) **Como estava enfarado de sua enorme e desmedida umbela**, o Sol invejava o vaga-lume. (subordinada adverbial causal)
D) A Lua admirava a auréola de nume **que o sol ostentava**. (subordinada adjetiva restritiva)
E) **Enquanto bailava no ar**, o inquieto vaga-lume fitava com ciúme da estrela. (subordinada adverbial proporcional)

03. (Milton Campos-MG)

"Fosse eu Vieira
(o padre), e vos diria, malcriado,
muitas e boas [...]"

Em todas as alternativas, foram apresentadas palavras que, se antepostas à forma verbal "fosse", manteriam o sentido sugerido no texto original, **EXCETO** em:

A) Desde que
B) Caso
C) Contanto que
D) Posto que

04. (Milton Campos-MG)

"aquela que, florindo e reflorindo, soa
qual cantata de Bach em vossa glória [...]"

Nos versos, há uma oração que traduz circunstância de

A) conformidade.
B) comparação.
C) causalidade.
D) consequência.

05. (UNIFESP–2009 / Adaptado) "[...] Dercy Gonçalves sem falar 'p.q.p.' ou 'filha da p.' seria o mesmo que Carmen Miranda sem o turbante e os balangandãs. Dercy não fraudava a expectativa. **Se o palhaço não pode deixar de tropeçar, ela não podia deixar de soltar o palavrão**."

O trecho negritado pode ser parafraseado e substituído por:

A) À medida que o palhaço não pode deixar de tropeçar, ela não podia deixar de soltar o palavrão.
B) O palhaço não pode deixar de tropeçar, no entanto ela não podia deixar de soltar o palavrão.
C) Embora o palhaço não pode deixar de tropeçar, ela não podia deixar de soltar o palavrão.
D) O palhaço não pode deixar de tropeçar, tanto que ela não podia deixar de soltar o palavrão.
E) Assim como o palhaço não pode deixar de tropeçar, ela não podia deixar de soltar o palavrão.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

(FASEH-MG–2008)

Instrução: As questões de **01** a **07** relacionam-se com o texto a seguir. Leia atentamente todo o texto antes de responder a elas.

Seis anos depois...

1 Além dos profissionais envolvidos no resgate de vítimas, várias pessoas que moram, trabalham perto ou visitaram a área outrora ocupada pelas torres gêmeas do WTC, em Nova York, estão apresentando problemas de saúde relacionados com a queda das torres. O caso mais traumático é o de pessoas que desenvolveram alguma espécie de câncer no sangue.

2 O Programa de Monitoramento Médico do WTC estuda um grupo que teve contato com o Ground Zero e que sofre de leucemia, linfoma ou mieloma. "O que mais nos preocupa é o fato de termos casos de mieloma múltiplo em indivíduos muito jovens", diz Robin Herbert, codiretora do programa e professora do Departamento de Medicina Preventiva Comunitária da Escola de Medicina Mount Sinai, nos EUA.

3 Segundo estudo publicado no "New England Journal of Medicine", 71 mil pessoas estão sendo monitoradas. Com isso, uma equipe liderada pelo epidemiologista Philip Landrigan chegou a algumas certezas. Por meio de amostras do ar, constataram que a maioria das partículas (95%) é composta de cimento pulverizado, fibra de vidro, asbestos, chumbo, dioxinas e líquidos inflamáveis. Algumas dessas substâncias são cancerígenas. Outras são toxinas que ficam alojadas no sangue e nas células.

4 Coquetéis com essas substâncias foram administrados em ratos, que apresentaram inflamação pulmonar moderada e hiper-reatividade nos brônquios. São sintomas parecidos com os encontrados, em vários estágios, nos 10 116 bombeiros que trabalharam no resgate de vítimas no WTC. Mas não foi preciso meter a mão na massa para apresentar os sintomas. Moradores apresentaram aumento nos casos de tosse e respiração ofegante. Isso não é o pior: constatou-se que os fetos de 182 grávidas que moram ou trabalham na região apresentaram crescimento menor que o normal.

GALILLEU, ago. 2007.

01. Partindo-se de informações explícitas no texto, é **CORRETO** afirmar que os atentados terroristas contra as torres gêmeas

A) fizeram surgir doenças ainda desconhecidas.
B) forçaram a criação de cursos de saúde.
C) mataram pessoas que tinham doenças do sangue.
D) produziram efeitos que ainda se manifestam.

02. "Mas não foi preciso meter a mão na massa para apresentar os sintomas." (4º parágrafo)

Considerando-se especificamente o que se expressa nessa frase, é **INCORRETO** afirmar que os atingidos pelo atentado às torres gêmeas foram apenas

A) as pessoas que visitavam o local.
B) os moradores das regiões próximas.
C) os profissionais que faziam os resgates.
D) os trabalhadores que estavam na vizinhança.

03. As informações contidas no texto permitem afirmar que as sequelas originadas dos atentados produziram-se, principalmente, a partir

A) das vias respiratórias.
B) do aparelho digestivo.
C) do sistema circulatório.
D) dos contatos cutâneos.

04. Pela leitura do texto, é possível concluir que as pesquisas científicas relativas às consequências dos atentados podem ser consideradas

A) aleatórias.
B) idôneas.
C) inconsequentes.
D) inespecíficas.

05. "[...] a maioria das partículas (95%) **é composta** de cimento pulverizado [...]" (3º parágrafo)

É **CORRETO** afirmar que a forma verbal destacada nessa frase pode ser adequadamente substituída por

A) compõe-se.
B) compunha-se.
C) era composta.
D) estava composta.

06. "**Algumas dessas** substâncias são cancerígenas." (3º parágrafo)

É **CORRETO** afirmar que as palavras destacadas nessa frase são, morfologicamente,

A) adjetivos.
B) advérbios.
C) numerais.
D) pronomes.

07. "[...] constatou-se **que** os fetos de 182 grávidas **que** moram ou trabalham na região apresentaram crescimento menor **que** o normal." (4º parágrafo)

Das palavras destacadas nessa frase, é **CORRETO** afirmar que

A) apenas uma delas exerce função de sujeito.
B) duas das palavras destacadas exercem função de sujeito.
C) duas das palavras destacadas são conjunções explicativas.
D) todas as palavras destacadas são pronomes relativos.

(UFAM–2010)

Instrução: Leia a crônica seguinte, intitulada "Como se comportar no cinema (A arte de namorar)", de Vinicius de Moraes. Em seguida, responda às questões de **08** a **09**, que a ela se referem.

Poucas atividades humanas são mais agradáveis que o ato de namorar, e é sobre a arte de praticá-lo dentro dos cinemas que queremos fazer esta crônica.

Porque constitui uma arte fazê-lo bem no interior de recintos cobertos, mormente quando se dispõe da vantagem de ambiente escuro propício. A tendência geral do homem é abusar das facilidades que lhe são dadas, e nada mais errado; pois a verdade é que namorando em público, além dos limites, perturba ele aos seus circunstantes, podendo atrair sobre si a curiosidade, a inveja e mesmo a ira daqueles que vão ao cinema sozinhos e pagam pelo direito de assistir ao filme em paz de espírito.

Ora, o namoro é sabidamente uma atividade que se executa melhor a coberto da curiosidade alheia. Se todos os freqüentadores dos cinemas fossem casais de namorados, o problema não existiria, nem esta crônica, pois a discrição de todos com relação a todos estaria na proporção direta da entrega de cada um ao seu namoro específico. De modo que, uma das coisas que os namorados não deveriam fazer é se enlaçar por sobre o ombro e juntar as cabeças. Isso atrapalha demais o campo visual dos que estão à retaguarda.

Cochichar, então, é uma grande falta de educação entre namorados no cinema. Nada perturba mais que o cochicho constante e, embora eu saiba que isso é pedir muito dos namorados, é necessário que se contenham nesse ponto, porque afinal de contas aquilo não é casa deles. Um homem pode fazer milhões de coisas – massagem no braço da namorada, cosquinha no seu joelho, festinha no rostinho delazinha; enfim, a grande maioria do trabalho de "mudanças" em automóveis não hidramáticos – sem se fazer notar e, conseqüentemente, perturbar aos outros a fruição do filme na tela. Porque uma coisa é certa: entre o namoro na tela – e pode ser até Clark Gable *versus* Ava Gardner – e o namoro no cinema, este é que é o real e positivo, o perturbador, o autêntico.

08. No texto, encontra-se uma hipótese que anularia a existência da crônica que Vinicius escreveu. Esse período tem início

A) por uma oração subordinada adjetiva explicativa.
B) por uma oração subordinada adverbial.
C) pela oração principal.
D) por uma oração subordinada adjetiva restritiva.
E) por uma oração subordinada substantiva.

09. A oração "porque afinal de contas aquilo não é casa deles", constante do último parágrafo, pode ser classificada, de acordo com o sentido que possui no texto, como

A) coordenada conclusiva.
B) subordinada causal.
C) subordinada concessiva.
D) coordenada explicativa.
E) subordinada substantiva subjetiva.

10. (UFAM–2010) Assinale a opção correspondente ao período em que haja orações subordinadas coordenadas entre si.

A) Então as luzes todas se acenderam, fazendo-se uma claridade dolorosa.
B) Contratei uma jovem moça que se oferecia para ser intérprete e tradutora.
C) Ouça, veja e cale, se quiser viver em paz.
D) Fernando Pessoa, cujo grande invento consistiu na criação de outros poetas fictícios, escreveu o livro *Mensagem*.
E) Todos sabem que Chico Buarque escreve belos romances e compõe lindas músicas.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2004) No trecho "Montes Claros cresceu tanto, / [...] / que já tem cinco favelas", a palavra "que" contribui para estabelecer uma relação de consequência. Dos seguintes versos, todos de Carlos Drummond de Andrade, apresentam esse mesmo tipo de relação:

A) "Meu Deus, por que me abandonaste / se sabias que eu não era Deus / se sabias que eu era fraco."
B) "No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu / a ninar nos longes da senzala – e nunca se esqueceu / chamava para o café."
C) "Teus ombros suportam o mundo / e ele não pesa mais que a mão de uma criança."
D) "A ausência é um estar em mim. / E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, / que rio e danço e invento exclamações alegres."
E) "Penetra surdamente no reino das palavras. / Lá estão os poemas que esperam ser escritos."

02. (Enem-2010) "O Flamengo começou a partida no ataque, **enquanto** o Botafogo procurava fazer uma forte marcação no meio campo e tentar lançamentos para Victor Simões, isolado entre os zagueiros rubro-negros. **Mesmo** com mais posse de bola, o time dirigido por Cuca tinha grande dificuldade de chegar à área alvinegra **por causa** do bloqueio montado pelo Botafogo na frente da sua área. **No entanto**, na primeira chance rubro-negra, saiu o gol. **Após** cruzamento da direita de Ibson, a zaga alvinegra rebateu a bola de cabeça para o meio da área. Kléberson apareceu na jogada e cabeceou por cima do goleiro Renan. Ronaldo Angelim apareceu nas costas da defesa e empurrou para o fundo da rede quase que em cima da linha: Flamengo 1 a 0."

Disponível em: <http://momentodofutebol.blogspot.com> (Adaptação).

O texto, que narra uma parte do jogo final do Campeonato Carioca de futebol, realizado em 2009, contém vários conectivos, sendo que

A) **após** é conectivo de causa, já que apresenta o motivo de a zaga alvinegra ter rebatido a bola de cabeca.
B) **enquanto** tem um significado alternativo, porque conecta duas opções possíveis para serem aplicadas no jogo.
C) **no entanto** tem significado de tempo, porque ordena os fatos observados no jogo em ordem cronológica de ocorrência.
D) **mesmo** traz ideia de concessão, já que "com mais posse de bola", ter dificuldade não é algo naturalmente esperado.
E) **por causa de** indica consequência, porque as tentativas de ataque do Flamengo motivaram o Botafogo a fazer um bloqueio.

03. Leia o trecho seguinte:

Ora sabereis que a riqueza de expressão intelectual [dos paulistas] é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra. [...]
Macunaíma aproveitava a espera se aperfeiçoando nas duas línguas da terra, o brasileiro falado e o português escrito.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*.

No trecho: "Ora sabereis que a riqueza de expressão intelectual [dos paulistas] é tão prodigiosa, **que falam numa língua e escrevem noutra**", a oração destacada estabelece com a oração anterior uma ideia de

A) adição.
B) conclusão.
C) modo.
D) consequência.
E) causa.

04. Leia o trecho seguinte:

Pela varanda
Flores tristes e baldias
Como a alegria
Que não tem onde encostar
E aí me dá uma tristeza
No meu peito
Feito um despeito
De eu não ter como lutar

MORAES, Vinicius de; HOLLANDA, Chico Buarque de. Garoto. Disponível em: <http://www.viniusdemoraes.com.br/discografia/index.php>. Acesso em: 06 set. 2010.

Nesses versos do poema, o poeta fez uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas com o uso de uma conjunção e de um verbo no particípio para estabelecer a mesma relação entre as frases. Essa conjunção e esse verbo estabelecem, entre as ideias relacionadas, um sentido de

A) oposição.
B) comparação.
C) alternância.
D) finalidade.
E) causa.

GABARITO

Fixação

01. C 02. E 03. D 04. B 05. E

Propostos

01. D 02. C 03. A 04. B 05. A 06. D 07. A 08. B 09. D 10. E

Seção Enem

01. D 02. D 03. D 04. B